

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1891, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA EM 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In praesens, validusque in veniens stimulus.

MARÇO DE 1896

ANNO III

VOL. III

N. 7



BAHIA

Editores—Bernardo da Cunha & C.

74 Rua do Corpo Santo-74

1896



REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

Anno III

Março de 1896

Num. 7

MEMORIA DESCRIPTIVA

DO

Municipio de Condeuba

LIDA PELO PRESIDENTE DO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA NAS SESSÕES DO MESMO INSTITUTO DE 24 DE MARÇO E 8 DE ABRIL DE 1895.



HISTORIA CIVIL

(Continuação) (*)

A localidade começou a desenvolver-se depois da lei n. 809 de 11 de Junho de 1860 que elevou-a á categoria de villa, comprehendendo os districtos de subdelegacia de S. Felippe, Lage de S. Gonçalo, Curraes Velhos e Santa Rosa, pertencendo o municipio á jurisdicção da comarca de Caetitê.

Pela Resol. n. 1411 de 7 de maio de 1874 foram creados mais 2 districtos de paz, um no districto da subdelegacia de S. Gon-

(*) Vide os ns. 4 e 5 do vol. 2º pags. 103 e 243 desta *Revista*.

galo das Lages e outro no da subdelegacia dos Curraes Velhos, com a denominação de Santa Rosa e Curraes Velhos: só havia os da Villa e S. Felippe.

Depois da organização municipal, com a proclamação da Republica, o conselho, pela Lei municipal n. 4 de 16 de Fevereiro de 1803, alterou estes districtos, ficando assim determinados: o da cidade comprehendendo o Candeal, o de S. João, o de S. Felippe e o de Santa Rosa. Os limites deste ultimo districto são os mesmos do da subdelegacia, creado, assim como os tres primeiros, pela extincta Assembléa Provincial.

O primeiro livro que devia ter registrado o assento de baptismo de sua autonomia, começa de fls. 20, ignorando-se o destino que tiveram as primeiras, de sorte que por elles jamais se saberá quando installou-se o municipio. Entretanto do Archivo Publico consta que o fôra a 14 de Maio de 1861 pelo major José Antonio Pimenta, presidente da Camara Municipal de Caetitê. Foram os primeiros vereadores as Srs.: capitão Antonio Joaquim Lopes da Rocha P., tenente Joaquim Simões de Oliveira, tenente-coronel Heitor Soares de Castro, Antonio Coelho de Farias, alferes Bartholomeu José da Silva, capitão Zeferino Pereira de Souza e o capitão José Antonio Torres.

A delegacia de policia foi creada por actos do governo de 18 de Junho de 1861 e 9 de Maio de 1862; e verificando-se, na fôrma do art. 31 da Lei de 3 de Dezembro de 1841, que era superior a 50 o numero de jurados apurados, foi, por acto do governo de 29 de Março de 1862, creado o fôro civil, ficando pertencente á comarca de Caetitê, e, tendo-se procedido a nova revisão em 13 de Janeiro de 1863 pelo Dr. Manuel Carrilho da Costa, foram apurados 98 jurados e 17 supplentes.

Elevado o municipio á categoria de termo pelo Dec. n. 3291 de 20 de Julho de 1864, para elle foi nomeado juiz municipal o bacharel Joaquim Pereira de Castro Coelho, por Dec. de 1º de Fevereiro de 1865, tomando posse a 29 de Julho do mesmo anno. Seguiram-se-lhe os bachareis Victorino Antonio do Sacramento, Adolpho Carlos Sanches, José Manuel Cavalcanti d'Almeida, Antonio Pedro de Mello e Ureicio Nunes da Silva Lamego (preparador).

Pela Lei Provincial n. 1997 de 9 de Julho de 1880 foi creada a

comarca de Santo Antonio da Barra; classificada de 1^a entrancia e marcados os vencimentos do promotor publico pelo Dec. n. 8760 de 18 de Novembro de 1882; foi installada a 31 de Janeiro de 1883 de conformidade com o Dec. n. 6491 de 14 de Fevereiro de 1877, sendo installado o registro de hypothecas a 8 de Fevereiro do mesmo anno de 1883.

A comarca comprehendia as 2 freguezias de Santo Antonio da Barra e Nossa Senhora da Conceição do Candeal, que não foi canonisada e foi revogada, e a de Nossa Senhora da Boa Viagem e Almas.

Quando pertencente o termo á comarca de Caetité teve por juizes de direito os bachareis Manuel Carrilho da Costa e José Antonio Gomes Netto (depois Barão de Caetité); quando termo dependente da comarca da Victoria, pela Lei n. 3111 de 28 de Maio de 1873 art. 11 § 5, o bacharel Francisco Ferreira Pacheco de Mello, nomeado por Dec. de 11 de Outubro de 1873, que tomou posse a 22 de Janeiro de 1874, e por Dec. de 24 de Dezembro de 1875 permutou com o bacharel Manuel do Nascimento Teixeira. Foi seu successor o bacharel Antonio Augusto Pereira de Mattos em Março de 1879.

Declarada comarca, foi nomeado juiz de direito o bacharel Ernesto Botelho d'Andrade por Dec. de 9 de Novembro de 1881, e no periodo do governo provisorio foi nomeado o bacharel Cezar Quirino da Silva.

Com a organização judiciaria de 15 de Julho de 1892, e por acto de 3 de Agosto do mesmo anno, depois de organizado o Estado, no regimen federativo, o governador do Estado, Dr. Joaquim Manuel Rodrigues Lima, usando da attribuição que lhe conferia o art. 7 das disposições transitorias da Constituição, na revisão judiciaria do Estado, a conservou com a denominação de Condeúba, servindo de séde, composta de tres termos—o da séde, Victoria e Poções. Foi novamente installada a 28 de Agosto de 1892 pelo juiz de direito, Dr. Augusto Vergne de Abreu.

Por proposta apresentada á Assembléa Provincial de 1889, assignada pelo Dr. Deoeciano Pires Teixeira, foi elevada á categoria de cidade, com a denominação de *Condeúba* pela

Resol. Provincial de 28 de Junho do mesmo anno, e solemne-
mente installada a 7 de Outubro do mesmo anno.

O municipio installou-se sem ter edificio proprio, pelo que
funcionou desde logo até Abril de 1879 (dezenove annos) no
consistorio da egreja matriz, com a reunião da camara e jury.

Em vista disto, surgiram reclamações do parochio ao presi-
dente da Provincia em 1º de Abril de 1879, pedindo uma provi-
dencia, qual a que em 20 de Julho de 1878 dera a presidencia
ao juiz de direito da comarca de Amargosa, considerando esse
funcionamento na egreja, contrario ao disposto no Aviso de 22
de Abril de 1830.

Entretanto, por iniciativa da população e subscrição entre ella
aberta, deu-se começo á casa da camara e cadeia em 1853,
quando ainda não gosava os fóros de villa, construindo-se-a de
pedra, barro e tijollo, tendo 7^m de altura, 13^m,5 de frente, e igual
numero de metros de cada lado, quadrada por tanto, e enjo
modelo foi tirado da de Caetitê. Esgotados os recursos, ficou a
obra paralyzada desde 1856, e começando a arruinar-se, pro-
moveu o Dr. José Antonio Gomes Netto, então juiz de direito,
após uma sessão do Jury, nova subscrição entre os jurados,
proprietarios e fazendeiros do logar, para a conclusão ou anda-
mento das obras, que elevou-se á importancia de 656\$000.

A Camara Municipal, tendo denuncia de que as grades de
ferro da cadeia, offerta do Capitão Francisco Xavier da Costa,
tinham sido alienadas ao negociante Francisco Antonio de Brito
Gondim pelo *administrador das mesmas obras*, Servulo de Souza
Paes, reuniu-se em sessão extraordinaria de 23 de março de
1863, tomando conhecimento do facto, e conseguiu havel-as,
não como offerta do mesmo Servulo, pois queria assim se as accei-
tasse; abriu nova subscrição e se dirigiu aos Poderes Publi-
cos, mandando logo proceder ao exame das obras e novo orça-
mento, calculado em 3:065\$000.

A Assembléa Provincial accedeu ás exigencias da Camara,
e pela Lei n. 950 de 27 de maio de 1864 art. 3 § 14 foi o Governo
auctorizado a despender a quantia necessaria com a dita obra;
quantia que a Camara nunca recebeu. Decorrem-se 9 annos em
que de balde esperava-se o auxilio promettido, até que por
novas exigencias da Camara, a Assembléa auctorizou nova-

mente, pela Lei Prov. n. 1041 de 4 de maio de 1874, o Governo a dispender com o referido edificio a quantia de 5:000\$000, quantia que só foi entregue a uma commissão por Acto de 15 de Novembro de 1878, a qual deu começo ás obras em principios de 1879, concluindo-as em 1881.

Está edificado no centro da cidade, na praça do mercado, do lado do S. em forma de sobrado, tendo no andar terreo as prisões.

Topographia — A cidade está situada em terreno plano, na margem direita do rio Gavião, e quasi na margem esquerda do Condeúba, onde se eleva o terreno, como da bacia por elles banhada.

Tem duas grandes praças uma em que está sita a Igreja Matriz e outra em que se acham a casa da Camara e o Mercado. Este se compõe de um grande barracão ladrilhado e com gradil, destinado á feira, que é concorridissima nos dias de sabbado, logar e dia designados pela Camara em sessão de 20 de Abril de 1870. Foi installado a 15 de Fevereiro de 1874, tendo sido removida a feira da Praça da Matriz, onde era feita antigamente.

Infelizmente motivos outres que não o embellezamento da cidade, que não o patriotismo soffreando os odios ou interesses de ordem menos elevada, obstaram a que do lado do Nascente tivesse essa praça o verdadeiro alinhamento, tirando a sua belleza, e evitando a que possuísse a cidade uma das mais lindas praças do sertão.

Suas ruas principaes são largas e rectas, o que não quer dizer que em geral não presidiu a sua edificação o pessimo systema de casas fora do alinhamento e ruas tortuosas pela necessidade de aproveitarem os primitivos habitantes as sinuosidades do rio.

A nova Camara, imbuída dos mais nobres sentimentos de patriotismo, eleita em 18 de Dezembro de 1892 e composta dos seguintes cidadãos, Coronel Olympio Cordeiro da Silva (intendente), Tenente-Coronel Hermano Alves Pereira (Presidente do Conselho), Capitão Juvencio Pereira Dutra, Martinho Moreira, José Moreira Cordeiro, Leopoldo Cesarano e Clemente Augusto da Silva Gondim, vai com vistas largas, calçando ruas, alargando outras, desmoronando predios em ruinas, etc.

Que este fervor patriótico não seja perturbado pelas facções políticas, fazendo retroceder com os erros de um systema decaído, os beneficios ou garantias de progresso que a descentralisação trouxe aos municipios, e para isto basta que não lhes arrefeça o enthusiasmo e o patriotismo, tendo em mira a economia indispensavel.

População — Em Agosto de 1862 mandou-se proceder ao recenseamento em todo o paiz: as circulares determinantes desse serviço, pela longitude e falta de actividade em serviços de certa importancia, chegaram a séde do municipio em Novembro desse anno: o trabalho deveria estar prompto em Dezembro. Na impossibilidade de n'um territorio de perto de 30 leguas quadradas, qual foi o da primitiva Freguezia, fazer a commissão nomeada um trabalho estatístico serio e criterioso, deliberou proceder a um mero calculo, todo imaginario, sem base, de 8 mil almas. Eis como se fazem certos serviços entre nós.

Pelo recenseamento de 1872, porém, estatística senão completa, pelo menos a mais regular, feita neste periodo em todo o Estado, foi de 21.023 habitantes, e pelo procedido em 1892 foi a sua população de 28,291.

Agricultura — Pela natureza do terreno que se divide em *mato cipó, catingas, veredas, capoeiras, geraes*, cortado de rios e riachos possui o Municipio no valle do Condeúba, isto é toda a zona limitrophe com o Estado de Minas, terrenos fertes que produzem todos os generos dos climas tropicaes.

Seus principaes productos são: o café, que passa como um dos meliores do Estado, infelizmente em pequena escala a sua exportação e descurado o seu plantio. Severissima licção nos dava S. Paulo, arrebanhando-nos todos os braços escravos no antigo regimen, fazendo do Municipio o escoadouro dessa negreganda mercadoria, que o estimulasse a evitar esse contrabando em boa hora extinto pela Assembléa Provincial, ou que fizesse retroceder do caminho da deshonra, da indifferença, da Pobreza a que ficou reduzido.

O assucar, de qualidade superior; a mandioca, o fumo, toda a sorte de cereaes, o algodão, que representou papel saliente ha 30 annos pouco mais ou menos, e cuja cultura, de ultimo, podemos dizer, é incipiente. Sua exportação era tão conside-

ravel que se o viajor quizesse, enfardaria com paciencia arrobas desta malvacea, taes os fragmentos que pelos ramos e tocos de arvores das estradas, mal limpas, se desprendiam dos fardos em prejuizo do pobre exportador.

Oxalá nossos conterraneos, comprehendendo melhor os seus interesses, o futuro de seus filhos e a grandeza da patria, não abandonem esta cultura, pouco laboriosa, e algum tanto remuneradora, não só pela procura das fabricas de tecido da Capital e do Estado de Minas que lھے ficam proximas, e que têm tomado consideravel impulso, como pelo desejo não irrealisavel de alguns patriotas que no alto sertão intentam montar uma fabrica.

A grande creação consiste em gado vaccum e cavallar, sempre dizimadas pelas seccas, e esta pelo *mal de cadeiras*; o suino, lanigero e cabrum, cujo commercio exportador das pelles deste e do toucinho d'aquelle, constitue hoje grande parte do seu commercio. Tempo houve em que nas margens dos rios, nas eatingas, grandes rebanhos de carneiros e cabras, de milhares de cabeças, saltitavam d'aqui ou d'ali, levantando nuvens de pó e espantando o animal do viajante descuidado! Esta creação, com a grande procura das pelles, longe de por este factó augmentar-se a producção, e o aperfeiçoamento ou cruzamento de raças mais apuradas, tem decrescido de modo espantoso.

Os abactores, miseraveis ladrões que á sorrelfa matam o animal alheio, tão somente para vender a pelle, enterrando na propria casa a carne, para evitar a acção da lei, quando esta, após a proclamação da Republica, tornou-se deficiente, inapplicavel, inefficaz senão protectora a essa horda de malfeitores, têm muito contribuido para isto. Mas, não é caso para desanimar-se: nossos conterraneos que adoptem a pastoreação, e grande riqueza lhes proporcionará esse ramo de negocio.

Industria — Industria fabril não ha apezar do Municipio offerecer grandes proporções para empreendimentos desta ordem. Sua industria incipiente é no estado primitivo, no desenvolvimento completo de machinas e utensilios modernos que augmentariam a producção e diminuiriam os braços em certos serviços, ali como em toda a parte hoje, muito raros, já pela crise economica que a todas as classes têm perturbado, já pelo

exodo de nossos patricios para S. Paulo, enganados por fementidos e illusorios salarios, consiste no fabrico da aguardente, licores, vinho de laranja, farinha de mandioca e milho, preparados de fumo, doces de marmello, araçá e umbú, obras de olaria, tecidos de algodão do qual fazem pannos para toalhas, cobertores e outros misteres, do mais grosseiro ao mais delicado, redes, etc., chapéos de palha e couro, obras de chifre e côco, arreios e outras obras, como malas de couro e sola, e muitos outros artefactos, que seria enfadonho enumerar.

Quizeramos ver inaugurada a industria do anil (*indigo*) ali tão abundante, estendendo-se em zonas consideraveis sem a menor cultura, e da qual extrahem o anil, com elle tingem as lans para o tecido; vê-se, de continuo, as mulheres que se dão a esse trabalho com as mãos envoltas em luvas azues.

A industria do anil no Estado com os melhoramentos e aperfeiçoamentos modernos trazidos, ao processo de fabricação, é fructo de grande alcance e que representa innumeradas vantagens n'um paiz como este cujo solo é particularmente apropriado a esta cultura.

Assim irão se introduzindo culturas diversas, cuja variedade dará bases mais solidas á riqueza publica e particular que não é prudente repousar sobre um ou dous ramos, apparentemente privilegiados de cultura.

O anil é actualmente um producto commercial de um valor real elevado, e como tal merece detida consideração e especial attenção.

A iniciativa particular sobre a viticultura desperta igualmente a attenção dos poderes publicos que tanto se têm descuidado destes assumptos.

Nos tempos antigos rara era a filha familia que não se despozava, levando de dote uma roda e fuzo para fiar e um descaroador para o algodão, e sob esta educação, era mal vista como espoza aquella que não sabia preparar o panno necessario para as necessidades da familia, o que faziam contentes, entoando cantos e lendas primitivas que fazem recordar os tempos poeticos cantados por Homero. Hoje a machina de costura substituiu as rodas e o fuzo e a educação vai se apurando com o *crochet*, o

bordado vai perdendo sua utilidade, e bem assim ensinamentos antigos indispensaveis á administração de uma casa de familia.

Pesca — A pesca feita em muito pequena escala, no estado primitivo, sem viveiros apropriados, sem o menor esforço para se a tornar rendosa ou productiva, apenas dá para o consumo local. Os principaes peixes são : o bagre, o piáu da galha que é o mais saboroso e procurado, a trahira, o mandim, o cary, etc.

Commercio — Pela exposição que se vem de fazer em relação á industria e agricultura se verifica que o commercio de exportação se limita ao café, aguardente, rapadura, assucar, fumo, arroz, milho, feijão, tecidos, pelles e couros, obras de chifre e côco, doces, requeijões e queijos, toucinhos e fazendas importadas, gado vaccum, cavallar e muor em pé. A exportação faz-se para os termos limitrophes, Almas, Caetité, Bom Jesus dos Meiras, Brejo Grande, Victoria e Lavras Diamantinas, neste Estado, e rio Pardo no de Minas.

A importação consiste em todos os productos estrangeiros ou nacionaes já importados, louças, ferragens, vidros, fazendas, e nas grandes crises, dos productos de exportação do Estado.

Quer uma, quer outra se faz em costa de animaes.

Instrucção Publica. Estado moral da população.

A indole do povo é mansa e pacifica.

Oriundos de pais religiosos, embora ignorantes em sua maioria, são moralisados, bons e hospitaleiros.

A maioria da população não sabe ler, nem escrever: é assim que no recenseamento de 1872 havia 19,469 analphabetos, e habituados a este prejuizo não se têm esforçado por adquirir a instrucção precisa para sua civilisação, grandeza e prosperidade de suas familias. Com grandes sacrificios as principaes familias mandam ensinar a seus filhos as primeiras letras e conhecimentos, sempre por pessoas pouco habilitadas que se intitulam mestres para ganharem o pão, e que, apesar de tudo prestam serviços e são cercados de respeito e consideração que nas cidades muito proximas de nós já se regateam aos profissionaes, como se não fôra um dever, mais do que isto uma gratidão. Por essa causa, mal aprendem assignar o nome, ler um manuscripto, firmar uma letra como garantia de suas trans-

acções, ser eleitor, a sua maior e mais justa e nobre aspiração, exercer o mais sagrado dos direitos do homem, hoje tão sophismado...

Já fuge hoje espavorida a santidade e pureza dos costumes, tão inebriante com o ar puro e balsamico de nossas florestas, e vai-se tornando escassa aquella franca hospitalidade e o proverbial cavalleirismo dos sertanejos que tanto servia para lhes exaltar o character:

Existem actualmente no Municipio 8 cadeiras de instrucção primaria, sendo 5 estaduais e 3 municipaes.

Das primeiras estão providas quatro, das segundas apenas uma.

A cidade tem 2 cadeiras, a do sexo masculino com a frequencia de 69 alumnos, creada a 16 de Junho de 1862, havendo sido primitivamente creada pela Camara Municipal da Victoria em 1º de Maio de 1840: a do feminino com 31 alumnas de frequencia, creada em 23 de Março de 1875.

A do Candeal, creada a 17 de Setembro de 1878, foi suppressa em virtude do disposto no Reg. de 23 de Maio de 1883, e mais tarde restaurada; é mixta e tem 29 alumnos de frequencia.

A do S. João, creada em 1886, para o sexo masculino com a frequencia de 34 alumnos.

A de S. Felippe, creada conjunctamente com a de S. João, está por prover-se! Infeliz cadeira é esta! Uma das mais antigas do Municipio, porque foi creada tambem pela Camara Municipal da Victoria a 25 de Novembro de 1840, sendo provida com a nomeação do professor Leopoldo José d'Arvellos. Foi suppressa em 1861 pela falta de grande frequencia de discipulos exigidos pelo Reg. de 28 de Dezembro de 1860.

O que é mais negro, porém, intoleravel mesmo n'um paiz civilisado, de uma area enormissima, de pequenos nucleos de população, esparso e sem recursos proprios, e no qual mais se devera tratar de disseminar a instrucção primaria não só, senão tambem de promover a educação civica do povo, mas de cujo assumpto os poderes publicos de outr'ora não cogitaram, do que alliciar e perdoar bandidos que hoje infelicitam nossos sertões, deshonrando-nos como povos selvagens ou barbarisados—é que a 13 de Outubro de 1862 fallece enforcado

naquelle arrzial o professor Germano Firmino Rodrigues Lobato, em vista de lhe serem recusados seus ordenados com a organização do novo Reg. de Instrucção Publica!

As cadeiras municipaes são: Tremedal e Santa Rosa, creadas pela Lei municipal n. 11 de 16 de Dezembro de 1893 e a do Descoberto pela Lei de n. 13 de 15 de Dezembro de 1894. Somente a do Tremedal está provida com a frequencia de 35 alumnos!

Deficientissima como se vê é a instrucção publica do municipio. Em uma população de 28,291 habitantes, frequentam as escolas o miserrimo numero de 198 alumnos! Isto é a enormissima desproporção de 1 alumno para cada 143 habitantes!

No regimen da monarchia tinham-se alistado 246 eleitores; no actual e revizão procedida em Abril de 1894 foram qualificados 2,927 eleitores federaes e na de Junho do mesmo anno 2,973 estaduaes.

Jurados tinha o municipio no ultimo anno da monarchia 248, sendo a ultima revizão a de 1890 apenas com 227 jurados! Estou informado, porém, que em Janeiro ultimo se procedeu a nova revizão, ficando limitado pouco mais ou menos a esse numero!

O municipio não tem edificios proprios para escolas.

O Coronel José Egydio de Moura e Albuquerque, como intendente do Conselho Municipal, com auxilios da subscrição Wagner para os famintos, deu principio a uma casa para nella funcionarem as duas escolas: é mal situada, no angulo do Poente da Praça do Mercado, tirando a belleza da praça, e construida pelo mais reprovado systema hygienico para escolas. Uma sala acanhada e um quarto para o serviço de secreta, tendo de frente 13^m,50 sobre 11^m,25 de fundo, com 2 portas nas extremas, 4 janellas no centro e 4 lateraes, e construida em nesga com barro e adobos. Não pode, nem deve o novo Conselho consentir, como um attentado á instrucção publica, á hygiene e ao bom gosto das construcções desse genero a permanencia de um edificio que, consta-me, começou o novo Conselho a sua demolição!

Está projectada porém na rua do Dr. Mello (*), com face

(*) Dr. Antonio Pedro de Mello, juiz municipal e secretario do Governo, um dos mais illustres magistrados que ali exerceu jurisdicção.

lateral para a Igreja Matriz, com um jardim de infancia, uma casa apropriada para uma das Escolas.

Rendas — Na sessão de 13 de Julho de 1841 quando pertencia a povoação da Barra ao Municipio da Victoria, a Camara creou uma collectoria que conservou-se até sua emancipação.

Existem hoje além da meza de rendas municipaes, creada pela Lei n. 3 de 15 de Fevereiro de 1893 (municipal), que vai produzindo os devidos effeitos, duas collectorias: Uma federal, que no decennio de 85 a 94 arrecadou 24:903\$523, assim descritti-
nados:

Exercicio de 1885 a 1886	2:020\$230
» » 1886 a 1887	2:311\$475
» » 1888.	3:246\$157
» » 1889.	3:859\$772
» » 1890.	3:874\$804
» » 1891.	2:885\$030
» » 1892.	5:668\$805
» » 1893.	1:050\$250
» » 1894.	\$

Outra Estadual cuja renda de 1884 a 1894 foi a seguinte:

Exercicio de 1884 a 1885	4:175\$518
» » 1885 a 1886	4:317\$949
» » 1886 a 1887	2:825\$523
» » 1887 a 1888	2:591\$597
» » 1888 a 1889	2:384\$865
» » 1889 a 1890	2:062\$104
» » 1890 a 1891	2:027\$777
» » 1891 a 1892	754\$207
» » 1892.	9:548\$936
» » 1893.	3:095\$086
» » 1894.	\$

Além d'ellas existe a cargo do Collector estadual uma agencia da Caixa Economica do Estado, creada pela Lei n. 50 de 16 de Agosto de 1893, tendo um escripturario que é o escrivão (art. 1, §§ 1 e 2).

Em relação ás rendas propriamente municipaes, para não

fallar nos exercicios anteriores que eram esbanjados pelas administrações do modo o mais vergonhoso, porquanto um só beneficio publico não existe n'um periodo de 23 annos, vejamos o demonstrativo da renda municipal a contar de 1889, ultimo da monarchia, inclusive os mezes de Novembro e Dezembro e o trimestre de Outubro a Dezembro de 1888, renda que era inteiramente absorvida pelos galopins eleitoraes!

Arrecadação.	1:130\$334
Despeza	1:063\$422
	<hr/>
Saldo (!).	66\$912

Saldo ficticio porque o Municipio devia aos empregados e credores a quantia de 5:410\$651. Esta divida o Conselho eleito em 18 de Dezembro de 1892 recebeu inteira, achando-se, porém, reduzida a menos de um conto de réis.

Exercicio de 1890, depois de inaugurado o regimen republicano foi :

Arrecadação.	2:800\$154
Despeza	2:072\$807
	<hr/>
Saldo (!).	727\$347

Exercicio de 1891: Arrecadação, inclusive saldo anterior.	3:124\$210
Despeza	2:921\$315
	<hr/>
Saldo (!).	202\$895

Exercicio de 1892: Arrecadação até 20 de Junho, quando o Coronel José Egidio de Moura passou a administração por ter sido demittido de Intendente	1:561\$355
Despeza	1:493\$160
	<hr/>
Saldo (!).	61\$195

e que saldo illusorio, constante do papel, mas que attestava um *deficit*, como já vimos de Rs. 5:410\$651.

De 20 de Junho de 1892 até 9 de Março de 1893 quando, pela Lei Municipal n. 3 de 15 de Fevereiro do mesmo anno, inaugurou-se a meza de rendas municipaes, composta de um thesoureiro e contador, um lançador e advogado, um escrivão e um

praticante, perante a qual continuam a ser arrecadados os impostos municipaes arrecadou-se inclusive o saldo anterior:

Receita	2:026\$471
Despeza	1:307\$398
Saldo	719\$373

que passou a figurar no livro «Caixa» a contar de 10 de Março a 31 de Dezembro de 1893.

Não tendo os orçamentos anteriores cogitado da extincção ou amortisação da divida do Municipio—nada se podendo fazer do periodo de 21 de Junho de 1892 a 9 de Março de 1893, quando começou a ser executado o orçamento votado pela Assembléa, só então foi incluída a verba de 2:000\$000 para esse fim.

Exercício de 1893—de 10 de Março a 31 de Dezembro:

Arrecadação	13:270\$474
Despeza	9:722\$399
Saldo	3:548\$055

Exercício de 1894:

Arrecadação inclusive o saldo anterior	22:291\$546
Despeza	15:978\$411
Saldo	6:318\$135
Para 1895 a receita orçada foi de Rs. .	19:894\$710
Despeza	19:894\$710

Assumptos outros exigem ainda nossa attenção para pormos remate a este tosco e imperfeito trabalho.

Pontes—Pela Lei n. 1412 de 7 de Maio de 1874 foi o Governo auctorisado a contractar mediante concorrência e pedagio a construcção de uma ponte sobre o rio Gavião.

Pela lei n. 1599 de 30 de Maio de 1876 ficou o Governo auctorisado a mandar construir duas pequenas pontes, sendo uma sobre o rio do Antonio e outra sobre o rio Gavião, na estrada que de Condeúba (S. A. da Barra) se dirige á Cidade de Caetitá.

Estas Leis não produziram os desejados effeitos, porque se a ellas não presidiu o engodo ao eleitorado, o pernicioso systema

das finanças do Estado, que dava aos Governos as faculdades, mas recusava-lhes os meios, não deu logar a que ellas se fizessem.

Existiam duas pequenas pontes sobre o rio Gavião na séde da cidade, e outra no Condeúba, no logar chamado *Champrão* que bem indica a sua natureza e consistencia.

Ordinarias pela construcção, e destinadas pela impropriedade das obras a uma existencia ephemera, acham-se em ruinas, impossibilitando o transitio, ameaçando desastres por occasião dos invernos e enchentes dos rios.

Açudes — Obra particular ou municipal nenhuma ha que mereça este nome a não ser o grande tanque construido pelo Tenente Alipio Ferreira de Faria em sua Fazenda no Arraial de S. João e com auxilios do povo, obra que attesta a coragem e o valor de seu constructor.

Os demais habitantes neste assumpto têm sido de uma imprevidencia lamentavel.

Com o resultado das seccas successivas que de ultimo assolaram o Estado a Assembléa pela Lei n. 39 de 17 de Julho de 1893 votou a quantia de 50:000\$000 para a construcção de açudes, cabendo ao Municipio a quantia de 5:000\$000.

Foram nomeados pelo Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima, governador do Estado, para a commissão que tem de effectuar esta obra os cidadãos Capitão Manuel Cordeiro da Silva, Aprigio José da Silveira, Tenente Coronel Hermano Alves Pereira.

Esta commissão designou o local abaixo do *Champrão*, e antes da barra do Condeúba com o Gavião, no proprio leito daquelle para levantar-se o açude: realmente, o logar escolhido parece satisfazer os intuitos do Parlamento, e hymnos de gloria obterão da população agradecida, se sem perda de tempo os membros da commissão consummarem uma das obras mais urgentes para a população, formando-se nos perimetros da cidade um grande manancial que a abastecerá nas grandes crises.

O local é o mais conveniente, tendo-se logo á mão os materiaes da construcção, auxiliado pela natureza granitica do solo.

Estradas — As vias de communicação no Municipio, como nos demais do Estado, em geral, são bem regulares, apezar dos

habitantes da capital que nunca viram melhores, acharem-nas más. Para muitas, é verdade, só houve o esforço dos fazendeiros e lavradores, abrindo carreiros ou vaqueijadores por occasião das vaqueijadas e que iam servindo de estradas mais adiante. Para outras, era o pequeno trilhio das creações em demanda d'agua, aberto pelo chifre do boi, ou pelos cascos dos animaes, de quando em vez, modificados pelo facão do vaqueiro ou do viandante que ia libertando o rosto das *unhas de gato ou quejandas*. O que é facto é que aproveitando estes trilhos, mais tarde se convertiam em estradas, longas, sinuosas, cheias de tocos, sujas e que seriam boas, se ao menos, muitos proprietarios indolentes limpassem as *testeiras* ou margens dellas pelo lado de suas propriedades.

Estradas reaes não ha, apesar de algumas terem mais de seculo. Supponho que a denominada Real que ligava a povoação, hoje cidade de S. Felix, á margem direita do Paraguassú — ao Estado de Minas, passando pela Muritiba, Sapé, Genipapo, Curralinho, Cruz dos Medrados, Tapera, Milagres, Mangabeirinha, Trairas, Macacos, Ribeirão, Formosa, Morro, Maracás, Jurema, Bananeira, Caldeirão dos Creoulos, Salgada, Porto Alegre, (margeando sempre o rio de Contas), Riachão do Peixe, Areião, Fazenda Santa Cruz, Pombas, Barra do Gavião, Fazenda dos Patos, Bom Jardim, S. João, Peri-peri, Condeúba, e d'ahi por Minas, em demanda de S. Paulo, com muitos outros pontos habitados intermedios, foi aberta por ordem de D. João VI. Esta estrada de mais de cem leguas de curso, flagello dos animaes nos tempos seccos, era o terror dos sertanistas que se confessavam e se sacramentavam, fazendo disposições testamentarias, antes de emprehender viagem. Muitos desistiam da empreza, após uns longos dias de viagem; outros voltavam desanimados após mezes de soffrimentos, vietimados por febres de máo character, adqueridas em aguas pantanozas, protestando jamais descer á capital. Seu terror augmentava quando viam as margens da estrada alvejadas pelas ossadas dos animaes, ou quando chegavam as tropas sem os companheiros conterraneos que haviam partido saudosos. Tudo dizia-lhes que a capital era o fim do mundo!

Nossos Governos disso não sabião, de outros assumptos cogi-

tavam mais do que diminuir as distancias pela viação fluvial ou ferrea, fazendo açudes ou tanques, protegendo aquellas longiquas zonas que tinham direito a uma parcella do orçamento como as grandes capitaes. Mas se ainda hoje vemos paralyzadas algumas d'essas grandes arterias do progresso e de engrandecimento do Estado, o que se deveria esperar dos legisladores de então que não conheciam nossos sertões, e que muitos, nem se quer, sabiam julgar do valor economico, administrativo e politico d'esse meio facil de communicação?

Ella se acha, porém, de todo abandonada com a inauguração das diversas Estações da Ferro-via Central da Bahia e principalmente da de Olhos d'agua (Estação de Machado Portella) inaugurada em 30 de Setembro de 1888, para onde, bem como para as proximas estações, afluem os viajantes, já vindo a capital em 6 a 8 dias, quando levavam 2 mezes pelo menos na melhor das jornadas!

Seu estado era de tal ordem que pela L. n. 954 de 31 de março de 1865, sendo Presidente, o grande patriota Dr. Luiz Antonio Barbosa d'Almeida, ficou auctorizado o governo a mandar abrir uma estrada que partindo da povoação de Muritiba passasse por Maracás, Rio de Contas, Caetitê e Monte Alto, procurando os limites d'este Estado com os de Goyaz e Minas Geraes.

Pela L. Prov. n. 2430 de 11 de Agosto de 1883, a esforços do deputado do 11.º districto, o vigario Bellarmino S. Torres, ficou o governo ainda auctorizado a dispender a quantia de 5:000\$ para abrir nova estrada real, que partindo da Fazenda de Santa Cruz (Bom Jesus dos Meiras) viesse á Barra do Rio Gavião, d'este ao Areião, Riachão do Peixe e Porto Alegre e d'ahi a Maracás, com 30 palmos de largura.

Estas estradas, que innumerous serviços e beneficios prestariam aos Municipios de Maracás, Brejo Grande, Bom Jesus dos Meiras, Poções, Condeúba, Almas, ao Estado de Minas, ao Norte em geral, não foram iniciadas sequer pelo deploravel estado das finanças da antiga provincia!

Pela L. 2362 de 3 de Agosto de 1882 foi concedido privilegio ao Engenheiro civil, nosso benemerito consocio Miguel de Teive e Argollo, por 50 annos, para a construcção e gozo de uma estrada de ferro que partindo de Ilhéos siga pelo Municipio da Victoria,

Condeúba, Monte Alto e Carinhanha. Sabeis o que succedeu com esta Estrada, uma das de mais futuro para Bahia, ligando o S. Francisco, quasi em uma recta ao Oceano. Embaraços e difficuldades creados pelo Governo ao concessionario fizeram caducar o privilegio!

Na grande rede de Estradas do Estado, organisada pela L. n. 37 de 7 de Julho de 1893, modificada pela L. n. 23 de Julho de 1894, foi ainda este municipio contemplado: mas, as difficuldades filhas de nosso meio, de nossa inercia e desconfiança, da politicagem, do retrahimento dos capitaes, da baixa do cambio e de uma fiança exorbitante, etc., continuam a dilatar essa obra publica de incontestaveis vantagens para todos. (*)

Povoados—O do Candéal, nome tirado de um junco, sito a 18 kilom. (**) ao sul do municipio.

Carrapato—sito ao S. O. tambem a 18 kilom.

Commercinho—48 kilom. sito á mesma direcção, entreposto de commercio entre S. Felippe e a cidade.

S. Felippe—tambem ao S. 84 kilom., entreposto de commercio entre o lugar já mencionado e as cidades da Victoria e Condeúba, Venda e Tremedal, ambos na mesma direcção, aquelle a 72 kilom. e este a 84 kilom.

O das Lages—sito a L. S. E. 168 kilom. da séde do municipio.

O Descoberto—a 72 kilom.

S. João—sito ao Nascente 48 kilom., commercio muito animado e á margem geral da Estrada que vem ter a S. Felix.

Santa Rosa—sito a Nordeste, 48 kilom.

Curral Velho—sito á mesma direcção tambem a 48 kilom.

Todos estes commercios vão tomando incremento e fazem seus negocios directamente aqui para a capital e para a séde do municipio.

Gamelleira dos Machados—ao Nascente, 96 kilom.

Distancias—Além das distancias que já mencionamos dos diversos povoados á séde da cidade e municipio devemos tratar da que equidista da cidade ás sedes dos diversos municipios limitrophes e á capital.

(*)—No dia 28 de Junho de 1895 foi assignado contracto com a companhia Tram-Road de Nazareth, para a construcção da Estrada de ferro á Condeúba, em prolongamento da de Nazareth.

(**)—A legua é calculada na razão de 6 kilometros.

Distancia da capital 116 leguas, ou 696 kilometros, e da Estação Machado Portella, ponto que lhe fica mais proximo na ferro-via central Bahia Railway 248 kilometros.

Distancia da cidade do Rio Pardo, sito a O., no Estado de Minas 180 kilometros.

Da cidade da Conquista, Termo da Victoria, ao S. 180 kilometros.

Da villa dos Poções, a S. E. 252 kilometros.

Da villa do Brejo Grande, a L. 168 kilometros.

Da villa do Bom Jesus dos Meiras, a L. N. E. 96 kilometros.

Da villa das Almas, ao N. 60 kilometros.

Da cidade de Caetité, tambem ao N. 144 kilometros.

Estatistica — Nenhum assumpto mais me preoccupou, nenhum se me afigurava da maior relevancia, em nenhum encontrei maiores difficuldades. A não ser o numero dos habitantes nos dous recenseamentos já citados; o resumo dos baptisados, casamentos e obitos, occorridos no decennio de 1885 — 1894, que considero trabalho completo pela orientação e zelo que n'este particular dedicava o parochio; o resumo das molestias que no mesmo decennio mais contribuíram para o obituario, cujos trabalhos publicarei em additamento, nada mais pude fazer, nem me era possivel tental-o. Seria mister que tivesse jurisdicção na comarca ou municipio para, abrindo correção, trabalho de alto alcance juridico-social, pelos erros que se corrige, pelos abusos que se estigmatiza e extermina, pelas medidas assecuratorias que sempre o Juiz dos orphãos acha a empregar para acautelar os bens ou fortunados orphãos, e outros a elles equiparados, verificar a riqueza territorial, ou avaliação dos bens das heranças e legados, ou contactar os numeros de crimes, suas especies, seus auctores e cumplices, se publicos, se particulares, quantos punidos, quantos impunes, o numero de julgamentos no jury, ou em juizo privativo, enfim um estudo da historia do municipio e que legal ou criminal de futuro fornecesse elementos bastantes para se compara, um dado periodo, a moralidade ou a indole de um povo, o gráo de civilisação ou rebaixamento de character por que elle tem passado.

Nessas investigações, porém, encontrei alguma coisa que pode distrahir o espirito do leitor, cansado por um trabalho sem attractivo ou belleza de phrase, e que aos amantes de estudos biographicos ou de gynealogia, serios embaraços surgirão no

estudo dos nomes patronimicos. Apprecie o leitor se será possível um estudo serio com os seguintes nomes, no geral, pertencentes á familias conhecidas e algumas de distincção.

Eugenia Bispa de Roma (!) Guida Aguida de Jesus. Maria Cruz de Jesus. Luiz Rei de França, casado com Isabel Rainha de Portugal e pai de Antonio Rei de França!! Paulina Bispa de Lima! Bento Abbade de Britto. Thomaz da Villa Nova Bispo. Dulcina Fidalga de Jesus! Pedro Segundo Jardim. Heduviges Duqueza de Jesus. Honorato Milicissimo (*) dos Santos. Rosa Beata de Jesus. Maria Virgem de Jesus. Maria Angelica dos Preceitos Divinos. Anna Esposa de Santa Isabel (!!)

Maria Bella do Nascimento de Jesus. Maria Senhora das Neves. Barbara Sentença das Verduras (!) Maria da Paz de Jesus. Jeronymo Doutor da Igreja. João Doutor dos Santos. Pedro Segundo das Chagas. João Principe de Portugal. Anselmo Bispo de Cantuaría. João Apostolo Evangelista. João da Exaltação da Cruz. João Bento Professor. Iva Rainha das Virgens. Geraldo Janeiro do Carmo. Boaventura Bispo da Cruz. Maria Esposa de Jesus. Aprigio Bispo de Roma, etc.

Não é por certo o espirito de religião ou catholicismo que vai presidindo a estes e outros disparates—Anna Esposa de Santa Izabel (!) dando bispado a mulheres, thronos a matutos que ignoram a accepção da palavra, titulos de duque e outros de que o *milissimo* Jesus nunca cogitou, nem heresias de ser Maria Esposa de Jesus e queijandas outras tolices. Entretanto, explica-se perfeitamente o facto. Nasce uma creança, e recorre-se logo a uma folhinha ou almanack para ver-se o nome que trouxe: se no dia procurado, por ex: 14 de Septembro, se lê:—*Exaltação da Cruz*—e o recém-nascido já era dedicado ao Candido S. João, ficará um—João da Exaltação da Cruz. Ora é uma menina que talvez vai receber na pia o nome da mãe, avó ou madrinha, Anna—; mas como nasceu no dia de S. Zacharias, esposo de Santa Izabel, temos o supremo ridiculo de uma Anna Esposa de Santa Isabel.

Ora, é um menino nascido a 2 de Dezembro, consagrado antigamente ás festas commemorativas do nascimento do

(*) Queriam dizer Humilissimo.

ex-imperador; mas aqui, salva-se o nome da familia que não deve desaparecer, dizem os mais sabidos — e temos Pedro Segundo Jardim, Pedro Segundo das Chagas. E se mais explicações fossemos a dar acharíamos a Sra. Egypciaca Sagrado Lençol de N. S. Jesus Christo! (15 de Março!)

Um mixto de fanatismo e ignorancia simplesmente!

E um mortal que se metta a querer corrigil-os ou dar-lhes explicações necessarias! Fica moido a páo ou morre doido!

E' tempo de finalizar.

Este municipio foi um dos que mais concorreu com auxilios para a defeza da patria na guerra do Paraguay, não só com dinheiro, como ainda com batalhões patrioticos. Ainda recordo-me dos festejos ali realisados, da alegria e satisfação que irrompia de todos os peitos com a noticia da extineção daquella luta que tanto ennobreceu o paiz, e tantas vidas preciosas nos roubou.

Resta, agora que é mais ou menos conhecido o municipio em seus detalhes, para seu maior desenvolvimento, que os poderes publicos, os homens que se dedicam a vida ingloria da politica, entre nós tão abastardada, fazendo treguas a seus odios e paixões, olhem para essas zonas além da Capital e dotem-nas de estradas de ferro, um dos principaes elementos de progresso, um dos mais poderosos instrumentos para o desenvolvimento das riquezas naturaes; de instrucção e associações beneficentes que possam fomental-a e divulgal-a aos necessitados de meios; de criação de Institutos Agronomicos e Zootechnicos que desenvolvam a propaganda dos methodos aperfeiçoados de cultura e criação, que elevem gradativamente pela instrucção technica o nivel intellectual da população rural que no Estado se dedica á agricultura e á industria pastoril, preparando agricultores e criadores profissionaes, esclarecidos pela aquisição de conhecimentos especiaes; o que tudo está a impôr-se ao corpo legislativo como medida salvadora do Estado!

E aquillo que Minas Geraes e Espirito Santo vão dia a dia conquistando, desenvolvendo as fontes de riqueza publica, dando-nos lições de patriotismo, nós tendo em mira somente

a politicagem, vamos marchando na retaguarda dos Estados inferiores aos nossos!

Pobre Bahia!

TRANQUILINO LEOVIGILDO TORRES.



Nota—Os documentos a que se refere a *Memoria* serão publicados no numero seguinte.



Uma pagina da Historia do Brazil

(Conclusão) (*)

A capitania dos Ilhéos (1) acha-se a trinta legoas da Bahia de Todos os Santos, em quatorze grãos e dois terços com duzentos vizinhos, com um rio junto á povoação; tem oito engenhos de assucar, e uma casa de padres da Companhia. Sete legoas da povoação, terra dentro, acha-se uma lagoa de agua doce, que tem tres legoas de comprimento, e tres de largura e tem mais de quinze braças de fundo: sahe d'ella um rio com a fôz tão estreita que apenas pode entrar um navio n'ella, e depois que elle tem entrado não se sabe determinar por onde elle penetrou; e quando faz vento se levantam as ondas tão furiosas como no mar: tem muito peixe e de aquelles que chamam Bois, ou Manatis, que matam com harpões, e

(*) Vide o n. 6 d'esta *Revista* pag. 361.

(1) A' margem esquerda do escripto acha-se a nota seguinte: «*En la Capitania de Ilhéos ay 8 ingenios de açucar.*»

Herrera escreve sem *h* o tempo *ay* de verbo *haber* que hoje orthographamos *hay*, em hespanhol.

Existe mesmo, em Hespanha, um pequeno e usual exercicio escolar a respeito das diversas palayras onde entram essas tres letras combinando-se de maneira diversa e que é o seguinte: «*Ahi, hay un pobre que dice; ay!*»

Herrera escreve ainda sem *h* a palayra *avas* (favas) que hoje

alguns d'elles pesam quarenta arrobas, e são muito saborosos. Tem o focinho como o boi, dois cotovellos com quaes nadam, na maneira de braços; não tem escama, nem outra fôrma (*facion* do original) de peixe, senão a cauda; tem gosto de carne e assado (2) parece como de porco; (3) as femeas têm duas têtas com que criam os filhos, coisa que dizem não achar-se em outros peixes. Acha-se tambem n'esta Capitania uma arvore, d'onde se tira um balsamo muito precioso, (4) de cheiro suavissimo, e de grande virtude, e dando-se alguns golpes no seu tronco, distilla aos poucos este licor; (5) n'esta Capitania ha certa geração de Indios muito brancos, e tão grandes que parecem gigantes, (6) e de lingua que ninguem entende; ha poucos annos que alli chegaram perseguidos pelos seus inimigos; não têm casas e vivem no campo como as bestas: (*brutos*, no original) tem grandes arcos e flechas, e tem feito grande mal nos Indios naturaes, e morto alguns Portuguezes; (7) comem carne humana e são muito crueis; não batalhãm (*pelean*, no original) juntos, nem se deixam ver senão contra os que vão isolados, e descuidados, (8) e por isto não podem ser havidos senão com grande trabalho, e perigo.»

orthographamos *habas*, em hespanhol. Pelo contrario a palavra *onda*, (marina) que elle orthographa com *h*, *honda*, não se escreve mais assim no moderno hespanhol.

(2) *assado*, no original, como na orthographia portugueza: Herrera tambem escreve *cossarios*, e *grandissimo*, que hoje escrevemos *corsarios* e *grandisimos*. A lingua hespanhola, afastando-se quiçá da origem commum com a lingua portugueza, tem pelo geral maior simplicidade orthographica do que esta.

(3) Nota da margem esquerda: «*Como son los bueyes o Manatis.*»

(4) A margem direita da pagina: «*arbol del qual se saca precioso balsamo.*»

(5) E' a *copaiba*?

(6) Os Aymorés?

(7) O capitão Pederneiras referia em 1851 n'um Relatorio impresso na Bahia a respeito d'uma commissão de exploração a que nos temos referido em nota anterior: «o facto recentissimo do joven Vidal, secretario da Camara de Porto Alegre, (Bahia) que se suppõe ter sido devorado. A anthropophagia de outras tribus brazileiras de indios é um facto conhecido e comprovado ainda não ha muitos annos no rio Xingú pelo Sr. Conselheiro Brusque.

(8) *deseuydados*, no original, *descuidados*, em moderna ortho-

«A sexta Capitania de Porto Seguro, (9) está trinta legoas dos Ilhéos, em dezeseis grãos e meio: tem tres povoações, Santo Amaro, Santa Cruz e Porto Seguro: tem duzentos e vinte vizinhos, cinco engenhos de assucar, uma casa de padres da Companhia. A Capitania do Espirito Santo, que está cincoenta legoas de Porto Seguro, é a setima, está em vinte grãos, não tem mais de um engenho de assucar; colheita-se muito algodão e páo-brazil; terá duzentos vizinhos e uma casa dos padres da Companhia; adiante d'ella está o rio Parahyba, (*Parayva*, no original) em vinte e um grãos, se acha a bahia Formosa. A oitava é a Capitania do Rio de Janeiro, (10) (*Janero*, no original) com a cidade de S. Sebastião, sessenta legoas do Espirito Santo, com vinte e tres grãos e um terço, com duzentos vizinhos e uma casa de padres da Companhia; ha muito brazil e algodão: o rio é muito formoso, com linhas margens (*riberas*, no original) e proveitosas. A nona Capitania chama-se S. Vicente, setenta legoas do Rio de Janeiro, em vinte e quatro grãos, tem tres povoações com quinhentos vizinhos, e quatro engenhos de assucar e uma fortaleza n'uma ilhá, perto da terra firme, que se chama Britioga, para a defeza contra indios e corsarios; e a principal se chama Santos, onde se acha uma casa de padres da Companhia, os quaes têm feito grandissimo bem (*provecho*, no original) no povoamento d'esta terra, na conversão dos Indios, e na liberdade dos mesmos.» (*sic*)

«Os Portuguezes d'estas Capitancias têm muitos negocios (*grangerias*, no original) (11) que beneficiam com escravos da terra, os quaes fogem pelo commum, e se houvesse meio para impedil-o, elles foram muito ricos; o assucar, o algodão, o brazil, é o que lhes procura maiores proventos. A maior parte da criação é de bois, vacas, da qual ha grande quantidade: ovelhas não ha muitas, e as cabras se dão melhor, e parem dois

graphia hespanhola. Pela mesma forma escreve Herrera; *veynete*, *yngenio*; que hoje orthographamos *veinte* e *ingenio*.

(9) Nota da margem direita: «*La sexta Capitania del Brazil és Puerto seguro.*»

(10) Nota da margem esquerda: «*La Capitania del Rio de Janero és la octava.*»

(11) Nota da margem esquerda da pagina: «*Que grangerias (negocio) hay en el Brasil.*»

e tres filhos de cada vez: as eguas se dão (*mantiene*, no original) bem; pela costa acha-se muito ambar, que o mar joga fóra com as trovoadas, no tempo das aguas vivas, e muita gente tem-se enriquecido com isto. Tem assim mesmo grande creação de porcos, e galinhas; e com estes proventos, (*aprovechamientos*, no texto original) ajudam-se os Portuguezes uns aos outros, todos vivem com fartura (*abundancia*, no original) e descansadamente (12). O verão d'aquella terra é de Setembro até Fevereiro; (13) e o inverno desde Março até Agosto; os dias são quasi tão compridos como as noites, sómente uma hora crescem ou mingnam; no inverno corre sempre o vento Sul, e Sul-este; no verão Nordeste e Lesnordeste. E' terra quente no inverno e no verão; (14) o vento entra pouco antes do meio dia, e tão frio que faz prazer á gente, (*recrea los hombres*, no original) dura até á manhã em que torna a acalmar-se, por motivo dos vapores da terra, e ao amanhecer está o céo coberto de nuvens; (15) e ás mais das manhãs chove, a terra cobre-se de nevoeiro (*niebla*, no original) pelos muitos arvoredos que chamam a si a humidade,

(12) Nota da margem esquerda: «*Los Portuguezes viven con abundancia en las costas del Brasil.*»

(13) Herrera escreve: «*Hebrero*, hoje escrevemos *Febrero* em moderno hespanhol. Contrasta esta orthographia com a de outras palavras como o verbo *fazer* que hoje orthographamos *hacer*.

(14) As observações metereologicas que aqui desenvolve Herrera, são muito curiosas e exactas. Ellas podem ser verificadas actualmente ainda, apezar da modificação florestal experimentada em grande extensão da costa. Estes dados constituem documento importante no estudo do saneamento das nossas cidades do littoral. Já o temos feito notar na Sociedade de Hygiene do Brazil, no Rio de Janeiro, na occasião de estudarmos um projecto de calçamento para a Capital Federal.

Mais adiante poderemos fazer observações semelhantes que virão justificar a fama de exacto de que goza o chronista hespanhol.

(15) De todo não são conhecidos os famosos nevoeiros dos nossos rios e bahias. Quantas vezes os vapores da Companhia Bahiana não podem fazer a viagem matinal para a Bahia por motivo dos fortes nevoeiros? No Rio de Janeiro os nevoeiros da bocca da bahia que se estendem em apertada columna pelo centro da Guanabara até os mangues de Mauá, são um perigo para a navegação. Foi no meio d'um d'estes nevoeiros que eu entrei pela primeira vez n'aquella bahia e posso avaliar da densidade do mesmo, o qual fechava a vista a poucos metros da

(16) e da terra vem um ar brando, até que o sol com o seu calor o abafa, e fica o dia claro e tranquilo, (*sereno*, no original) até o meio dia em que entra a aragem acostumada. O vento de terra é muito perigoso e se perdura, morre muita gente; (17) especialmente os velhos dão-se bem. A terra por si mesma é frouxa, e os homens, logo que lá chegam sentem-se decaídos, (*descaezidos*, no original) (18) mas habituando-se a ella, recuperam as forças como se fossem naturaes della. Aos doentes dá-se carne de porco, e mesmo peixe: a terra é viçosa, com altissimas arvores, e que sempre estão verdes porque chove muito e não ha frio que as offenda. As aguas que se bebem são muito saborosas: e em summa é a terra temperada que não se sente n'ella excessivo frio, nem calor. O pão se faz da raiz da mandioca rallada, e exprimido bem o succo (*çumo*, no original) que é venenoso, se coze e se come, e passa por ser boa alimentação; ha outras raizes de que fazem pão, com que se dão muito bem; têm muita abundancia de leite, de vaccas, favas, feijões, batatas, e outros legumes; muito marisco, e peixe por toda a costa.»

«Tem caça de muitas especies, (19) que matam os indios com

borda do navio de tal modo que as luzes de bordo reflectiam n'elle como sobre uma immensa parede caiada de fresco.

(16) A' margem esquerda do original: «*La tierra és humeda y con neblinas, por las muchas arboledas.*»

(17) Eis aqui uma declaração importante e que viria demonstrar que a febre amarella do Rio e de outros pontos da costa, se ella foi importada, não é a causa efficiente da endemia que hoje a caracteriza em alguns logares. Ella achou sem duvida um campo de desenvolvimento e cultura predisposto á sua expansão. A doutrina de um patriótico observador o Sr. Pedro Soares Caldeira que escreveu ha annos no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro uma serie de artigos (reunidos posteriormente em folheto com o titulo «Questões de Hygiene e de Alimentação» Rio 1889) sobre a extincção prejudicial dos mangues e da sua especial vegetação não parece tão pouco confirmar-se diante dos dizeres de Herrera, porquanto na epocha d'este' escriptor a devastação dos mangues e da sua voraz população de crustaceos não era um facto consumado como hoje. Não queremos dizer por isto, que a doutrina sustentada pelo douto Sr. P. Soares Caldeira não tenha um fundamento real, apenas só fazemos constar um facto que não carece de importancia no problema do saneamento das nossas cidades do littoral.

(18) Nota da margem esquerda: «*Los hombres Portuguezes en llegando a esta tierra se enflaquecen.*»

(19) A' margem esquerda da pagina no original: «*Muchas*

laços e flechas, como são veados e porcos selvagens (*monteses*, no original) de diversas classes, antas (*Dantas*, no original) tão grandes como vacas, e que têm o sabor semelhante ao d'estas, e a pelle d'ellas é muito grossa e forte, as orelhas dos coelhos são curtas e redondas; as paccas, animaes maiores que a lebre, que têm a carne saborosa; ha uns macaquinhos (20) que se come, tão grandes como coelhos e a carne tem-se por gostosa; tem o armadillo, que comem de boa vontade (21) e muita abundancia de gallinhas selvagens, e aves de muitas classes que se comem. As melhores fructas da terra são, as que parecem pinhas, que se criam n'uma planta pequena, que tem as pencas como cardo. (22) Os cajús (*caxús*, no texto original) são como grandes maçãs, (23) dão-se em arvores, a casca é amarga e venenosa, o coração (24) assado é mais doce que amendoas. As bananas (25) parecem com os pepinos, criam-se

diferencias de la caza de la tierra.» Herrera escreve umas vezes *caça* e outras *caza*, como escrevemos hoje na Hespanha.

(20) *mico*, no original, uma variedade da raça *simiesca*.

(21) A' margem esquerda da página: «*En el Brasil comen el armadillo de buenagana.*» E' de notar que Herrera orthographa esta ultima locução n'uma palavra só, hoje escrevemos; *buenagana*; em duas palavras.

(22) O *abacaxi* ou o *ananás*.

(23) *peros*, no original; é uma especie de maçã, propria do clima meridional da Hespanha. São celebres os *peros* de Ronda nas provincias da Andalucia. O seu aspecto é muito lindo e muito parecido com o cajú desprovido da sua castanha. E' avermelhado e brilhante na casca. E' quiçá por motivo de sua bella apparencia que se diz na Andalucia «*São como um pero*» querendo demonstrar-se um perfeito estado de saude bem apparente.

(24) Herrera não parece, pelo que diz, ter visto os *caxús* de que falla. O fructo não tem *coração* nem *caroço*, mas uma *castanha*, typica e de fórma *sui-generis*, que o distingue entre todas as fructas, e que se acha pendurado no fructo do lado opposto ao falho. Para os que por primeira vez, tem visto um cajú, a castanha assemelha-se na sua silhueta com um diminuto papagaio. Um famoso jornal caricato do Rio, tirou grande partido da castanha do cajú para ridicularisar a physionomia do inditoso imperador D. Pedro II, todas as vezes que tinha de caricaturar o monarcha.

(25) *pacoma*, no texto original. Ainda hoje no extremo Norte do Brazil a *banana* não é conhecida senão pelo nome de *pacova* ou *pacoba*.

em arvores e amadurecem depois de apanhadas: (26) e logo cortam as arvores, pois ellas não dão fructa mais de uma vez, e logo nascem de novo pelo pé: esta fructa tem a casca como a dos figos, é quente, e assada dá-se aos doentes, e para os escravos é alimentação. A fructa que chamam arazazes, é como *nispolas*, (27) e ainda que se comam muitas d'ellas, ellas não fazem mal. Acha-se muita pimenta da terra (28) e outras fructas de diverso genero, nos mattos, com as quaes, tem-se visto homens sustentarem-se muitos dias; mas as supraditas são as que os Portuguezes têm por melhores: das fructas de Portugal, ha algumas, as uvas dão tres vezes por anno (29): os figos muito

(26) A' margem direita da pagina «*Las frutas de la tierra muchas y diversas.*»

(27) *nispolas*, provavelmente *nisperos* como dizemos hoje em hespanhol. E' o fructo do *mespilus*? E' o *neslier des creoles* de Bescherelle? é por conseguinte um dos nomes do *parinari*? Não podemos affirmar.

(28) A' margem direita do texto acha-se a nota seguinte. «*Hallase mucha pimienta de la tierra.*» Depois do ouro e dos famosos *Eldorados* o que mais procuravam marinheiros e descobridores eram terras ricas em especiarias. Este negocio foi dos mais importantes e rendosos durante toda a idade média. Eram os negociantes do Oriente e especialmente os arabes e os egypcios que se occupavam deste importante ramo de negocio.

O malhorquino Raymundo Lull, mais conhecido pelo nome latinizado de Lulio, uma das glorias da Hespanha, hoje beatificado pela Igreja, no seu livro *De Fine* escripto no começo do seculo XIV, em 1305, aventou a idéa de em vez de se levarem ao Oriente as guérras da Cruzada, perdendo-se assim successivas expedições, se fosse aos poucos despojando os musulmanas das comarcas visinhas de Granada e de Ceuta, occupadas por elles, obrigando-os assim a retroceder. Aventou como consequencia, a idéa de ir depauperando o Egypto, por meio d'um rigoroso bloqueio: «*que desviasse para outros logares parte do commercio das especiarias do Oriente.*»

Foi quiçá-a mesma idéa que guiou o Infante D. Henrique de Portugal a bloqueiar o Egypto, não pelo Mediterraneo, mas pelos mares do Oriente, d'onde vinham para o Egypto «*o rendoso commercio da especiaría.*» Procurou o Infante os mares do Oriente intentando a circumnavegação da Africa.

(29) Um operario meu, que mandei ha pouco para o S. Francisco e habituado, como filho de um paiz essencialmente vinicola da Catalunha hespanhola, a beber bom vinho e comer boa uva, achou em Petrolina um padre tambem hespanhol que cultivava uva Moscatel que o meu operario qualificou de primeirissima ordem.

bem; os limões e laranjas ha em grande quantidade, melões, pepinos e outras taes, ha em abundancia.»

O capitulô XIII que vamos traduzir seguidamente leva por titulo: «Da condição e costumes dos naturaes do Brazil», e é como segue:

«A multidão da gente do Brazil é grandissima e ninguem pode caminhar seguro, pela terra dentro, sem encontrar povoações de indios armados, entre os quaes existem grandes desavenças que são a causa dos Portuguezes poderem viver na terra, porquanto de outro modo seria impossivel. Quando começaram a povoar, tiveram grande opposição; (*contradicion* no original) porém os Portuguezes foram afastando-os da costa aos poucos ainda que ficassem alguns aldeamentos d'elles: a lingua era uma só por toda a costa. (30) Todos andam nus, homens e mulheres, sem cobrir parte alguma dos seus corpos: moram em choupanas, (31) cada aldeia terá umas oito e'reias de gente, com as suas rêdes para dormir. Não tem Rei nem justiça, senão um principal em cada aldeia, ao qual obedecem pela propria vontade, e não por força: e morrendo (o chefe) fica o filho na chefia, e não serve senão para leval-os á guerra, e aconselhal-os como se hão de governar pelejando: não castiga os seus delictos, nem lhes manda coisa contra a vontade d'elles. Este principe tem tres ou quatro mulheres, a primeira é mais estimada: não adoram coisa alguma, (32) nem creem que ha outra vida com gloria, para os bons e pena para os máos, senão que tudo se

(30) A *lingua geral*. Nas notas da margem lê-se á direita: «*Por toda la costa es una la lengua.*»

(31) *boio*, no original; ainda não ha muito o nome de *Boio Soldado* era popular no mundo inteiro por causa dos trabalhos que n'esse logar se faziam para a abertura do canal do Panamá. O *Boio* é uma especie de choupana feita de palmas, de guano, de folhagem. Os *boios* dos revoltosos cubanos são geralmente feitos de guano.

(32) Nota da margem direita da pagina: «*La bestialidad de los indios Braziles.*» Ainda em 1851 o então capitão do corpo de engenheiros Innocencio Velloso Pederneiras, no seu escripto d'uma commissão de exploração aos rios Mucury e Jequitinhonha, dizia que estavam «bem presentes os horrores commettidos por estes brutos com a familia do fallecido Violas que muitas vezes os alimentava, e as perseguições feitas a muitos outros.» (pag. 7 do Relat.)

acaba nesta, e as almas com os corpos fallecem, (*feneceem*, no original) e assim vivem, bestialmente, sem razão, conta, peso nem medida.»

«São estes Indios muito belicosos e tem sempre grandes guerras, uns com os outros: nunca ha paz entre elles: nem é possível que tenham amizade: pelejam com arcos e flechas, são muito habéis (*certeros*, no original) e muito inclinados a pelejar, e é coisa digna de ver-se tres, ou quatro mil homens de uma parte, e outros tantos da outra, nús e desfechando-se flechas uns aos outros com grande gritaria: (33) e entretanto que dura esta batalha andam de uma parte para outra, com grande ligeireza, para não poderem ser apontados: são muito atrevidos e temem pouco a morte, e sempre se lhes afigura que têm a victoria certa: quando vão para a guerra não respeitam a vida de nenhum prisioneiro, (34) todos os matam e os comem: (35) aquelles que não morrem no impeto da guerra, levam-os para os seus logares: atam á garganta do prisioneiro uma forte corda, para elle não fugir: dão-lhe réde onde elle possa dormir: dão-lhe uma india moça, das mais formosas, e honestas, (*honradas*, no original) que durma com elle, e o guarde, e nunca o perca de vista, e lhe dê de comer e no fim de cinco mezes quando desejam matal-o, (36) fazem grande festa, e preparam (37) muito vinho, que fazem de hervas, com que se embriagam: no dia marcado para o sacrificio (38) levam o desditoso para se lavar no rio, ou na nascente, (*fuate*, no original) com muitos canticos, (*cantares*, no original) logo que voltam, atam-lhe quatro cordas compridas, pela cintura, que quatro indios tiram á si, cada um

(33) Nota da margem direita da pagina: «*Que siempre andam en guerra y como pelean.*»

(34) A phrase do original é: «*no toman a vida ningun cautivo.*»

(35) A margem direita da pagina existe uma nota semelhante a do gravado a que nos temos referido no começo do presente trabalho, a qual diz: «*No toman ningun cautivo, todos los matan y comen.*»

(36) *Al cabo de cinco mezes que le quieren matar,*» diz o original. Queremos evitar quanto possível com estas notas aquella famosa critica que compendiada afirma com razão que. «*Traduttore—tradittore.*»

(37) *Aparejan*, no original; é palavra muito castiça, hoje em desuso na Hespanha.

(38) *El día señalado de la muerte,*» diz o original.

do seu lado, de modo que não se pode mover: aquelle que o ha de matar, que ha de ser o mais valente do logar, vae muito empennado de plumas de diversas côres, por todo o corpo: e com um cacete (39) na mão, aproxima-se d'elle ameaçando-o, dizendo muitas injurias contra elle, e contra os seus parentes, (*dendos*, no original) e os da sua terra e da-lhe um golpe na cabeça: logo que cae acode uma India velha, com uma cabaça e apanha o sangue, e os miollos, e comem tudo junctamente com o corpo, mais por vingança do que por fartar-se, e assim fica a inimizade, e o odio confirmado entre elles para sempre.

«Se a mulher que o guarda fica embarçada, quando pare comem a criatura: e dizem que essa é a verdadeira vingança: e ás mulheres muitas vezes acontece tomarem coisas para mal parir, porque sabem o fim que ha de ter a creança: succede que

(39) *Macana*, no original. Era uma especie de cacete de forma especial, de cabo curto e fino que se ia alargando, e engrossando na outra extremidade, em forma de maça d'armas, como usavão na idade media na Europa. Os indios norte-americanos usavão a mesma arma, que denominão *tomawack* os escriptores d'aquella republica. Era uma arma terrivel. No Xingú, os indios *Garajás pucús*, os mais temidos d'aquelle rio usão muito d'essa arma. O conego Francisco Bernardino de Souza no seu livro: «Commissão do Madeira» escreve a este respeito: O *Garajá*, diz a commissão exploradora do rio Xingú, arma emboscadas a seu inimigo, e se o surprehende, persegue-o correndo e raras vezes deixa de alcançal-o.

Fere com a pesada maça o inimigo, que mal se defende e uma vez morto, quebra-lhe o cadaver, fracturando os ossos: depois estende-o por terra, colloca sobre elle a arma com que o matára e assim o deixa. Quem encontra nas mattas do Xingú um esqueleto humano com uma maça atravessada por cima, fica sabendo que é um guerreiro morto por um *Garajá*!»

Esta maneira especial de *assignar*, por assim dizer quem foi o auctor d'aquella obra de morticínio dá logar a que os parentes e amigos do morto conheção a tribu, o matador e possão reclamar vingança pelos meios violentos usados entre estes selvagens e assim a inimizade subsiste entre elles como mais adiante nos dirá o proprio Antonio de Herrera quando falla no sacrificio dos cautivos.

E' curioso notar-se que hoje, na gíria da Republica Argentina, chama-se *macana* e *macanazo* ao facto de alguém *cacetear* a gente no sentido moral, como se diz por sua vez na gíria brasileira. Pela mesma forma diz-se em *França*, «*être assommant*» (esmagador) e «*assommer*» (esmagar) de alguém que nos vem com qualquer *caceteação*.

estas mulheres dão-se por vezes tão bem com os cautivos (40) que fogem com elles para a terra d'estes, para libertal-os da morte, (41) e assim se têm salvado alguns Portuguezes: e ha alguns Indios tão barbaros, que mesmo podendo-se salvar, não o tem querido: dizendo que os seus parentes, não os terião por valentes, e assim não temem a morte, nem n'aquella occasião (*passo*, no original) mostram tristeza alguma. Estes Indios são muito crueis (*inhumanos*, no original) sem mostrar piedade de nada: (42) vivem sem ordem nem concerto de homens. São impudicos, (*deshonestos*, no original) e dados á sensualidade, e a todos os vicios, ainda que nos ajuntamentos mostram os homens e as mulheres terem alguma vergonha. Todos comem carne humana dos seus inimigos: e de qualquer coisa que comão, por pequena que ella seja, convidão a quantos se acham presentes, e entre elles não existe outra caridade. Os homens trazem furado o labio inferior, e n'elle levão uma pedra, como prova de elegancia, (*por galanteria*, no original) outros trazem o rosto todo furado (*lleno de agujeros*, no original) e nos furosinhos pedras incrustadas, o que os tornam muito feios e disformes: arrancão as barbas, não consentem cabello algum pelo corpo todo senão na cabeça: (43) as mulheres orgulhão-se muito dos seus cabellos, e os trazem muito compridos (44) e algumas se pintam pelo corpo todo: e os que têm levado a cabo alguma valentia, trazem certos signaes pintados pelo corpo. A tinta é como de uma herba que se torna preta, e não desaparece até passados nove dias. Estas Indias guardão castidade aos seus maridos: porque tambem elles soffrem mal os adulterios, e casão com sobrinhas, filhas de irmãos: algumas mulheres promettem de viver em castidade, e

Terminamos, não querendo que os nossos leitores julguem ser-nos applicavel qualquer d'estes qualificativos.

(40) *Suelen aficionar-se tanto á los cautivos* diz propriamente o original de Antonio de Herrera.

(41) Nota da margem direita da pagina: «*Muchas vezes las mugeres licran al cautivo que há de morir*».

(42) Nota da margem direita: «*Estos Indios son muy inhumanos*».

(43) Nota da margem direita: «*Agujeran el labio y el rostro, y meten piedras eucaçadas*».

(44) Nota da margem direita: «*Las mugeres se precian de sus cabellos*».

padeceram a morte por isto. (45) Estas deixão os exercicios das mulheres, (46) imitão os homens, cortão como elles o cabello: vão para a guerra, e para a caça, com arco e flechas. Estes Indios vivem sem cuidado de especie alguma, senão de comer, e beber, e matar gente: e por motivo disto são elles muito gordos, e tambem com qualquer disgosto definhão: (*enflaquecen*, no original). Seguem muito o conselho dos anciãos (47) e o têm por certo: as mulheres em parindo lavão-se; (48) e ficam boas, e no logar d'ellas os maridos se deitam nas rédes, e os visitam como se elles fossem as paridas. Quando alguem morre enterrão assentado sobre os pés, com a sua réde onde dormia, e n'os primeiros dias dão-lhe comida, e acham que elle dorme na sua cama. Não procuram riquezas (*hazienda*, no original) como outros homens; ambicionão algumas coisas que vão de Portugal, como sejam camisas e ferramentas, que aprecião muito: em troca d'elles davão escravos, que se roubavam uns aos outros, coisa que já os padres da companhia (49) têm impedido: e tambem as guerras injustas, e os assaltos que n'elles fazião os

(45) Isto é: *padecerão a morte* se violarem os seus votos. Depois das preocupações dos *Eldorados* e das *Terras das especiarias* outra das manias d'aquellas epochas de descobertas inauditas, era a dos animaes monstruosos que por força devião achar-se em tão esquisitas regiões. O fabuloso juntava-se muitas vezes ao real nas narrativas d'estas portentosas viagens. A imaginação aquecida nos livros de cavallaria medievaes, dava a tudo formas monstruosas e fóra do commum. Os escriptores achavão n'estas phantasticas narrativas o thema ou *leitth motive*; como dizemos hoje, para bordar tantos capitulos de phantasticas existencias. Uma das crenças mais vulgarisadas d'aquella epocha era a da existencia das amazonas. Antonio de Herrera que é um tanto accusado pelo seu gosto exagerado por tudo o que é maravilhoso e phantastico não podia escapar ao contagio da sua epocha, elle que apresentava tão especiaes condições de credulidade para todo o extraordinario. Ignoro os fundamentos que teve Herrera para acreditar nas amazonas brazileiras.

(46) A' margem direita do texto acha-se a seguinte nota: «*Algunas mugeres prometen castidad y locumplen*».

(47) Nota da margem direita: «*Siguen mucho el consejo de los viejos*»

(48) Na Bolivia, conta-se que as Indias evitão as dôres do parto comendo uma certa fructa.

(49) Estes *padres da Companhia* erão os jesuitas. Já nos temos referido em nota precedente á missão civilisadora da Egreja no Brazil. N'esta occasião fica este asserto confirmado

Portuguezes, assim que agora não ha mais escravos, senão os havidos em justa guerra.

«Ha n'esta terra animaes ferozes: as cobras de cascavel são muito venenosas, e as que tem duas bocças, uma na cabeça e outra na cauda, e mordem com as duas; (50) é branca e muito curta, e quem é mordido vive poucas horas. (51) Nos rios de agua doce ha grandissimos *lagartos* ou caimaes; e os Portuguezes dizem que os testiculos do animal fedem a almiscar exageradamente. (52) Os tigres são os que causam mais damno, os ha tão grandes como vitellos, matam muito gado, e muitos Indios, sobem as arvores como gatos, e alli aguardam a caça, e pulam encima d'ella e nenhuma lhes escapa. (53) «Toda a terra do Brazil está cheia de formigas grandes, e pequenas, fazem muito mal nas vides e nas lorangeiras: se não fosse isto haveria muitos vinhedos, ainda que vá tanto vinho de Portugal, que não se sente falta d'elle: (54) acham-se os animaes que levam os filhõs n'uma bolsa, e alli os criam: ha muitos macacos, e de diversas especies, (*maneras*, no original) andam sempre com as mães: e ainda que as matem não se afastam d'ellas. Ha um animal que chamam preguiça, (*perguiça*, no original) tão grande como raposa, que caminha tão pouco que em oito dias não vae além d'um tiro de pedra, e não se apressaria mais, assim o matassem: alimenta-se de folhas de arvores. (55) Acham-se muitos lobos marinhos, e porcos que se

uma vez mais: as palavras insuspeitas de Antonio de Herrera, cuja imparcialidade é reconhecida por todos seus biographos e commentadores são garantia sufficiente para proval-o.

(50) Nota da margem direita: «*Las culebras de cascavel son ponconosas*».

(51) Ultimamente annunciaram os jornaes de S. Paulo, que um italiano, mordido por uma aranha, morreu duas horas depois.

(52) «*que los testiculos son los que huelen mas que almisque*, diz o original hespanhol.

(53) Nota da margem direita: «*Hay tigres grandes como becerros*».

(54) Nota da margem direita: «*Vá tanto vino de Portugal al Brasil que no hay falta*».

(55) Nota da margem direita: «*El animal dicho perguiça, que en ocho dias no anda un tiro de piedra*».

criam no mar e em terra: ha outras infinitas differenças de animaes, e tantas que seria impossivel indical-as».

Com este capitulo termina o livro oitavo da obra de Antonio de Herrera.

Temos supprimido muitos commentarios tanto pelo temor de errar como por serem inuteis certos commentarios que apenas viriam confirmar factos conhecidos.

Sirva este pequeno trabalho, apezar dos defeitos de que nos declaramos réo, como prova do apreço em que temos os estudos que formam o intuito especial do nosso Instituto.

ADOLPHO MORALES DE LOS RIOS.

Academico correspondente da Real Academia de Hespanha, membro da Sociedade Archeologica de França e socio fundador do Instituto Geographico e Historico da Bahia.





A Ilha da Trindade

(Continuação)

Publicamos em seguida os documentos a que se referem as notas do nosso digno consocio, o Dr. Carlos de Cárvalho, ministro das relações exteriores, ao Sr. Constantino Phipps, enviado de S. M. Britanica, sobre a occupação da Ilha da Trindade já publicadas na *Revista* de Dezembro de 1895.

Estes e muitos outros, fornecidos pelo Archivo Publico d'este Estado, comprovam de modo incontestavel os direitos do Brazil sobre aquella Ilha e os rochedos de Martim Vaz, não só por se acharem esses terrenos relativamente proximos ao littoral brasileiro, como por fazerem parte da então colonia portugueza, quando primitivamente descobertos e occupados.

Ordem expedida ao almirantado da Grande Bretanha para a desoccupação da Ilha da Trindade

Pelos commissarios que exercem o officio de Lord Grande Almirante da Grande Bretanha e Irlanda etc.

Em cumprimento da determinação de El-Rey, que nos foi participada por Lord Grantham, um dos principaes Secretarios de Estado de S. Mag., se-vos ordena pela presente, que evacueis a Ilha da Trindade e vos embarqueis com os Vasallos

e Effeitos de sua Mag. que alli existirem, á bordo da embarcação pela qual vos fôr levada esta Ordem, a fim que vós e elles sejam conduzidos a Lisboa ou a Inglaterra, como fôr mais conveniente á Còrte de Portugal.

Dada debaixo de nosso signal aos 22 de Agosto de 1782.—
Keppel.--Ch. Brett.--I. I. Pratt.

Ao capitão Felippe d'Auvergne, ou ao Official, que commandar as forças de *S. Mag.* Britanica, deixadas na Ilha da Trindade pelo Comodore Johnstone--Por ordem de Suas Senhorias.—
Ph. Stephens.

**Instrucções para a desocupação da Ilha da Trindade--
7 de Dezembro de 1782**

Tendo chegado á Real Presença de Sua Magestade a noticia do Estabelecimento que os inglezes têm feito na Ilha da Trindade, pertencente a estes Dominios, tomou a mesma Senhora a Resolução de negociar com a Còrte de Londres, com que a de Portugal se consêrva na mais perfeita paz, e amizade, a prompta evacuação da referida Ilha, na qual é indisputavel o dominio que tem a Corôa de Portugal desde o seu descobrimento. Em consequencia do que se dirige o Almirantado da Grande Bretanha ao Official que intruzamente commanda o dito estabelecimento a Ordem junta, que com esta entrego a Vossa Senhora, em que se lhe determina a evacuação que immediatamente deve fazer da mesma Ilha.

Logo que Vossa Senhora chegar ao Porto d'ella, remetterá por um dos seus Officiaes a referida Ordem ao Commandante Inglez, solicitando a sua Execução pelo modo determinado por Sua Magestade, na Carta que lhe entreguei da Secretaria do Estado d'esta Repartição, com a data de deseseis de Setembro do presente anno.

Não duvidando o dito Commandante Inglez, como se deve supôr, dar logo execução a huma ordem tão pozitiva, deve desembarcar a Tropa que Vossa Senhora de acordo com o Marechal de Campo José Raimundo Chichorro achar proporcionada, para ficar destacada na referida Ilha, debaixo das Ordens do Sargento

Mór Manoel Rodrigues Silvano, que tenho nomeado Comandante dela, como artilheria, munisões, petrechos, viveres, e mais provisons necessarias, recebendo Vossa Senhoria a seu bordo, e das mais embarcaçoens, o dito Comandante Inglez e mais Vasallos da Grande Bretanha que ali se acharem com tudo o que lhes pertence, e quizerem transportar, para serem conduzidos a este Porto com o melhor tratamento que Vossa Senhoria lhes puder fazer.

Como pôde, porém, acontecer que o dito comandante Inglez por alguns motivos que nos sejam occultos duvide com promptidão, e boa fé, evacuar a referida Ilha, para este caso vai prevenida a presente Expedição na fôrma das Ordens de Sua Magestade que tenho comunicado a Vossa Senhoria, á vista das quaes se deve concluir com a força, o que não puder persuadir a razão e a justiça.

Terá Vossa Senhoria entendido que hé o Chefe da mesma Expedição composta da Náo do seu comando—Nossa Senhora dos Prazeres—da Fragata Nossa Senhora da Graça, e mais tres transportes, para com toda a autoridade, e jurisdicção que compete a hum Chefe de Esquadra a dirigir ao seu destino com o acerto que é proprio da sua intelligencia e zelo do serviço de Sua Magestade, para o que formará o Regimento que devem seguir a Fragata, e mais embarcaçoens que os seus respectivos comandantes executarão com a maior exacção distribuindo as suas Ordens como entender, e nomeando Officiaes para o Comando dos referidos transportes, quaes, e quando lhe parecer conveniente.

Na mesma Expedição vai a Tropa regular de Infantaria e Artilharia, com os officiaes necessarios, e por seu General o Marechal de Campo José Raimundo Chichorro, com Artilharia, muniçoens, e provimentos necessarios para qualquer acção, e para ficar principiado o novo Estabelecimento, e quando Vossa Senhoria encontre no Official Inglez a duvida acima premeditada antes da ultima intimação, como Sua Magestade lhe tem ordenado na sobredita Carta de deseseis de Setembro, terá tudo disposto, e prevenido de accordo com o dito general das Trepas para se dar um golpe, pronto e acertado. Nada tenho que dizer ao caso de encontro naquelle Porto, com algumas Embar-

caçoens inglezas que se oponham ao nosso intento; porque este caso se acha premeditado e resolvido por Sua Magestade na dita Carta de deseseis de Setembro.

Nas duas Embarcaçoens de Transporte de Sua Magestade, vão por capellaens dous Religiosos Franciscanos com o destino de ficarem occupados no referido Estabelecimento, os quaes Vossa Senhoria para isso fará desembarcar suprimindo a sua falta com os da Náu e Fragata que lhe parecer nomear.

Si fôr maior a demora de Vossa Senhoria na referida Ilha, para dispor o que fôr necessario para o embarque dos Inglezes, e da Tropa, que deve voltar, e se puder ao mesmo tempo escuzar alguma, das Embarcaçoens de Transporte, por ella me fará Vossa Senhoria logo o Aviso de tudo, communicando ao dito Marechal esta sua determinação, para tambem me participar pela sua parte o que se lhe offerecer. Mas sempre Vossa Senhoria tome hum perfeito conhecimento do estado da Ilha e do estabelecimento que póde admittir, tal, que me possa dar grandes luzes para acertar no Serviço de Sua Magestade a este respeito, bem certo de quanto Vossa Senhoria nelle se tem distinguido, e ha de distinguir n'esta occasião.

Deus guarde a Vossa Senhoria.

Rio, 7 de Dezembro de 1782.—*Luis de Vasconcellos e Souza*
—Sr. José de Mello Brayner.

**Officio que o Vice-Rei do Brazil dirigiu ao Governo Portuguez
em 20 de Dezembro de 1782**

Illm. e Exm. Sr.—Tendo recebido as Ordens de Sua Magestade, participadas por V. Ex. no Officio de 15 de Setembro deste anno, e n'elle inclusa a Carta expedida do Almirantado da Grande Bretanha ao Official Inglez que commanda a Ilha da Trindade, em que positivamente se lhe determina a efectiva evacuasam d'ela; cuidei em pôr em execusam as mesmas Ordens, e as, que igualmente acabava de receber a respeito da referida Ilha em outro Officio de V. Ex. com a data de 16 do referido mez, como lhe participei na minha Carta de 23 de novembro do presente anno.

Em conformidade das referidas Ordens dei todas as provi-

dencias necessarias para fazer embarcar na Náo e Fragata de Guerra, que se achavam neste Porto e em tres Transportes que julguei indispensaveis para esta expediçam, não só a Tropa, que devia ser n'ella empregada debaixo do Comando do Marechal de Campo, José Raimundo Chichorro, a quem nomeei Commandante da mesma Tropa, que cónsta do Mapa que remeto debaixo do N. 1.º, mas tambem a Arthilharia, Munisoens e Petrechos, que tinha com antecedencia mandado apromtar no Trem, e que fe faziam presentemente necessarios: deixando ficar no mesmo Trem alguns, por não serem tão precisos, e outros, por terem vindo similhantes nas referidas Náo e Fragata: como V. Ex. verá do Mapa debaixo do n. 2.º Além disto fiz tambem embarcar os Mantimentos, Materiaes, Plantas e Sementes, que mostra a Relasam N. 3.º, para o consumo e serviço da referida Ilha.

Devendo toda esta Expedisam ser dirigida pelo capitam de mar e guerra José de Mello a quem sua magestade mandou com a Náo do seu commando—Nossa Senhora dos Prazeres—ao porto desta capital com o determinado fim de fazer evacuar os inglezes a Ilha da Trindade e pelo marechal de campo José Raymundo Chichorro; antes de lhes entregar as ultimas Ordens, que constam das copias NN. 4.º e 5.º, tive com elles repetidas conferencias, nas quaes lhes fiz ver quaes eram as positivas intensoens de Sua Magestade e quaes eram as ordens por onde se deviam reger para pôr em execusam o que a Mesma Senhora tem determinado a respeito da mesma Ilha: entregando ao sobredito Capitam de Mar e Guerra a Ordem da Grande Bretanha para a fazer entregar ao Comandante Inglez, que existisse na referida Ilha, logo a ela chegase, e recomendando-lhe que conforme a resposta, e cumprimento, que o dito Official Inglez dese á Ordem de sua Corte, pozesse em execusam as que lhe forão dirigidas, de Sua Magestade, na carta de V. Ex. de 16 de Setembro d'este anno.

Com a mesma Tropa fiz embarcar o Capitam Manoel Rodrigues Silvano do Regimento de Infantaria de Extremoz, por ter tido boas informasoens não só da capacidade, e zelo, com que se emprega no Real Serviso, mas tambem do genio proprio, e propensam ajustada para a creasam d'aquelle novo Estabeleci-

mento: determinando o sobredito Marechal que, depois de evacuada a referida Ilha, e reguladas as providencias necessarias de acordo com o sobredito capitam de mar e guerra, tanto pelo que pertence á boa Ordem e arrecadasam da artilharia, Muniçoens, Petrexos e mais Provisões de Guerra e boca q'ali devem tambem ficar, quando estivesse para se retirar para esta Capital fizesse declarar o sobredito Official commandante da referida Ilha pela Portaria, que lhe pasei, em que tambem o nomeei Sargento Mór graduado, entregando-lhe a mesma Portaria, e a Carta de Instrusam que formei para o sobredito Commandante se reger no Governo d'quelle Estabelecimento; o que tudo V. Ex. verá nas copias debaixo dos Ns. 6 e 7. Com as informasoens, e noticias, que fôr adquirindo, poderei alterar ou accrescentar a mesma Instrusam, e dar as Providencias, que occorrerem, por meio da comunicasam, que-se houver de abrir, d'esta Capital com a dita Ilha, da qual deve logo o mesmo Commandante fazer extrahir huma planta fiel, para me-remeter com as observasoens, que achar convenientes, para melhor se estabelecer a Povoassam, e a Lavoira na forma expresada na sobredita instrusam.

As repetidas chuvas, proprias deste Paiz na presente Estasam, fizeram retardar a referida Expedisam, e ainda, depois de embarcada a Tropa, não poderam ter pronta sahida as Embarcasoens, por causa do tempo, mas com effeito se-fizerão á vela no dia 16 do presente mez.

Deus Guarde a V. Ex. Rio, 20 de Dezembro de 1782—*Luiz de Vasconcellos e Sousa.*

Sr. Martinho de Mello e Castro.

**Carta Regia de 22 de Fevereiro de 1724, para impedir que os
ingleses frequentem a Ilha da Trindade**

Dom João por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalém mar em Africa Senhor de Guiné etc. Faço saber a vós Ayres de Saldanha de Albuquerque Governador e Cappitam General da cappitania do Rio de Janeyro, q' havendo visto o q'. me representou o V. Rey e Cappitam General de mar e terra do estado do Brazil Vasco Friz' Cesar de Menezes

em carta de trinta e hu' de Mayo do anno passado, sobre o aviso que lhe fez Francisco Pereira Mendes q'. pello interim se acha governando a feitoria de Ajuda a respeito de ter ido a Ilha da Trindade hum paquete inglez botar gente em terra para apovoarem, e depois a Ilha grande para venderem a fazenda que Levavão, o q' não conseguirão pello cappitam de mar e guerra Joseph de Lenedo lhe dar duas vezes cassa e tornando para o do. porto de Ajuda a lansára em terra, carregando depois de escravos em um Navio da companhia que se supunha tinha hido para a costa do Brazil em cuja povoação da da ilha da Trindade afirmam os Inglezes hé muy empenhado o duque de Xambre hoje o mais interessado na compnhia de Guiné com o interesse de que introduzindo lhe muitos escravos os possa mais facilmente passar a Ilha grande e por que o meio de se atalhar este damno que certamente ha de cauzar a introdução deste commercio na da Ilha, sou servido ordenarvos por resolução de dez de Janeiro deste prezente anno em consulta do meu Conselho Ultramarino q' sefortifique a da praça, tendo-se n'ella hus taes ministros que zelem e impidão este negocio, o qual se o conseguirem os Inglezes, será não só muy pernicioso ao Estado do Brazil mas a este Reyno; de q'vos avizo para que assim o tenhaes entendido e executar esta minha Real disposição. El Rey nosso Senhor o mandou por João Telles de Silva e Antonio Roiz da Costa conselheyros do seu cons^o Ultramarino e se passou por duas vias. Antonio de Cobellos Pereira a fez em Lx^a. Occal. a vinte e dous de Fevereyro de mil sette centos e vinte e quatro. O Secretario *André Lopes de Laure* a fez escrever.—*João Telles da Silva, Antonio Roiz da Costa.*

Decreto n. 9,334 de 29 de Novembro de 1884

Attendendo ao que Me requereu João Alves Guerra. Hei por bem conceder-lhe permissão para explorar mineraes e extrahir productos naturaes na ilha da Trindade, na provincia do Espirito Santo, assim como para alli estabelecer salinas mediante as clausulas que com este baixam, assignados por Antonio Carneiro da Rocha, do Meu Conselho, Ministro e Secretario do Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras publicas

que assim o tenha entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro, em 29 de Novembro de 1884,63. da Independencia e do Imperio. Com rubrica de Sua Magestade o Impêrador, *Antonio Carneiro da Rocha.*

Archivo Publico da Bahia

OFFICIOS DO DR. DIRECTOR, REMETTENDO, POR CÓPIA, AO DR. GOVERNADOR, OS DOCUMENTOS ALLI EXISTENTES, RELATIVOS Á QUESTÃO DA ILHA DA TRINDADE

«Archivo Publico do Estado da Bahia, em 1 de agosto de 1895.—N.—. 23.—Tenho a honra de passar ás vossas mãos os inclusos documentos existentes neste archivo, relativos á questão da Ilha da Trindade.

Um delles serve para confirmar a carta regia que foi dirigida a Ayres de Saldanha de Albuquerque, governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro; o outro tem intima relação com a náó *Nossa Senhora dos Prazeres*, ao commandante da qual foram dadas instrucções, em 1782, para o estabelecimento militar da mencionada ilha.

Continúo na pesquisa de novos documentos, que, se forem encontrados, serão levados ao vosso conhecimento e esclarecido juizo.

Saúde e fraternidade.

Sr. Dr. governador do Estado. (Assignado).—O director, Dr. *Frederico Augusto da Silva Lisboa.*

Copia.—No livro 20 de Ordens Regias, á fl. 72, existente neste Archivo Publico, encontra-se o seguinte documento:

Carta Regia de 22 de Fevereiro de 1724, ao Vice-Rey e capitão-general de mar e terra do Estado do Brazil, sobre ficar entendendo e haver sua magestade ordenado ao governador do Rio de Janeiro fortifique a Ilha da Trindade.

Dom João por graça de Deus, Rey de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guiné, etc., etc.

Faço saber a vós Vasco Fernandes Cesar de Menezes, V. Rey e Capitão Ceneral de Mar e Terra do Estado do Brazil, que

havendo visto o que me representastes em carta de 31 de Maio do anno passado, sobre o aviso que vos fez Francisco Pereira Mendes que pelo interino se acha governando a feitoria de Ajuda a respeito de ter hido á Ilha da Trindade hum paquete Inglez botar gente em terra para a povoarem passando depois á Ilha Grande para vender a fazenda que levava, o que conseguira pelo capitão de Mar e Guerra Josepho de Semedo lhe dar duas vezes cassa; e tornando para o dito porto de Ajuda a lançara em terra carregando despois de escravos em hum Navio da companhia que tinha hido para a costa do Brazil em cuja povoação da dita Ilha da Trindade affirmão os Inglezes hé muy empenhado o Duque de Xambre, hoje o mais interessado na Companhia de Guiné como o interesse de que introduzindo muitos escravos os possa mais facilmente passar á Ilha Grande, e porque o meyo de se atalhar este damno que certamente há de causar a introdução d'este commercio na Ilha Grande.

Me pareceu mandar-vos dizer por resolução de 10 de Janeyro deste presente anno em consulta do meu concelho ultramariné que ao governador do Rio de Janeyro ordeno fortifique a dita Praça, tendo-se n'ella huns taes Ministros que zelem e impidão este negocio, o qual se conseguirem os Inglezes, será não só muy pernicioso ao Estado do Brazil, mas a este Reyno; de que vos avizo para que tenhaes entendido a resolução que fui servido tomar neste particular.

El-Rey Nosso Senhor o mandou por João Telles da Silva e Antonio Rodrigues da Costa concelheyros do seu concelho Ultramarino e se passou por duas vias. Antonio de Cobellos Pereira a fez a L^{xa} occal a 22 de Fevereiro de 1724.—O Secretario, André Lopes de Laure a fez escrever.—*João Telles da Silva.*—*Antonio Rodrigues da Costa.*

Está conforme ao original.

Arquivo Publico do Estado da Bahia, 1º de Agosto de 1895.—O amanuense.—*Antonio Moreira de Góes.*

Copia. No Lo 1º. de Cartas á Sua Magestade do anno de 1780 á 1783 á fl. 255, encontra-se o seguinte documento:

Illm. e Exm. Sr.—Em 5 do presente mez me chegou uma

carta de José de Mello Bayner, commandante da Náo de Sua Magestade N. Senhora dos Prazeres escrita a bordo da mesma Náo á véla defronte do Porto do Principe da Ilha da Trindade com data de 23 de Janeiro d'este anno, em a qual me diz que com a maior brevidade remeta eu a V. Ex. o maço de cartas e lata com os papeis que esta vam, que são do serviço de S. Magestade e como se achava prompta a partir para essa Còrte a Galera N. Senra. de Nazareth e S. Miguel por ella os mando a V. Ex. entregues ao mestre da mesma Galera Domingos Baptista Claro.—Deus Guarde a V. Ex.—Bahia, em 7 de Fevereiro de 1783.—Illm. Exm. Sr. Martinho de Mello e Castro—*Marquez de Valença.*

Está conforme.

Archivo Publico do Estado da Bahia, 1.º de Agosto de 1895.—O Amanuense.—*Antonio Moreira de Góes.*

«Archivo Publico do Estado da Bahia, em 11 de janeiro de 1896.—N. 2.—Em additamento ao officio que vos dirigi em data do 1.º de Agosto do anno proximo findo, tenho a honra de passar ás vossas mãos a cópia de mais um documento, encontrado neste Archivo sobre a questão da Ilha da Trindade.

Por elle se verá que diversas foram as tentativas que fizeram os inglezes, no intuito de apoderar-se d'aquella Ilha, então pertencente ao Reino de Portugal, como ficou evidentemente provado por documentos de reconhecido valor historico.

Saúde e fraternidade.—Exm. sr. Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima, muito digno governador do Estado.—O director, Dr. *Frederico Augusto da Silva Lisboa.*»

Illm. Exm. sr.—No dia desesete do corrente, entrou por esta Barra o Navio Parlamentario Inglez chamado *Jupiter*, o qual vinha transportando para o primeiro Porto de França o Estado mayor, e equipagem da Fragata do Rey de França a *Felipina*, que foi tomada a cento e oitenta Legoas a Leste da Ilha da Trindade pela Náo Ingleza tambem chamada *Jupiter* de sessenta pessas, pela Fragata Mercurio de trinta e duas, e por um Cuter

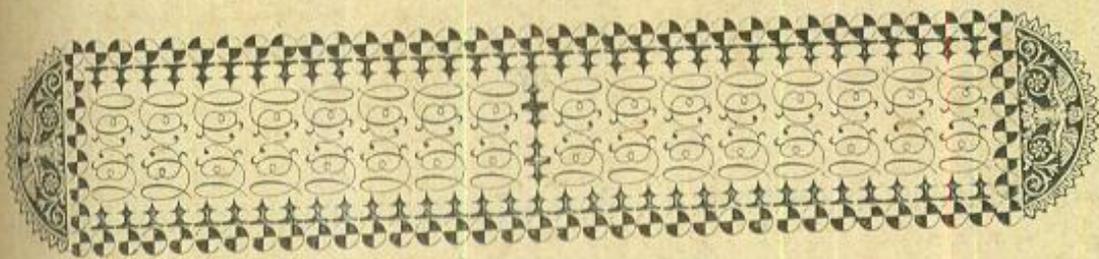
de Catorze. O dito Navio Parlamentario vinha expedido da referida Ilha da Trindade, e constou-me pelo commandante prezoneiro Roquefewil Labistour, que os Inglezes tem desembarcado nella sincoenta homens, e que a ficavam fortificando, tendo já levantado huma Bateria: o que me pareceu indispensavel participar nesta occasião a V. Ex., por ser a mesma Ilha tão proxima á Costa do Brazil, e á Capitania do Espirito-Santo, que pertence á este Governo. Os prezoneiros Francezes forão os que instarão com o Mestre do Navio Inglez, para que arribasse á este Porto pela necessidade que tinham de o tomar, pois se achavão muitos delles perigosamente enfermos de escorbuto, como V. Ex. melhor verá do Auto de exame a que mandei proceder na forma das Reaes Ordens. Pela sentença proferida á elle saberá V. Ex. que concedy á estes Estrangeiros quarenta dias para se demorarem n'esta cidade, que hé o que por ora entendem os medicos e Cirurgioens ser bastante para o seu restabelecimento. Os que estavam mais gravemente doentes ficão no Hospital militar, em huma enfermaria separada das mais, e lhes estão assistindo com a despeza do seu curativo Manoel José de Carvalho homem de negocio d'esta praça á quem eu falley para esse fim, passando-lhe letra o referido commandante Francez, para lhe ser satisfeita nessa Còrte pelo seu Consul. Deus guarde á V. Ex. Bahia, 30 de janeiro de 1782. Illm. e Exm. Sr. Martinho de Mello e Castro Marquez de Valença.»

Nota.—Este documento foi extrahido do Livro 1.º de Cartas para S. Magestade, á fl. 171 (existente n'este Archivo), durante os annos de 1780-1783. Archivo Publico do Estado da Bahia, 11 de janeiro de 1896.—O amanuense, *Innocencio Góes*.

Visto. F. Lisboa.

(*Continúa*)





AS FORTALEZAS DA BAHIA (*)

Agora que nas altas regiões officiaes agita-se a importante questão da reorganisação da nossa marinha de guerra, quasi anniquilada pela revolta de 6 de Setembro, desenvolvimento dos arsenaes e fortificaçào, pelo menos, dos nossos portos principaes, julgamos da maxima oportunidade a publicaçào do relatorio do fallecido marechal Beaurepare Rohan sobre o estado das fortalezas da Bahia, em 1863, cujo porto continúa ainda hoje desabrigado, sem arthillheria de grande alcance e impossibilitado de repellar qualquer aggressão estrangeira.

Infelizmente, entre nós, os simples concertos e reparos sào serviços que duram annos e annos, quando não satisfeitas as providencias reclamadas pelos chefes respectivos.

Leia-se a proposito o importante parecer sobre a fortificaçào da capital, pelo brigadeiro José Gonçalves Leão, presidente da Junta, encarregada, pelo Governador da Bahia em 1809, de propor as obras necessarias para a defesa da península e do reconcavo, e que, parece, até hoje nem forão iniciadas (**).

(*) Do Archivo Publico da Bahia.

(**) Accioli: Memorias Historicas da Bahia, Vol. VI, pags. 179 e seguintes.

**Relatorio do Estado das Fortalezas da Bahia pelo Coronel
Beaurepaire Rohan**

Illm. e Exm. Sur.—Tenho a honra de participar a V. Ex. que completei meus exames em todas as fortalezas desta Provincia. No relatorio junto, que mandei organizar por meu ajudante, o Capitão do Estado Maior de 1ª Classe Antonio Alvares dos Santos Sousa, encontrará V. Ex. a descripção minuciosa de cada uma dellas.

Por este documento conhecerá V. Ex:

Que se achão convenientemente reparados os fortes de Santa Maria, São Diogo, Gambôa, São Marcello, Santo Alberto, Jequitaiá e Monserrate, que guarnecem a marinha desta cidade;

Que se devem considerar inutilizados, para o fim de seu primitivo destino, os fortes de Santo Antonio da Barra, São Pedro, Santo Antonio além do Carmo e Barbalho; no primeiro dos quaes estabeleceu-se o pharol, servindo o segundo de aquartelamento militar, e os dous ultimos de prisões civis;

Que nunca foi concluido o do Rio Vermelho;

Que se acha em completa ruina o de São Bartholomeu de Itapagipe;

Finalmente, que progridem as obras de reparação que V. Ex. mandou executar na fortaleza do Morro de São Paulo.

Em geral, as nossas fortalezas não estão em relação com os modernos meios de ataque; mas seu principal defeito, que aliás se observa em todo o Imperio, é não terem artilheria de grande alcance, que possa repellir algum insulto da parte de uma esquadra inimiga, que nos viesse atacar.

E' principalmente para este ponto que terei a honra de supplicar a attenção do Governo Imperial.

Entretanto, asseguro a V. Ex. que as obras que se executaram ultimamente forão bem concebidas, nem era possivel que continuassem as cousas no estado de desmantelamento que se ^{observa} vava.

No relatorio do Capitão Santos Souza vão mencio ^{nadas as} obras mais ou menos importantes de que carecem alg ^{umas das} fortalezas por mim inspeccionadas.

Digne-se V. Ex. attender para este documento, dispensando-me assim de dar maior desenvolvimento á minha exposição, avista da difficuldade que, por motivo de saude, me impede actual-mente de me demorar muito em qualquer trabalho de escripturação.

Não terminarei, porém, sem render a V. Ex. os mais sinceros e respeitosos agradecimentos pela benevolencia com que honrou-me por occasião da minha commissão n'esta provincia, asseverando a V. Ex. que o tempo que servi sob suas ordens será sempre parã mim da mais grata recordação.

Bahia, 3 de Agosto de 1863.

Deus Guarde a V. Ex.—Illm. e Exm. Snr. Conselheiro Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, Presidente da provincia da Bahia.—O Coronel do corpo de Engenheiros,

Henrique Beaurepaire Rohan,

Illm. e Exm. Snr.—Venho dar conta a V. Ex. do estado actual das Fortificações d'esta Provincia e seu armamento, cumprindo assim as ordens que V. Ex. serviu-se relativamente ás obrigações do cargo de ajudante, que tenho a honra d'occupar junto á V. E. no exame das referidas fortificações.

Ainda que, entre as Provincias, cujas fortificações forão por V. Ex^a. examinadas, seja esta a que as apresenta em melhores condições pelas reparações que soffreram, e se possa consideral-as em estado de prestarem os serviços que lhe são proprios; todavia ou pela urgencia de taes reparações ou pela conveniencia de curar-se das partes mais necessarias, attenta a multiplicidade dos postos militares d'esta cidade, quasi todos abandonados, essas reparações não se estenderam a todos os logares aonde se faziam precisas; pelo que, á proporção que tratar de cada um d'elles, as irei indicando.

O systema de defeza d'esta cidade consta de treze fortificações, sendo tres centraes e dez disseminadas pela marinha, além das fortificações do Morro de S. Paulo e Ilhade Itaparica; das quaes passo a tratar successivamente.

Morro de S. Paulo (*)

Collocada na Ilha do mesmo nome, cuja importancia para a defeza da bahia d'esta cidade, da qual dista proximamente treze leguas, é geralmente conhecida, compõe-se esta fortificação de dois reductos isolados e diferentes baterias disseminadas pelos lados N. L. e O. da referida Ilha, formando systema de modo a bater os navios que demandam o porto, os quaes, pelas circumstancias do canal, são obrigados a exporem-se aos seus fogos.

O desenvolvimento total dos planos de fogo d'esta fortificação é de trez mil e vinte palmos (3020), distribuido pelos Fortes,—S. Luiz, Zimbeiro, S. Paulo, Conceição e Baterias que unem os dous ultimos, de cada um dos quaes passo a tratar.

Forte de S. Luiz.—Situado na ponta S. E. da Ilha, á 50 palmos do nivel do preamar, é de forma trapezoidal, á barbata, com o desenvolvimento de 212 palmos: está todo reparado, precisando somente da construcção d'uma plataforma geral, ladrilho da casa do terra-pleno, uma grade para o corpo da guarda e fechaduras.

Não está armado.

Zimbeiro.—Ao N. de S. Luiz, de 80 á 100 braças, assentado no cume d'um morro, que se avança para o mar, á L. da Ilha e 270 palmos acima do nivel do preamar.

É um pentagono, cujas baterias á barbata apresentam o desenvolvimento de 200 palmos. Precisa de reparações em suas muralhas, que se acham com pequenas fendas, e em outras partes de suas obras; construcções de plataforma e d'uma casa para a guarda. Tambem não está montada.

Forte de S. Paulo.—É um forte de forma irregular, composto de seis lados, trez á barbata e trez á cantoneiras, formando quatro salientes e um reentrante, com o desenvolvimento de 582 palmos, assentado na ponta N. da Ilha, e á 15 palmos acima do preamar. A parte á canhoneiras, unica montada, contém oito peças de calibre 30.

Este Forte soffreu reparações e mesmo augmento de cons-

(*) Foi começada a sua construcção no tempo do governador Diogo Luiz de Oliveira (1626-1635), concluindo-a o conde de Sabugosa (D. Vasco Fernandes) em 1730.

tracções novas, e precisa do seguinte: plataforma geral, cimento nas muralhas velhas, canos de esgoto, rebóco, cantaria para cornijas, ladrilho do terrapleno, cabides e portas.

Cortina entre S. Paulo e Conceição.—Compõem-se de seis muralhas em direcção da costa O. da Ilha, á borda d'agua, formando quatro reentrantes e dous salientes, com duas canhoneiras e tudo mais á barbeta na extensão total de 1211 palmos.

Parte d'esta muralha, 480 palmos, está desabada e precisa ser levantada, construindo-se tambem uma plataforma geral.

Bateria da Conceição—E' uma flexa de 174 palmos de desenvolvimento, com quatro canhoneiras nas faces, montando outras tantas peças de calibre 18, das quaes duas (as da face N.) defendem o lado esquerdo do Forte de S. Paulo, e as outras jogão seus fogos na direcção N. O. Está reparada e prompta.

Bateria a esquerda da flexa.—São as que unem esta á rampa do portaló, e constam de quatro muralhas com oito canhoneiras, (quatro na saliente do centro e igual numero ao lado esquerdo da entrada) com o desenvolvimento de 642 palmos. Aqui tambem dous lanços da muralha, na extensão de 179 palmos, estão desabados, precisam ser contruidos, fazendo-se a competente plataforma.

Taes são as obras de que se compõe a Fortaleza do Morro de S. Paulo, as quaes, além das construcções e reparações indicadas, precisam da construcção de contra forte em todo o desenvolvimento das muralhas e outros pequenos concertos na rampa e casa da polvora.

Concluindo, devo dizer que não ha n'esta fortificação accomodações precisas para a guarnição, compatíveis com o seu desenvolvimento.

Rio Vermelho (*)

No logar da costa assim denominado, distante duas mil braças da Fortaleza de Santo Antonio da Barra, existem sete lanços de muralhas com o desenvolvimento de seis centos e doze palmos, ligados e formando entre si cinco salientes e um

(*) D. João V pela carta regia de 14 de Setembro de 1722 mandou levantar o reducto e trincheira do Rio Vermelho para defender aquella parte da costa do mar.

reentrante, de alvenaria forte e bem conservada, que pareciam destinadas a formar um reducto n'aquelle ponto, cuja construcção julgo ter sido sustada de modo que apresenta o perimetro incompleto para o lado do mar.

A' excepção das referidas muralhas que podem ser aproveitadas, tudo mais ha por fazer.

Santo Antonio da Barra. (*)

Esta Fortaleza está situada na ponta L. ou esquerda da enseada do mesmo nome; é um decagono com seis salientes e quatro reentrantes, á barbeta, com o desenvolvimento de 701 palmos, dos quaes 312 se acham occupados pelos edificios. E' esta fortaleza o assento do Pharol, (**) á favor de cujo serviço perdeu o seu destino proprio, e nem pode prestar simultaneamente com aquelle, porque dos abalose vibrações de artilheria devem resultar graves inconvenientes para as funcções e mesmo existencia do Pharol; mas quando o uso e as vantagens d'este devessem ser pospostas ás que se podem tirar do Forte como recurso bellico, seria necessario o restabelecimento das obras de terrapleno, e as reparações reclamadas pelo abandono em que parece estar, apesar de ser habitada pelo pessoal do serviço do pharol.

Em seu interior possui a fortaleza quatro casas, sendo duas abobadadas contiguas á entrada e duas no solo do terrapleno, que são alojamentos das pessoas ácima alludidas e dependencias do serviço do pharol: estas casas precisam de algumas reparações.

Forte de Santa Maria (***)

Demora na ponta L. direita da enseada da Barra, fronteira ao Forte precedente, em um morro por elle dominado e distante 310 braças proximamente.

(*) Foi a primeira fortaleza construida na Bahia. Principiada em 1536, concluíram-se as obras da fortaleza a 17 de Setembro de 1772.

(**) Começou a funcionar o pharol a 2 de Dezembro de 1839.

(***) Concluiu-se a sua edificação a 11 de Dezembro de 1696, sendo governador D. João de Lencastre.

E' de figura irregular, tendo a forma d'um hecogono com o perimetro de 514 palmos, do qual os dous lados da entrada e partes dos adjacentes, na extenção de 200 palmos, são occupados pelos quartéis e mais accomodações do pessoal e material do Forte.

Monta 8 peças de calibre 24 e outras tantas canhoneiras existentes, e tem banquetas proprias ao emprego de infantaria.

Está convenientemente reparado, sendo somente de notar que não existão plataformas, pelo que os reparos assentão sobre o mesmo solo do terraplano, o qual, não sendo calçado com lageados, e embora apresente uma superficie unida e regular, não offerece contudo ao jogo do *reparo* a desejada resistencia, e nem na declividade de superficie o conveniente modificador do recuo; entretanto este Forte está bom, e pode prestar os serviços que seus recursos permitem.

Forte de S. Diogo (*)

Collocado na ponta *S E* da mesma enseada em que se acha o de Santa Maria, á direita e na distancia de 150 braças d'elle, é este Forte de figura irregular, composto de seis lados rectos e um curvo, á barbeta, cujo plano de fogo total é de 120 palmos.

Monta cinco peças de calibre 24, foi reparado e se acha em bom estado.

Não possui plataforma, e os reparos por semelhante falta de canção sobre o solo do terraplano, que não é lageado e nem possui o declive proprio d'aquella, como é conveniente na parte em que joga a artilheria.

Forte da Gambôa

Situado na raiz da montanha á borda d'agua, em seguida ao Forte de S. Diogo, do qual dista 980 braças proximamente.

Compõe-se este Forte de trez baterias á barbeta com o desenvolvimento total de 482 palmos, formadas por uma cortina de 356, fronteira ao mar e duas partes lateraes divergentes, que se lhe reúnem, montando todas 18 peças, sendo seis de calibre 32 e doze de 24, bem como 14 reparos que estão arruinados, distribuidas

(*) Foi reedificado em Setembro de 1722 sendo governador o vice-rei Conde das Galveas.

por outros tantos intervallos que deixão as banquetas; isto é treze na cortina e cinco nos lados.

Este Forte foi todo reparado a pouco tempo e acha-se por isso em bom estado.

Entretanto ou a urgencia reclamada pelas circumstancias, ou a necessidade de aproveitar obras já existentes, ou outras causas provavelmente justificativas importarão as lacunas que alli se notão, as quaes cumpre attender com as convenientes correções seguintes:—Sendo este Forte á barbata, como convém ao papel que deve representar na defeza deste porto, me parece que eliminou-se uma boa parte das vantagens de sua especialidade com a construcção de 18 banquetas, occupando uma extensão superior á 250 palmos, destinadas á infantaria, quando melhor e mais efficaz emprego procuraria a occupação por peças; por isso julgo que a esphera d'acção d'este Forte ganha com a subtração das referidas banquetas, entendendo que só devem ser conservadas aquellas existentes para o lado de terra, que encontrão utilidade na defeza da entrada por ambas as armas.

A plataforma geral precisa ser completamente substituída por outra melhor construída e mais resistente, com declive impediante do recuo e com maior largura (3 braças), qualidades essenciaes ao serviço que devem prestar, e de cuja falta se resente a existente.

O rebaixamento do parapeito de forma a deixar-lhe a altura propria das baterias á barbata, é outra cousa de que se não deve prescindir.

Finalmente o solo do terrapleno reclama tambem o beneficio d'algumas camadas de materiaes que o torne resistente, isentando-o de transformar-se em lamaçal por occasião das chuvas, como acontece hoje.

Quanto aos edificios, elles se achão em bom estado e assciados: mas cumpre dizer que não existe quartel para a guarnição, o que parece indispensavel, e pode ser satisfeito com a continuação da casa, cuja construcção foi sustada.

Forte de S. Marcello (*)

Demora no meio do porto d'esta Cidade, defronte do Arsenal

(*) Mandado edificar em 1623, foi reconstruido em virtude da

de Marinha e á 760 braças do Forte da Gambôa, que lhe fica a N. E' circular, á barbete, com o desenvolvimento de 1212 palmos e monta 30 peças de calibre 32.

Está prompto; mas convém que o terraplano do lado de terra seja cimentado, completas as guardas das rampas, outras ligeiras reparações e substituição das ferragens no portão e janellas.

Forte de S. Alberto (*)

Está situado na marinha da Cidade, á esquerda e na distancia de 240 braças do Arsenal de Guerra, e á 350 do Forte da Jequi-taia.

E' de fórma irregular (exagono), cujas baterias com sete canhoneiras apresentam um plano de fogo de 290 palmos, montando sete peças, trez de calibre 24 no lado da frente para o mar e quatro de 18 nos contiguos adjacentes.

Acha-se em bom estado e pode ser considerado prompto; entretanto ressen-te-se da falta de plataformas para as competentes canhoneiras, cujas peças assentão hoje no mesmo solo do terraplano, o qual, embora fosse ahi nivellado e preparado de modo que parece consistente, não offerece comtudo a desejada resistencia para o pezo e movimento das peças, está ao mesmo nivel não tendo portanto o declive impediente do recuo.

Um outro defeito resulta da actual estação do páo de bandeira no espaço que devia ser occupado pela pilha de balas da peça yisinha, a qual, por semelhante motivo, estabelecida á direita da peça, impoz a mesma alteração em todas as outras; sendo assim que a regularidade e ordem do serviço deve soffrer pela posição das pilhas em ponto diverso do que compete ao soldado encarregado do serviço das balas cujo logar como se sabe é á esquerda da peça respectiva.

O deposito de polvora d'esta fortaleza está condemnado pela qualidade do material de sua construcção (madeira), e precisa ser substituído por outro de alvenaria abobadado.

Carta regia de 4 de Outubro de 1650, cocluindo-se a sua reforma a 16 de Agosto de 1772.

(*) Mandado construir no tempo de D. Diogo de Menezes (1066-1612), foi considerado como um dos mais estrategicos.

O desentupimento da cisterna que existe no forte, é outra necessidade que cumpre executar.

Forte da Jequitaia (*)

Está também assentado na marinha, a quasi 100 braças do Arsenal de Guerra e a 1300 proximamente da ponta de Monserrate.

E' um quadrilatero com o desenvolvimento proximo de 78 braças, das quaes formão o plano de fogo 327 palmos, montando 11 peças, sete de calibre 24 e quatro de 18.

Suas construcções estão reparadas e bem conservadas; mas cumpre observar que o plano, todo lageado e bem construido, em que se movem os reparos, além de sua escassa largura (26 1/2 palmos) é superior ao nivel de terrapleno, formando um degrau de dous palmos de altura, e não tem a declividade propria; donde resulta que o serviço da collocação das peças em bateria deverá ser penoso e difficil no caso em que os reparos saltem fóra da plataforma com a impulsão do recúo, o que aliás a pouca largura d'esta permite prever.

Conviria pois fazer-lhe as reparações que a devem corrigir.

Além disto convem cimentar o terraço para consolidal-o, ladrilhar o chão das casas e pintal-as.

Finalmente resta-me observar que a transformação da actual prisão do Forte em deposito de polvora parece de utilidade; e que é bem sensivel a falta d'agua no recinto do Forte, necessidade que pode ser sanada ou com a collocação d'uma penna d'agua derivada do encanamento da cidade (o que é melhor), ou com a abertura d'uma cisterna que receba as aguas dos telhados convenientemente encanadas.

Forte de Monserrate (**)

Erecto na ponta do mesmo nome no extremo da larga enseada desta Capital opposta á ponta de Santo Antonio da Barra.

Sua configuração é a d'um exagono com o desenvolvimento de 485 palmos, á barbete e montando actualmente seis peças de calibre 18.

(*) Está hoje completamente desarmado.

(**) Começado em 1586 no governo de Telles Barretto, concluiu-se a reedificação em Setembro de 1722.

Está bem conservada, limpa e tem as accomodações precisas para o material e pessoal.

Deve-se pois considerar este Forte em estado de prestar os serviços que lhe são próprios; sendo somente de notar que não esteja armado com artilheria de maior calibre, como convém á sua posição e distancia relativa aos outros Fortes.

Forte de Itapagipe (S. Bartholomeu)

Demora na ponta da Ribeira, defendendo a entrada da Bahia de Itapagipe, e é o ultimo forte da marinha d'esta Cidade.

Apresenta a forma d'um octogono com quatro angulos salientes e outros tantos reentrantes, e o desenvolvimento de 720 palmos.

Está em completa ruina, fendido em diversas partes, e em total abandono.

Por ordem superior começou a ser demolido e n'esta operação encetada pelo fosso, ficou sem as lages pertencentes ás suas obras.

Não ha reparações senão completa reconstrucção á fazer com aproveitamento dos materiaes e talvez mesmo d'algunha das suas partes.

Fortaleza de Santo Antonio (*)

Está assentada na borda *O* da montanha em que repousa a parte alta d'esta Cidade, ao lado *S* do largo de Santo Antonio Além do Carmo, apresentando ao mar a face esquerda da entrada.

E' um rectangulo abaluartado irregular, á barbete e com um plano de fogo de 1900 palmos. Tem algumas ruinas, o fosso da entrada entulhada e es mais arrendados á particular, que os aproveita com plantações diversas.

Está transformada actualmente em prisão de condemnados. Seus edificios exigem reparações e geral caiadura.

Fortaleza do Barbalho (**)

Acha-se esta fortaleza na chapada da mesma montanha em

(*) Hoje prisão civil, denominada—*Cadeia da Correção*. Mandada edificar em Novembro de 1625, foi reconstruida em 1703.

(**) Concluiu-se a sua edificação no dia 25 de Agosto de 1712, collocando-se uma inscripção na porta da entrada.

que está a precedente, central e na face S. do largo do Barbalho.

E' um rectangulo abaluartado, cujo perimetro de 2370 palmos possui 41 canhoneiras. Suas muralhas apresentam fendas mais ou menos profundas em diversas pontos; suas canhoneiras estão arruinadas, e tudo mais que diz respeito as obras que a constituem exigirão consideraveis reparações para que esta fortaleza adquirisse conveniente estado. Mas, cingida como se acha hoje de construcções urbanas e sem algum valor para a defeza do porto d'esta cidade, me parece que se deve reputar completamente inutilisada como praça de guerra, e effectivamente está excluida de semelhantes fóros desde bastante tempo e utilizada como prisão de condemnados.

Releva dizer que para os fins de sua actual utilidade não possui a fortaleza as precisas accommodações, e nem as condições de vida alli grosseiramente se aproximam das exigidas nos edificios destinados a tal uso: além disso a um lastimavel abandono parecem dever as suas deteriorações e falta d'asseio.

Fortaleza de S. Pedro (*)

E' central, collocada ao lado S. do Campo Grande, de forma rectangular, abaluartada, com 43 canhoneiras e um desenvolvimento de 2518 palmos. De todas as construcções que a completam só as muralhas e plataformas conservam-se em bom estado, precisando tudo mais de reparações no caso de que haja de readquirir seu primitivo e proprio destino, o que aliás é hoje contrario á sua situação e a proximidade das construcções urbanas.

Por semelhantes motivos julgo que foi destituida de seu caracter de praça de guerra e destinada a outros usos, servindo actualmente de aquartelamento do 8.º Batalhão d'Infanteria e Directoria das Obras Militares.

Fortaleza de Itaparica

Demora na ponta N. da Ilha do mesmo nome ao lume d'agua,

(*) Começada em 24 de Outubro de 1646 concluiu-se a edificação em Setembro de 1722, fazendo-se obras de embellezamento em 1877.

figurando um trapesio, cujo lado de terra é uma cortina occupada pelos edificios da Fortaleza e reunida aos lados divergentes da figura por meios baluartes.

Apresenta o desenvolvimento de 437 palmos, doze canhoneiras e 283 palmos de plano de fogo. Acha-se reparada, mas ressen-te-se da falta de plataformas competentes para as canhoneiras.

Tem algumas peças, mas não está armada.

Taes são as fortificações existentes n'esta Provincia, e as observações aqui pro-luzidas são as que procederam do seu exame.

Antes de concluir, os estimulos de justiça fazem-me declarar a V. Ex. que na coadjuvação do Sr. 1.º Tenente do Corpo d'Engenheiros Luiz Antonio de Sousa Pitanga, actualmente empregado n'esta Provincia, que me foi apresentado por ordem do digno chefe das Obras Militares, encontrei os bons serviços tão necessarios ao estado precario da minha saude, como vanta-josas e completas para o rapido desempenho d'este trabalho.

Bahia, 2 de Agosto de 1863.

Illm. e Exm. Sr. Coronel d'Engenheiros Henrique de Beau-repaire Rohan.—D. Inspector das Fortificações d'esta Provin-cia—*Antonio Alvares dos Santos Souza*, Capitão Ajudante.





APONTAMENTOS

PARA A

Historia Ecclesiastica do Brazil

NOTICIA BIOGRAPHICA DE ALGUNS BISPOS DO BRAZIL,
EXTRAHIDA DOS ESTUDOS BIOGRAPHICOS

OU

NOTICIA DAS PESSOAS RETRATADAS

NOS QUADROS HISTORICOS,

PERTENCENTES Á BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA,

POR

José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco

D. Frei João da Madre de Deus.—Nasceu este Prelado em Lisboa, e foi baptisado na Freguezia de Nossa Senhora dos Martyres: entrou na Provincia de Portugal da Ordem dos Menores de S. Francisco, e nella professou: fez os seus estudos no Collegio de S. Boaventura de Coimbra, donde sahiu Leitor e Pregador: foi depois Guardião daquelle Collegio, e do Mosteiro de S. Francisco de Lisboa, Definidor e por fim Ministro Provincial eleito em 19 de Novembro de 1675. Fóra do Claustro teve o cargo de examinador das ordens Militares por provisão de 27 de Agosto de 1664, de censor regio, e de Pregador dos Reis D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II. Distinguiu-se pelas letras, como pela sua devoção com o Santissimo Sacramento: por isso mereceu, que a Santa Sé confirmasse a eleição de sua pessoa para Metropolitano da Igreja de S. Salvador da Bahia,

feita pela corôa de Portugal em 13 de Janeiro de 1682: foi sagrado na Igreja de S. Francisco de Lisboa em 23 de Setembro desse anno pelo Arcebispo de Calcedonia, Marcello Durazo, Nuncio Apostolico: em 25 de Março do anno seguinte teve alvará da mesa da Consciencia e Ordens para nomear empregos e dignidades Ecclesiasticas, excepto a de Deão: fez entrada publica na sua Igreja a 20 de Maio desse anno, sendo o primeiro Arcebispo que lá foi, porque seu antecessor Gaspar Barata de Mendonça renunciou antes de passar o Oceano. Começou no exercicio do seu augusto Ministerio com o zelo e piedade de um verdadeiro Pastor; mas não tardou a ser victimado uma epidemia, que o matou em 13 de Junho de 1686. Os seus escriptos *De Incarnatione, de Sacramentis ingenere, e a Aguia de Esdras* manifestam o desenvolvimento de seu espirito e a bondade de seu coração.

«Até 1854 existia seu retrato corpo inteiro sob o n. 72».

D. Frei Manoel de Santa Ignez.—Nasceu este Prelado em Cascaes, e vestiu o santo habito do Carmello Descalço. Ordenado Sacerdote, e havendo obtido bom conceito pela fama de seus bons costumes e letras, El-Rei D. João V o apresentou na Igreja de S. Paulo de Loanda, e a Santa S³ o confirmou por Bulla de 15 de Dezembro de 1745. Depois, em 8 de Maio do anno seguinte, se lhe facultou a nomeação de dignidades e empregos Ecclesiasticos da Diocese, que era da attribuição da meza da Consciencia e Ordens: vagando mais tarde, pela renuncia de José Botelho de Mattos, o Arcebispo da Bahia, a Santa Sé, a instancia de Portugal, o promoveu a essa Igreja em 1762: no governo della ganhou de tal modo a confiança da còrte, que lhe entregou a administração temporal da capitania, e obteve, como seu antecessor, a nomeação dos empregos e dignidades Ecclesiasticas, excepto a de Deão, por alvará de 25 de Abril de 1771: falleceu em Julho desse anno.

«Existia em 1854 dous retratos de meio corpo sob o n. 73».

Reverendo Francisco de S. Jeronymo.—Nasceu este Prelado em Lisboa, filho de Francisco de Andrade de Mello, natural da ilha de Santa Maria, e de sua primeira mulher Maria da Silva natural daquella cidade, e foi baptisado na Paróchia dos Anjos

da mesma: entrou na congregação dos Conegos Seculares de S. João Evangelista em 23 de Setembro de 1666, em que seguiu o Magisterio até Lente de prima, e a Prelazia até Geral, para que foi eleito no Capitulo de 27 de Junho de 1689, e segunda vez no de 17 de Maio de 1698: a Inquisição o nomeou anteriormente seu Qualificador em 4 de Novembro de 1684; depois a cõrte o elegeu Bispo do Rio de Janeiro; e a Santa Sé o instituiu nesta Igreja por Bulla de 8 de Agosto de 1701. Tomou posse da Diocese no anno seguinte, e nella presidiu como bom Pastor até 7 de Março de 1721, em que passou desta vida na idade de 73 annos.

«Existia em 1854 um retrato de corpo inteiro, e outro de meio corpo, sob o n. 143 ».

Frei Antonio do Desterro Malheiro.—Nasceu este Prelado na quinta do Pomar-chão junto a Ponte de Lima, filho de Ventura Malheiro Reimão, homem fidalgo e senhor de casa herdada de seus ascendentes, e de D. Paschoa Pereira Ferraz, e irmão de Gaspar Malheiro Reimão; de moço entrou na Ordem Monastica de S. Bento, em que foi Abbade do Collegio da Estrela e seu bemfeitor: El-Rei D. João V o elegeu Bispo de Angola em 1738, e, confirmado pela Santa Sé, presidiu nesta Igreja até 15 de Dezembro de 1745, em que foi trasladado á de S. Sebastião do Rio de Janeiro: durou-lhe a vida até 1773, em que deu fim sua carreira mortal.

«Existia em 1854 um retrato de corpo inteiro sob o n. 144 ».

Frei Cypriano de S. José.—Nasceu este Prelado em Lisboa, filho de Caetano Baptista, natural da Freguezia de S. Pedro de Porto de Moz, e de Rosa Maria natural da Freguezia de S. Thiago de Torres Novas; e foi baptisado em S. Sebastião da Pedreira a 5 de Janeiro de 1744: abraçou o Instituto dos Menores Reformados da Pr. vincia da Arrabida, tomou a Sagrada Ordem de Presbytero em 21 de Dezembro de 1768, e seguiu o Magisterio, em que jubilou, e as Prelazias de sua Provincia, de que foi Visitador Geral por Breve do Nuncio Bartholomeu Pacci, de 5 de Abril de 1793, e de outras, por isso se lhe deu o titulo de Padre das Provincias da Arrabida, Santo Antonio e Algarve; e foi Commissario Delgado do Seminario de Brancanes, e Prégador Regio da Capella da Bemposta. Nesse anno (1796) a cõrte o elegeu Bisop

de Mariana, de que se fez avizo ao Nuncio em 25 de Julho para ordenar o processo; e, sentenciado este em 22 de Agosto, Sua Santidade o confirmou em 24 de Julho do anno seguinte (1797): presidiu nesta Igreja até 14 de Agosto de 1817, em que morreu.

«Existia em 1854 um seu retrato de meio corpo sob o n. 145.»

Frei José do Menino Jesus.—Nasceu este Prelado pelos annos 1735 na villa da Jacobina, uma das ouvidorias da Bahia, filho de Domingos Ferreira Gorrêa Neto, natural do Penso Freguezia de S. Martinho de Avidos termo de Barcellos, e de D. Mariana de Aragão e Bettencourt, natural de Passé, Reconcavo da Bahia: abraçou a Descalces Carmelitana, e professou no Mosteiro dos Remedios de Lisboa no 1.º de Março de 1761, mudando o nome de José Corrêa Neto no de Fr. José do Menino Jesus. Ordenado Sacerdote, e sendo Mestre de casos naquelle Mosteiro, foi, no 1.º de Junho de 1680, eleito Bispo do Maranhão, para que se lhe fez processo Canonico em 5 do dito mez, e Sua Santidade o confirmou por Bulla de 20 de Setembro seguinte. Depois da sua sagração a côrte o elegeu para Vizeu, e o Summo Pontifice o trasladou a esta Igreja por Bulla de 18 de Janeiro de 1783. Passou ao centro do seu rebanho, e o dirigiu até ao anno 1791, em que falleceu a 14 de Janeiro.

«Existiam em 1854 trez retratos seus de meio corpo sob o n. 86.»

Frei Antonio da Penha de França.—Nasceu este prelado a 29 de outubro de 1649 na freguezia de Nossa Senhora dos Martyres de Lisboa, filho de João Calmon e de D. Maria Malafaia de Britto: abraçou o Instituto Eremitico Reformado de Santo Agostinho, e professou no Mosteiro do Monte Olivete de Lisboa a 15 de agosto de 1673; foi varão insigne em virtudes e piedade, mereceu por isso ser vigario geral da sua congregação neste reino, eleito em 1690, e a governou como bom prelado até 1693; passou a fundar as missões della em S. Thomé e America; em 1695 El-Rei D. Pedro II o elegeu bispo de S. Thomé, e ainda em 20 de maio de 1699 não tinha recebido a bulla de confirmação, como participou ao cabido de sua igreja estando na Bahia; mas lá recebeu depois a Uneção Sagrada, logo que lhe chegaram as Letras Apostolicas, tendo-se expedido em

Roma a 5 de outubro desse anno 1699, e sahiu a presidir na sua igreja, em que morreu, no anno de 1704, de peçonha, segundo se suspeitou.

«Existiam em 1854 dous retratos seus, um de corpo inteiro e outro de meio corpo, sob o n. 125 ».

N. B. Incluimos aqui a biographia deste bispo, por ter passado grande parte da sua vida na Bahia, onde lhe veio a nomeação de bispo; elle assistiu os ultimos momentos do padre Antonio Vieira, e lhe officiou os funeraes, era irmão do celebre conego João Calmon, natural da Bahia, que muito auxiliou o arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide, em seu governo archiepiscopal.

Frei Diogo de Jesus Maria Jardim.—Nasceu este prelado na villa de Sabará da diocese de Marianna na America do Sul em 1730; abraçou o Instituto Monastico de S. Jeronymo, e professou no mosteiro de Santa Maria de Belem; seguiu a carreira litteraria; foi doutor em theologia na Universidade, e professor da sagrada sciencia na sua congregação; abbade dos mosteiros de Penhalonga e de S. Marcos, e duas vezes geral dos de Portugal. Em 11 de maio de 1784 a coroa de Portugal o elegeu bispo de Olinda, cidade capital da diocese de Pernambuco, de que se deu conta ao Nuncio em 14 de Junho para lhe fazer processo, que foi sentenciado em 25 deste mez; feito o apostolado a Santa Sé o instituiu successor do ultimo bispo Thomaz da Encarnação por bulla de 15 de Fevereiro de 1785; e elle recebeu a Unção Sagrada em 17 de Abril seguinte; vindo a Lisboa para tratar de sua saude arruinada pelas molestias adquiridas no governo daquella igreja, resignou-a em 1793, e obteve a de Elvas que estava vaga por obito de João Teixeira de Carvalho; sentenciado o processo em 7 de Agosto desse anno, a Santa Sé o trasladou em 21 de Fevereiro de 1794; mas pouco tempo durou a sua presidencia nesta igreja, porque falleceu em Lisboa a 30 de Maio de 1796, e o sepultaram no carneiro defronte da porta do refeitório do mosteiro, em que professava.

«Existia em 1854 um retrato de meio corpo sob o n. 137 ».

RELAÇÃO DOS SACERDOTES QUE RECUSARAM, NO DOMÍNIO
COLONIAL, A NOMEAÇÃO DE ARCEBISPO
DA BAHIA

Pela morte do 3º arcebispo D. Frei Marcos da Ressurreição foram nomeados e recusaram:

Frei Jorge da Magdalena.—Da provincia de Xabregas natural de Trocipal, deputado do Santo Officio, recusara, o da Bahia assim como o arcebispado de Gôa.

O padre D. João Duarte Ribeiro.—Inquisidor, que depois foi do conselho geral, nomeado nesta igreja que não acceitou, e depois de acceitar a de Portalegre, a renunciou.

O padre Frei Manuel das Entradas.—Missionario de Varatojo, nasceu no Monte das Cartas dos Cavalleiros junto ao logar das Entradas, no Campo de Ourique do arcebispado de Evora, a 8 de setembro de 1833, de paes honestos e abastados, e falleceu a 8 de dezembro de 1695, na cidade de Ponta Delgada na ilha de S. Miguel.

El-Rei D. Pedro II sabendo de suas virtudes o elegeu arcebispo da Bahia, como successor de D. Frei João da Madre de Deus, fallecido a 13 de junho de 1686, o que recusou, como já tinha recusado a mitra de Goa, visto conhecer ambas as paragens onde longos annos missionou.

Foi sepultado no cemiterio commum dos religiosos no convento da Immaculada Conceição.

«Extrahido da Historia de Varatojo vol. 1º n. 419, pag. 487.»

Réverendo Manuel Rodrigues Leitão, clérigo secular do Oratorio de Jesus-Christo.—Era natural de Lisboa e filho de Francisco Rodrigues e Francisca Marques; estudou um e outro direito nos geraes da universidade de Coimbra, recebeu a borla doutoral, entrou collegial de S. Paulo em 24 de julho de 1652, leu com applauso nas cadeiras de Clementina desde 1654, e do sexto igualado a do decreto desde 29 de julho de 1656; passou ao julgado nas relações do Porto e de Lisboa, e nos aggravos, desde 11 de fevereiro de 1658, foi deputado da casa das Rainhas, ouvidor geral de suas terras e do Priorado do Crato, provedor das capellas de D. Affonso IV, vereador do senado da comarca

de Lisboa, deputado da Mesa da Consciencia e secretario de estado; e serviu todos estes logares com inteireza e muita piedade, renunciando os emolumentos dos tribunaes em beneficio dos pobres; mas Deus o chamava da vida publica do mundo para a do claustro; por isso, cedendo aos impulsos da graça, abandonou todos os empregos seculares, e vestiu a roupeta da Congregação do Oratorio em 25 de dezembro de 1675, e subiu ao sacerdocio com o qual celebrou a primeira vez o Santo Sacrificio, quando cumpria um anno depois da entrada; a côrte o perseguia no seu retiro consultando-o em todos os negocios graves, e por fim elegendo-o já arcebispo de Gôa, já da Bahia, já bispo titular, com destino a educação litteraria da infanta D. Izabel Josepha, já bispo do Porto; mas tudo recusou; as distrações, que tinha na capital, por causa das consultas, o obrigaram a tomar a resolução de deixar Lisboa para cuidar da vida eterna, e Deus lhe deu o meio. Vindo o padre Balthazar Guedes, fundador da casa dos orphãos do Porto, pedir ao veneravel Bartholomeu do Quental alguns Congregados do Oratorio para dar começo á sua instituição, para que foi eleito com o padre João Lolo, chegou ao Porto em 15 de junho de 1680; e lá, com auxilio do bispo Fernando Correia de Lacerda, seu amigo, fundou no sitio da Ermida de Santo Antonio o mosteiro da sua congregação, dando principio a ella no dia 18 de dezembro seguinte, em que lançou a roupeta a tres sacerdotes e um leigo na presença do prelado, que assistiu a oração de abertura do novo instituto; em quanto porém a obra se não acabou, fez elle o noviciado no claustro da Santa Companhia, e depois de terminada, o bispo João de Souza authorisou a mudança com sua pessoa, disse lá a primeira missa, benzeu um cubiculo, e lhe deu faculdade para benzer os mais; achava-se El-Rei D. Pedro II viuvo, e attenuada a sua successão da corôa; e, como era grande a sua repugnancia a outro matrimonio, a côrte se acolheu ao padre Manuel Rodrigues Leitão para vir resolver o soberano com essa authoridade, que sempre dão a virtude austera e o desprezo do mundo; cedeu, e terminou felizmente o negocio, voltou ao Porto, havendo obtido a protecção do soberano e 760\$000 na alfandega daquella cidade para a sua fundação; occupado em obras pias, como na pratica das virtudes, de que sempre dera exemplo, passou á bemaventuran-

em 10 de julho de 1691 com todas as demonstrações de' predestinado; de suas locubrações deixou memorias em escriptos juridicos. (1)

«Existia em 1854 um quadro representando a cabeça sob o n. 271.»

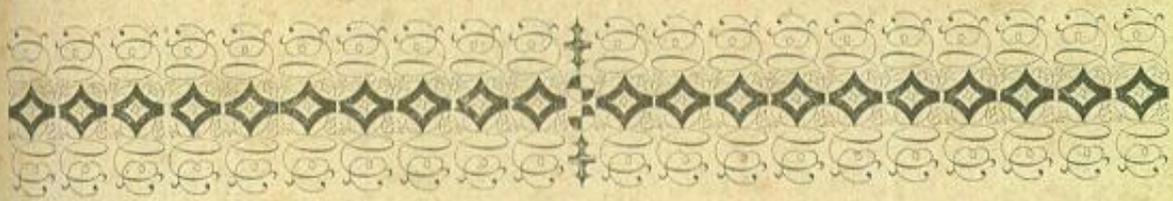
O padre João Manzoni.—Da Congregação do Oratorio. Acompanhou ao Brazil a familia real no caracter de confessor da princeza D. Maria Francisca Benedicta, viuva do' principe D. José, irmão de D. João VI: foi nomeado arcebispo da Bahia em 13 de maio de 1818, para supprir a vaga de D. Frei Francisco de S. Damazo de Abreu, fallecido a 18 de novembro de 1816, e renunciou a nomeação allegando sua avançada idade e mau estado de saude: ignora-se se falleceu no Brazil ou se voltou com a familia real a Portugal.

Erradamente consideram elle o 15' arcebispo da Bahia, quando nem houve confirmação desta nomeação.

(Continúa)



(1) Foi eleito para arcebispo da Bahia em substituição a D. Gaspar Barata de Mendonça, pela sua renuncia.



Um homem com cauda

LAMENTAMOS não poder traduzir do original o trabalho de que vamos dar noticia, porque não recebemos o numero relativo ao 2º trimestre do Bolletim da Sociedade de Geographia de Paris, no qual M. Paulo d'Enjoy, *procurador* da Republica em Bac-Lieu, na Cochim-China Franceza, dá a nova de uma anomalia na região Moi na primavera de 1890.

O nome Moi é uma palavra Annamita equivalente a selvagem. As tribus a que se applica esse nome têm vivido na Indochina desde longos annos, e M. d'Enjoy suppõe que ellas são talvez macacos cujas batalhas com os deuses são descriptas nos livros sagrados da India e representados em baixos relevos dos templos Cambodianos.

Muitos districtos da Provincia de Bièn-Hoa são habitados por Moïs, semi civilizados, sujeitos ás autoridades francezas.

Estes povos, modificados physica e moralmente pela mescla de sangue Annamita, pagam tributos, cultivam ricos campos, conduzem seus generos ao mercado, fazem suas compras nas lojas.

Os Mois independentes, ao contrario, têm uma vida inteiramente nomada.

São visitados annualmente, durante o verão, pelos negociantes Annamitas, que sobem o Dog-Nai em seus barcos, carregados de chapéus de sol de algodão vermelho, contas e ornamentos de vidro, cobertores, e principalmente garrafas, panelas rachadas, cantaros quebrados e permutam estes artigos por madeiras, resinas, gommás, marfim ou ouro em pó. Em quanto o negocio é feito honradamente, nada ha a receiar-se; por isso se ha tratantada, os selvagens tomam uma vingança sangrenta e volenta.

Em certa occasião M. d'Enjoy foi convidado a examinar dois Mois que tinham sido presos pela morte de quatro Annamitas.

Os homens eram poderosos, com longos cabellos, barbas e unhas semelhantes a garras, seus artelhos ficam para fóra como esporões de um gallo.

Elles trajavam uma corda vermelha em redor da cintura e braceletes feitos de canna da India (*rattan*).

Recusaram-se prostrar perante o «mandarim» e admittiram a accusação sem hesitação, nem se deram por entendidos que elles tinham feito alguma cousa errada.

«Um homem que mata, disseram elles, pode matar porque elle mata». Quando lhes disseram que seriam presos, bateram as mãos de contentes e replicaram: «Nunca fomos tão felizes. Nenhum chefe poderá imaginar casa mais bella que a prisão, e somente para ficar alli o resto da nossa vida, estamos promptos a matar a qualquer de vós».

M. d'Enjoy penetrou no paiz d'estes selvagens até além do Tri-An.

A primeira aldeia, na floresta virgem, era composta de uma simples habitação; tinha a forma de longo tunnel feito de estacas ajustadas no topo, como as pernas da letra A, e coberta de folhas. Este tunnel tinha 150 pés de comprimento, um pouco mais de 3 pés de altura sobre 6 ou 7 de largura na base do triangulo e estava aberta em ambas as extremidades.

As crianças, brincando do lado de fóra, deram um grito ao

avistar M. d'Enjoy e a sua comitiva, e a este som, uma porção de homens nus, creaturas de olhares selvagens, sahiu precipitadamente do tunnel e olharam para a floresta, como outros tantos macacos. M. d'Enjoy e seus guias estavam ao pé de uma grande arvore onde um Moí se achava occupado em colher mel. Inquieto pela fuga de seus companheiros, esse homem desceu rapidamente, e deixando-se escorregar por pedaços de madeira que tinha posto junto á arvore, uns 50 pés do chão, deu um salto, lançou-se de cabeça a baixo como para romper o círculo que o cercava junto ao tronco; porém foi capturado.

No tunnel se encontron cachimbos de bambú, pedras polidas, braceletes de cobre e collares de perolas.

Com muita difficuldade o primeiro foi obrigado a fallar. A aldeia pertencia, diz elle, a Leos, uma tribu guerreira que foge das vistas dos estrangeiros porque elles tomaram M. d'Enjoy, com seu longo manto branco, pelo demonio da Lua.

O Moí tinha uma face oval, com grande nariz e cabellos lisos. Era alto e bem feito, com membros vigorosos e olhava como uma estatua de bronze. Seus artelhos eram enormes a semelhança dos que já fallamos e tinha uma cauda. M. d'Enjoy diz: «Esta descoberta causou-me espanto. Approximei-me d'elle e para certificar-me de que não era victima de uma illusão, tateei o appendice caudal do selvagem. Verifiquei por este meio que a columna vertebral do Moí se prolongava exteriormente além do corpo 3 ou 4 vertebrae para formar uma pequena cauda semelhante a de um Fauno.

O prisioneiro voltou e disse, dando um longo suspiro, que «antigamente todos os Moís tinham cauda. A cauda era um signal de pura raça e foi-se tornando mais rara em todas as gerações, desde o dia em que o rei Moí, cuja cauda tinha *tres covados* de extensão, fôra conduzido para as ricas planicies de seus antecessores»;

O selvagem então recitou um extenso poema, que o interprete não soube traduzir. Offereceram-lhe agua, vinho e espirito, como refresco, mas debalde: o Moí mitigou a sêde com o summo de Liana.

Ao anoitecer um guarda propoz-se a vigial-o, porém, pela

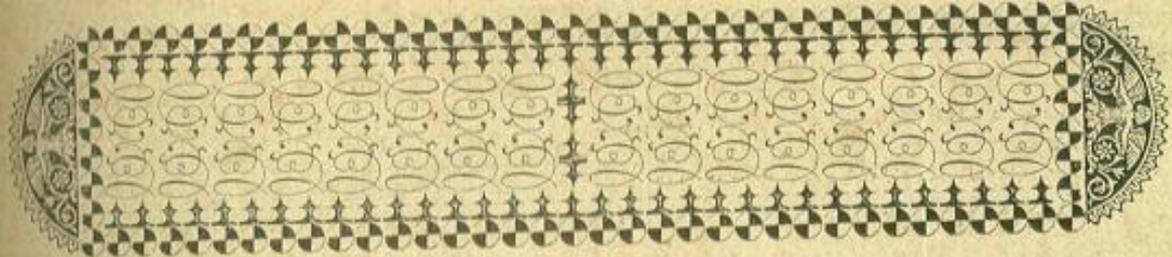
manhã o prisioneiro se tinha evadido e o guarda achava-se com delírio, ardendo em febre. A febre foi tão violenta que M. d'Enjoy determinou logo voltar para Bièn-Hoa, onde restabeleceu-se o enfermo, ainda que suas faculdades se conservassem perturbadas por muito tempo.

Motivos outros fizeram com que M. d'Enjoy não effectuasse suas explorações ao paiz dos Mois, porém, é de esperar que prosiga nellas. Um homem com cauda não é pequeno trophéo para se recuar na tarefa de uma breve excursão.

Um Moi vivo, porém, com prolongamento da columna vertebral, desembareado com segurança em Bièn-Hoa ou melhor em Saigon, seria uma perola de valor.

E' verdade que o summo de Liana é um obstaculo serio á sua perseguição, mas, applicando-se-lhe, em tempo proprio, o chloroformio, se o tornará digno de maravilhas.





Estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco

INAUGURAÇÃO

DA

Estação do Joazeiro

No dia 24 de Fevereiro, data memoravel da nossa historia politica, realisou-se solemnemente na futura cidade do Joazeiro situada á margem direita do rio S. Francisco, a estação terminal da Estrada de Ferro da Bahia ao S. Francisco.

A importancia deste commettimento, que acaba de ter sua completa realisacão, no mesmo dia em que foi promulgada a Carta magna dos direitos politicos de todos os filhos desta porção do solo americano, illuminado pela constellação do Cruzeiro do Sul, está na copia immensa de vida, de progresso e de civilisação que d'elle hade provir para o nosso organismo economico e social.

A estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco pode ser com justeza considerada a mais poderosa arteria do Norte da Republica Brasileira, não só pela extensão do seu percurso como pelo numero de Estados que d'ella vão se utilizar para a expan-

são de suas forças productivas e consequente desenvolvimento de suas transações commerciaes, industriaes e politicas.

Ha muitos annos projectada e em construcção teve enfim agora o seu almejado termo.

Em 1853 foi, por decreto n. 1299 de 19 de Dezembro, e de accordo com a lei de 26 de Junho de 1852 e decreto n. 725 de 3 de Outubro do mesmo anno, concedido a—«Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barretto privilegio por 90 annos para construcção de uma estrada de ferro, na Provincia da Bahia, partindo da cidade de S. Salvador ou de qualquer ponto do littoral ou de rio navegavel proximo d'ella e terminando na Villa do Joazeiro ou em outro lugar na margem direita do rio S. Francisco que se julgar mais conveniente»; tendo sido tambem depois lavrado um contracto provincial em 31 de Maio de 1854 para execução dessa importante ferro-via.

A sua construcção, porém, só em 1858 teve começo, no ponto em que está edificada a estação da Calçada, na freguezia do Pilar d'esta capital, por parte de uma companhia ingleza, cessionaria do privilegio e que concluiu, depois de 5 annos, um trecho de 123 kils. e 500 metros (20 leguas) para os quaes havia obtido garantia de juros de 7^o/_o; parando, porém, no meio de um esteril taboleiro, na altitude de 136 metros, onde edificou a estação de Alagoinhas que hoje acha-se no centro da florescente e commercial cidade do mesmo nome, devido a um rapido e admiravel desenvolvimento.

A inauguração do trafego até esta estação, distante 2 kiloms. do pequeno arraial, séde da então freguezia de Alagoinhas, effectuou-se em 1853 sendo presidente da Provincia o Conselheiro Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, tendo sido, porém, antes abertos ao trafego, a proporção que erão concluidos; assim:

O da Calçada ao Aratú, em 28 de Junho de 1860, 18 kilom.

O de Aratú a Féira Velha, 39 kilom. 400 metros, em 9 de Setembro de 1861.

O da Feira Velha á Pitanga, 17 kilom. 720 metros, em 4 de Agosto de 1862.

O de Pitanga á Alagoinhas, 48 kilom., em 13 de Fevereiro de 1863.

Desde a sua construcção até hoje tem o governo pago intre-

gralmente a garantia de 7^o/_o sobre o capital aproximado de 20 mil contos, a rasão de 130 contos por kilometro.

De modo que nestes 33 annos decorridos tem sido gasto em quantia de juros o triplo da quantia gasta na construcção.

A ideia do resgate dessa estrada, já por mais de uma vez aventada, era de maximo proveito, para os interesses do paiz, si fosse sem demora realisada, e assim estancar-se-hia uma valvula por onde se escoava copiosamente grande somma do capital do Brazil.

A ideia da continuacção desta estrada, até a margem do grande rio, ficou durante 8 annos esquecida pelos poderes publicos de então, indifferentes, como infelizmente ainda os de hoje, ao dever patriotico de activar acceleradamente o desenvolvimento extensivo da viação ferrea do paiz, afim de estabelecer uma rêde de arterias de ferro por onde deva correr a vigorosa seiva da mascula e fecunda natureza material e intellectual do Brazil.

Em 1871, com o decreto de n. 1953 de 17 de Junho que autorizava a conclusão da 4.^a secção da estrada de ferro Pedro 2.^o (hoje Central) foi tambem lembrada a continuacção dos estudos, entre outros, da estrada de ferro da Bahia ao Joazeiro, podendo o governo dispender para esse fim annualmente a quantia de 3 mil contos.

Em virtude dessa autorisacção o governo contractou com o engenheiro Antonio Maria de Oliveira Bulhões os estudos do prolongamento da estrada de Alagoinhas ao Joazeiro, sob as condições approvadas pelo decreto n. 5097 de 28 de Setembro de 1872.

Apresentados e approvados os estudos, o ministerio da agricultura, depois de aberta concorrência por editaes, contractou, em 9 de Março de 1876, com o bacharel Raphael Archânjo Galvão Filho, José Marcelino Pereira de Moraes, José Augusto de Araujo e bacharel Manoel Ignacio Gonsaga como empreiteiros, a construcção da linha e suas dependencias desde a estação de Alagoinhas até a de Villa Nova da Rainha, hoje cidade do Bomfim.

Tendo sido nomeado em 12 de Novembro de 1875 o engenheiro Antonio Augusto Fernandes Pinheiro para o cargo de enge

nheiro chefe do prolongamento da estrada, por portaria de 26 de Fevereiro de 1876, publicada no Diario Official n. 57 de 1.º de Março, baixou o governo as precisas instrucções que se acham impressas no Diario de 21 de Março do mesmo anno; começando-se em 24 de Abril a revisão dos estudos feitos pelo engenheiro Bulhões.

Com desusada celeridade em 26 do mesmo mez de Abril encarregou o governo ao engenheiro Herculano Velloso Ferreira Penna da compra na Europa do material fixo e rodante para não haver maior demora na construcção da estrada.

No dia 25 de Outubro de 1876, 13 annos, 8 mezes e 12 dias portanto, depois de inaugurado o trafego do trecho da linha ingleza até Alagoinhas, realisou-se ahi com toda solemnidade o assentamento da primeira pedra da estação pelo presidente da Provincia Dr. Luiz Antonio da Silva Nunes, tendo assim começo os trabalhos para proseguimento da construcção da estrada, que havia de ligar a capital da Bahia ao S. Francisco; empreendimento de maxima importancia para o desenvolvimento material e moral do seu commercio, de sua lavoura e de suas industrias, e ainda mais que estreita os laços de união entre os Estados limitrophes, a cujo progresso e desenvolvimento tambem serve esta estrada.

Quatro annos depois, em 18 de Novembro de 1880, foi, pelo presidente da Provincia Dr. Antonio de Araujo Aragão Buleão, inaugurada a estação da Serrinha e aberto ao trafego um trecho de 110 kilom. 581 m. de extensão, a partir de Alagoinhas, tendo as estações intermedias de *Aramary*, onde se acham montados as officinas da estrada a 13 kilom. 721^m.; Ouriçanguinhas a 33, 494; Entroncamento 42,070, de onde parte o ramal já em construcção, que passando pela cidade do Irará (antiga villa da Purificação dos Campos) vai terminar na cidade da Feira de Santa Anna; Sipó 52, 453^m; Agua Fria a 65, 920^m; Lamarão a 85, 441^m.

Após a inauguração desse trecho o Dr. Fernandes Pinheiro passou o exercicio do seu cargo ao seu substituto Dr. João da Cunha Beltrão de Araujo Pereira, pediu e obteve exoneração em 29 de Dezembro; sendo nomeado para substituil-o no cargo

de Director em 12 de Janeiro de 1881 o Engenheiro Miguel Noël Nascentes Burnier que assumiu o exercicio em 14 de Fevereiro, servindo até 16 de Março de 1882; sendo por sua vez substituido pelo Dr. Luiz da Rocha Dias, nomeado em 13 de Maio, e que assumiu o exercicio a 8 de Julho do mesmo anno.

Durante esta administração foram successivamente inaugurados o trecho de 36,280^m entre Serrinha e Salgada e a 146,861^m de Alagoinhas, com a assistencia do presidente Cons. Dr. Pedro Luiz Pereira de Souza, em 30 de Dezembro de 1883; e em 15 de Setembro de 1884, um outro de 33,707, e tambem a estação de Santa Luzia, a 180,568^m; em 6 de Fevereiro de 1886 foi aberto ao trafego mais um trecho de 47 kilometros, e inauguradas as estações do Rio do Peixe a 207,809^m e a de Queimadas a 226,959^m; em 15 de Abril de 1887 foram inauguradas as estações de Jacuricy a 945,316^m e a da Itiúba a 269,266^m; aberto portanto ao trafego mais esse trecho de 42 kilometros; e a 31 de Agosto de 1887 foi finalmente aberto ao trafego o ultimo trecho da linha, cuja construcção havia sido determinada, com a inauguração da estação de Villa Nova pelo Director Dr. Rocha Dias, diante de numeroso concurso de pessoas e no meio das manifestações do regosijo popular.

Este ultimo trecho com a extensão de 55,727^m conta as estações da Tiririca a 297,652^m; a de Cariacá a 310,273^m e a de Villa Nova a 321,993^m.

Depois de 11 annos, do dobro do praso estipulado no contracto que firmaram para construcção dessa parte da estrada; consumidos pelos morosos empreiteiros com as repetidas prorogações, foi emfim concluido o trecho medio da estrada distante ainda porém da margem do S. Francisco 130,317^m.

Seis annos depois, em 1882, por aviso de n. 68 de 7 de Dezembro, ordenou o Ministerio da Agricultura que se fizesse a revisão do traçado do engenheiro Bulhões até Casa Nova ou Joazeiro, afim de, continuando a estrada, fazel-a chegar á margem do S. Francisco.

Em virtude porém dos trabalhos de desobstrucção do Rio, e consequente quebramento da cachoeira de Sobradinho, determinou o Director Rocha Dias que a referida revisão fosse feita entre Villa Nova e Joazeiro.

Confiada a direcção desses trabalhos ao engenheiro chefe da 8ª secção, Hermillo Candido da Costa Alves, tiveram elles começo em 7 de Fevereiro de 1883, ficando concluidos em 26 de Setembro do mesmo anno; seguindo logo os trabalhos de locação que terminaram em Dezembro de 1884, conseguindo-se um encurtamento de 10 kilometros e locar um recta de 62 kilometros, uma das maiores tangentes conhecidas.

Remettidos ao governo em Abril de 1885 o orçamento da despeza a fazer com a construcção desse ultimo trecho, assim como as plantas topographicas, projecto, perfis etc.; ponderou o Director que devia abrir-se logo concorrência para o assentamento da via permanente, visto já estar em Alagoinhas o material necessario, e para construcção das estações e dos demais edificios; ou então que essas obras fossem feitas por administração.

Por edital de 14 de Agosto de 1888 resolveu o governo abrir concorrência para o preparo do leito e obras d'arte; sendo a execução desses trabalhos, pelo contracto celebrado em 3 de Novembro do mesmo anno, confiada aos engenheiros Alfredo Augusto Borges, Luiz Augusto Dias de Farias e Aloizio Augusto Ramos Accyoli, com o praso de 2 annos para sua conclusão.

Depois da revisão do novo traçado, feita em parte sob a Directoria do engenheiro Antonio Sampaio Pires Ferreira, por ter sido removido para a estrada de Caruarú o engenheiro Rocha Dias, foram começados os trabalhos de construcção desse trecho em 19 de Março de 1889.

Tendo voltado em Novembro de 1889 o engenheiro Rocha Dias a occupar o cargo de Director, foi depois exonerado em 1891.

O assentamento da via permanente e linha telegraphica desse trecho, assim como a construcção de edificios e fornecimento de dormentes, foi contractado, infelizmente para prompta execução das obras e conclusão da estrada, com o cidadão José Augusto de Araujo, sendo para isso autorizada a Directoria da estrada por aviso de 12 de Outubro de 1881; contracto esse que só foi publicado em Abril de

1891, apesar de approved a um anno, conforme o Aviso n. 27 de 1 de Abril de 1890.

Em 2 de Março de 1891 assumiu o exercicio de Director e engenheiro em chefe, o engenheiro Miguel de Teive e Argollo, nomeado por Dec. de 9 de Fevereiro.

Em 1892 estavam concluidos os trabalhos de preparação do leito e obras d'arte até o Joazeiro.

Os trabalhos porém do empreiteiro Araujo eram feitos com grande morosidade; de modo que, só em 1894 foi conseguida a abertura de um trecho de 61 k. 147^m da estação de Villa Nova até a do Angico; com as estações intermedias de Catuny a 335 k. 993^m, na altitude de 596, 520; a de Jaguarary a 348 k. 760^m e na altitude de 664^m 220, e a de Itumery a 357 kil. 320^m e na altitude de 635^m 220.

As aguas até ahi correm para a bacia do Itapicuru, dahi para diante principiam a desligar-se para a bacia do S. Francisco.

A estação do Angico a 383 k. 140^m e na altitude de 489^m 060 foi inaugurada a 2 de Julho de 1894 pelo Director Teive e Argollo.

A grande morosidade com que eram executados os trabalhos, depois desta inauguração, augmentou de modo a ficarem elles paralyzados por muito tempo, com grande detrimento para os interesses da estrada e do Estado.

As constantes e repetidas reclamações do commercio, dos povos das zonas a que ia a estrada servir e do Director fiseram com que o governo não continuasse a contemporisar com o moroso empreiteiro, impossibilitado de concluir a empreitada, e rescindisse em 30 de Agosto de 1895 o contracto firmado em 16 de Dezembro de 1889.

Então o Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, ministro da Industria e Obras Publicas, autorisou a Directoria da estrada a concluir as obras, por administração.

Recebendo a via permanente com a ponta dos trilhos a 22 kilometros e o respectivo lastro a 40 kilometros, distante do Joazeiro, e os edificios das estações, abrigos e barracões apenas em alicerces ou em braldames, grande actividade desenvolveu o Dr. Teive Argollo, nosso distincto con-

socio de modo que, em menos de 3 mezes, conseguiu levar a ponta dos trilhos a margem do S. Francisco, saudando alli a aurora do dia 15 de Novembro de 1895, com o silvo da locomotiva; e despertando os habitantes da futura cidade do Joazeiro que, com ruidosas e entusiasticas manifestações de regosijo, patentearam o jubilo que sentiam por tal facto.

Estando a 31 de Dezembro concluidos o calçamento da linha atéo Joazeiro, e assentamento das superstructuras metallicas das pontes, o Director engenheiro em chefe Dr. Argollo propoz ao Ministro que fosse no dia 24 de Fevereiro, data gloriosa da Republica Brasileira, aberto ao trafego o ultimo trecho da estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco, com a inauguração da estação do Joazeiro.

Inauguração da estação do Joazeiro

Realisou-se, pois, a inauguração da estação do Joazeiro no dia 24 de Fevereiro.

Para assistir a esse acto, inicio de uma era de prosperidades e progresso para as regiões banhadas pelo rio S. Francisco e seus afluentes, no Estado da Bahia e nos estados limitrophes; veio expressamente da capital federal o illustre cidadão Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, digno ministro da Industria Viação e Obras Publicas.

A's 10 horas da noite do dia 22 de Fevereiro ancorára na nossa magestosa Bahia de Todos os Santos o vapor *Satellite*, a cujo bordo vinha S. Ex. e a sua comitiva.

Na manhã do dia 23 dirigira-se S. Ex. para a estação da Calçada, de onde, em trem especial da linha ingleza, partiu, ás 7 horas, acompanhado dos cidadãos Dr. Manoel Victorino Pereira, Vice-presidente da Republica, Drs. Pedro Vergne de Abreu, Paula Guimarães e Paranhos Montenegro, deputados federaes, José Marcellino de Souza, senador estadual, conselheiro Antonio Carneiro da Rocha, Drs. Arthur Carneiro da Rocha, Francisco Bulcão, deputado estadual, engenheiros Drs. Affonso Glycerio da Cunha Maciel, Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque e Antonio Luiz Freire de Carvalho, fiscaes das estradas de ferro de Alagoinhas, Central Tram-Road de Nazareth; os representantes da imprensa, Baldo-

mero Carqueja, pelo *Jornal do Commercio*, e Julio Pimentel, pela *Gazeta de Noticias*, estando tambem representados O Paiz, o *Jornal do Brazil*, *A Noticia*, e a *Cidade do Rio*, orgãos da Capital federal; Dr. Reis Magalhães, (*Diario de Noticias*), Aloysio Carvalho, (*Jornal de Noticias*), professor Odalberto Pereira, (*Correio de Noticias*), Agripino Marques e Pedro Licinio, (*Gazeta de Noticias*), José Ramiro da Chagas, (*Ordem*) da Cachoeira; uma numerosa commissão do commercio da praça da nossa capital composta de representantes das importantes casas Gama & C., Pedreira & Mandim, Pinto & Ferreira, E. Benn & Son, S. S. Schindler, Fernandes Pinto & C., José Gonçalves Belchior & C., Catilina & C., Aloysio de Carvalho, A. F. Brandão & C., Moraes & C. e Picard & C.; e da do Centro Operario, tendo como representantes, os artistas Ismael Ribeiro dos Santos e Antonio Freitas.

Acompanharam ainda o illustre ministro, o Snr. F. F. Motta representando o Snr. Richard Tiplady superintendente da linha ingleza, o Capitão ajudante de ordens do Dr. Governador do Estado que, por molestia, deixou de seguir; além de muitos outros cidadãos e da comitiva que viera da capital federal com S. Ex., composta dos illustres cavalheiros—coronel de engenheiros dr. Marcellino de Souza Aguiar, director geral dos telegraphos, Alberto Pitanga, Dr. João Antonio Felicio dos Santos, Mucio Teixeira, distincto e conhecido poeta, Dr. Simões da Silva e Baldomeiro Carqueja de Fuentes, representante do *Jornal do Commercio*, Dr. Galdino Loreto, deputado federal pelo Espirito Santo e Dr. Gonçalo Marinho.

A's 11 horas chegara o trem na estação do Prolongamento, em Alagoinhas, sendo os itinerantes recebidos pelo Dr. Miguel de Teive e Argollo, empregados da estrada, autoridades da comarca, representantes do commercio, industrias e artes entre manifestações de apreço.

Depois de alguma demora em casa do illustre Dr. Argollo, onde foi servido um delicado almoço, partiu á 1 hora da tarde o comboio official da inauguração, saudado pela enorme massa popular que enchia toda a esplanada da estação e pelo silvo das varias locomotivas alli estacionadas.

Esse comboio compunha-se de dous trens, cada um com 10

carros; puchados o primeiro pelas locomotivas «Fernandes Pinheiro» até Queimadas e «Antonio Olyntho» d'ahi por diante, e o segundo pelas locomotivas «Rochã Dias» e «Miguel Burnier», conduzindo numero superior de mil pessoas.

Em todas as estações intermedias, entre a de Alagoinhas e Villa Nova, bellamente ornadas de arcos e bandeiras, eram os trens saudados na passagem com muitas demonstrações de regosijo. Parando em algumas dellas receberam ainda os trens muitos cidadãos negociantes, magistrados, fazendeiros e artistas.

Via-se tambem nos carros senhoras de distinctas familias da capital, de Alagoinhas e da Serrinha.

A' 1 hora da noite entrava na Cidade do Bomfim o primeiro trem, em que ia o Exm. Sr. Ministro da Viação, sendo recebido com expansivas demonstrações de jubilo e provas de apreço, ao som das notas da musica do regimento policial da Capital, que seguira no comboio, e ao espoucar de muitas gyrandolas de foguetes.

Distribuindo-se os passeiantes pelas casas particulares e hoteis, ahi pernoitaram.

Ao despontar a aurora do dia 24 apresentava a Cidade do Bomfim um ar festivo; e ás bellezas naturaes que offerencia o esplendido panorama d'aquellas montanhas verdejantes onde se esbatiam os raios primeiros do sol reunia-se a alegria expansiva que se lia no rosto da enorme massa de povo que enchia as ruas e praças proximas á estação, anciosa pelo momento da partida do trem inaugural que devia leval-a ás margens do grande rio S. Francisco.

Depois da visita feita á cidade, á camara municipal, ao deposito de agua da estrada, que tambem alimenta um simples, porém bonito chafariz collocado em frente da estação e cuja agua vem, por meio de encanamento de ferro, de mais de dous kilometros de distancia, partiu o trem inaugural ás 10 horas da manhã.

Dahi por diante, offerece a estrada bellos golpes de vista e atravessa zonas ferteis e proprias para diversas culturas, até a estação do Angico, onde a salubridade do clima contrasta aliás com a esterilidade do terreno.

Antes de chegar a esta estação estão collocadas as, de Catun

a 335k. 030m. e na altitude de 596^m.520; a de Jaguarary a 348k. 320m. e na altitude de 664^m. 490; e a de Itumerim a 357k.220m. e na altitude de 665^m.220.

Da estação do Angico, situada a 413k.140m, na altitude de 489^m.060, principia a estrada a descer para o valle do S. Francisco.

Após a demora que ahí houve, durante a qual foi servido o almoço e foram feitas diversas manobras para collocar em primeiro logar o carro em que viajavam o Exm. Sr. Ministro, os representantes da imprensa e alguns convidados, e no ultimo a locomotiva afim de empurrar o trem.

Esta manobra teve por fim falieitar a apreciação da grande tangente de 60 kil., que se ia percorrer até chegar ao Joazeiro, e que comprehendia quasi que a totalidade do ultimo trecho a inaugurar, e no qual além de outras obras de arte, ha tres pontes, uma de 32^m. e duas de 12^m. cada uma.

Foram declaradas inauguradas as estações intermediarias da Jurema a 413kil.553^m, na altitude de 433^m.600, collocada no ponto de intersecção da estrada de rodagem que vem do Estado do Piahy; a de Carnahyba a 430 kilm. 870^m, na altitude de 411^m; a de Piranga a 449kil.910^m, na altitude de 371^m.050; e finalmente a de Joazeiro a 452 kil.310^m, na altitude de 372^m.050.

A vista da cidade do Joazeiro, que se descortina da esplanada, distante 3 kil., e onde está localisada a penultima estação, a de Piranga, é realmente alegre e bella. Sentada á beira do São Francisco, parece que este corta a cidade em duas partes sendo uma dellas a cidade de Petrolina, (no Estado de Pernambuco) e que lhe fica fronteira.

Descrevendo ahí a estrada uma curva de grande raio, entra entretanto na cidade por uma tangente de perto de 1 kilometro.

Ao approximar-se o trem inaugural da estação do Joazeiro, atravessando por sob arcadas de folhagens e linhas de bandeiras, innumeras girandolas de foguetes e entusiasticos vivas saudaram a sua chegada, tão anciosamente esperada.

Por entre vivas manifestações de regosijo popular foi, pelo Sr. Ministro da Industria, declarada inaugurada a estação do Joazeiro, terminal da estrada, e aberto o trafego da linha ferrea.

Após a cerimonia religiosa da benção da estação e da declaração official do Sr. Ministro de estar inaugurado o trafego, o Sr. Director, os representantes da imprensa e outros oradores em eloquentes discursos, congratularam-se com o povo Joazeirense, e com o Estado da Bahia pela realisação desse commettimento auspicioso para o engrandecimento e prosperidade das regiões do S. Francisco.

Lavrada uma acta pelo Secretario do Prolongamento, que foi assignada pelas auctoridades presentes e por grande numero de cidadãos, distribuiram-se pela cidade os passeiantes que foram gentilmente hospedados pelo povo do Joazeiro, havendo durante a noite de 24 muitas manifestações publicas de regosijo popular.

Antes de terminarmos esta noticia, damos parabens ao nosso illustre consocio Engenheiro Miguel de Teive e Argollo pela actividade que desenvolveu, afim de ter a almejada conclusão a estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco, em cuja construcção foram consumidos mais de 30 annos!

Acta da Inauguração

Aos vinte e quatro dias do mez de Fevereiro do anno de mil e oitocentos e noventa e seis, oitavo da Republica dos Estados Unidos do Brazil, na presidencia do Exm. Sr. Dr. Prudente José de Moraes Barros, sendo ministro d'estado dos negocios da industria, viação e obras publicas o Exm. Sr. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, Governador do Estado Federado da Bahia, o Exm. Sr. Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima, e director engenheiro chefe do prolongamento da estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco, o engenheiro civil Miguel de Teive e Argollo, ás 5 horas e quinze minutos da tarde, em a sala direita da estação terminal, n'esta cidade de Joazeiro, comarca do mesmo nome, achando-se presentes os exms. Srs. ministro da industria e viação, o director da estrada e mais os Exms. Srs. Dr. Manoel Victorino Pereira, vice-presidente da Republica, coronel Dr. Francisco Marcellino de Souza Aguiar, director geral dos telegraphos da União, deputados federaes coronel Dr. Francisco de Paula Oliveira Guimarães, dezembargador Thomaz Gar-

cez Paranhos Montenegro e Dr. Pedro Vergne de Abreu; deputados estaduaes; os engenheiros Affonso Pires de Carvalho e Albuquerque, Affonso Glycerio da Cunha Maciel e Antonio Luiz Freire de Carvalho, engenheiros fiscaes das estradas de ferro da Bahia ao S. Francisco, de Nazareth e central da Bahia; o senador Dr. José Marcellino de Sousa, representando a companhia *Tram Road de Nazareth*; o capitão Francisco Ferreira da Motta, representando a companhia ingleza da estrada de ferro da Bahia á Alagoinhas; o engenheiro Alfredo Antonio de Oliveira Graça, chefe do districto telegraphico da Bahia; representantes do *Jornal do Commercio*, da *Gazeta de Noticias*, d'*A Cidade do Rio*, d'*O Paiz*, d'*A Noticia* e do *Jornal do Brazil* da capital federal; representantes dos diversos jornaes da capital d'este estado, d'*O Democrata* de Maragogipe e d'*A Patria* de S. Felix; uma commissão do commercio da capital da Bahia; o engenheiro Alexandre Portella Passos, representante da empresa constructora dos ramaes do Jacú e da Feira de Sant'Anna; o engenheiro Manuel do Nascimento Linhares, presidente da empresa *Viação Central*; o engenheiro José Nuno de Barros Pereira, fiscal da mesma empresa; representantes do Centro Operario da Bahia; os chefes das divisões, chefes de secção e outros engenheiros e empregados da estrada; elevado numero de pessoas gradadas d'esta cidade, da capital, de Alagoinhas, Serrinha e Bomfim, vindas no trem inaugural que partiu de Alagoinhas, depois da cerimonia da benção da estação em que solememente officiou o reverendissimo vigario do Remanso, Pedro Bernardino Pereira, o excellentissimo senhor ministro declarou inaugurado o trafego no ultimo trecho d'esta Estrada de Ferro da Bahia ao S. Francisco, comprehendido entre a estação de Angico e esta terminal do Joazeiro.

Em seguida foram lidos tres telegrammas recebidos no acto, sendo um do excellentissimo senhor Dr. Governador do estado, dizendo que, por conselho medico, não poude vir assistir á inauguração e felicitando o senhor director engenheiro chefe por esse grandioso acontecimento que marca promissor porvir d'este estado, outro do engenheiro Antonio Augusto Fernandes Pinheiro, antigo director da estrada, saudando o excellentissimo senhor ministro, o director engenheiro chefe, o governo e o povo

bahiano, e o terceiro do sr. James Webster, na qualidade de representante da Central Bahia Railway, felicitando o senhor director engenheiro chefe.

Depois disso o negociante Joaquim Gama, como orador da commissão do commercio da capital da Bahia proferiu uma allocução congratulatoria e fez entrega ao Senhor Doutor director engenheiro chefe, de um exemplar da revista *O S. Francisco*, edição especial e numero unico, que o referido commercio fez publicar e distribuir como homenagem ao mesmo Doutor engenheiro Miguel de Teive e Argollo.

E para todo tempo constar lavrou-se o presente auto que vae subscripto por mim Sisinio Evergisto da Rocha Dias, secretario do prolongamento da estrada de ferro da Bahia e assignado pelos excellentissimos senhores ministro da industria viação e obras publicas, doutor vice-presidente da Republica, director engenheiro chefe da estrada e mais pessoas presentes que o quizerem assignar. (Assignados)—Antonio Olyntho dos Santos Pires, ministro da industria, viação e obras publicas; Dr. Manuel Victorino Pereira, vice-presidente da Republica e presidente do senado federal; Miguel de Teive e Argollo; Pedro Vergne de Abreu, deputado federal; Dr. Francisco de Paula Oliveira Guimarães, deputado federal; Thomaz Gareez Paranhos Montenegro, José Marcellino de Sousa, Manuel Francisco de Almeida Brandão, Augusto José de Pinho, Francisco de Araujo Aragão Bulcão, deputado estadual; Baldomero Carqueja de Fuentes—*Jornal do Commercio*; Aloysio de Carvalho—*Jornal de Noticias* (Bahia); Julio Pimentel—*Gazeta de Noticias* (Rio); F. M. de Sousa Aguiar, director geral dos telegraphos; Aggripino Marques—*Gazeta de Noticias*; Mucio Teixeira—*Cidade do Rio*; Dr. Joaquim dos Reis Magalhães—*Diario de Noticias* da Bahia e *A Noticia* (Rio); Odalberto Pereira—*Correio de Noticias*; Dr. Antonio Rodrigues da Cunha Mello, Alberto Augusto de Alcantara Pitanga, João Felicio dos Santos, F. Castro dos Santos, Antonio Alexandre Borges dos Reis, Thomaz Guerreiro de Castro, Cicero Seabra, Bernardino Francisco de Almeida, José Antonio Rodrigues Lima, Antonio Joaquim Gomes, Eloy de Oliveira Guimarães, José Ildefonso Nogueira, João de Sousa Azevedo, Antonio Olavo Calmon de

Araujo Góes, João de Teive e Argollo, capitão Luiz Guimarães Cova, alferes Augusto Joaquim Coelho Travessa, Pedro Christiano de Cerqueira Lima, Joaquim Gama; comissão do Centro Operario — Ismael Ribeiro e Antonio Freitas da Silva; Oscar de Mendonça Taylor, engenheiro chefe interino da comissão S. Francisco; Augusto Merei, engenheiro civil; Arthur Borges de Barros, conductor de 1^a. classe; Romão Pereira de Sousa Junior, Cicero Campos, Affonso Pires de Carvalho, e Albuquerque, Affonso Glycerio da Cunha Maciel, Alfredo Antonio de Oliveira Graça, Gustavo Siemann, E. C. B. Frank Paist, engineer Baldwin Locomotives, Alvaro Carvalho Leal, Joviniano Affonso Rodrigues, Joaquim Simões de Oliveira, Alfredo Barbosa, Julio Cesar Berenguer de Bittencourt Junior, chefe do trafego; Affonso Augusto Teixeira de Freitas, chefe da locomoção; Adriano Guimarães; Dr. João Antonio da Costa Doria, Isaias Celestino da Silva, engenheiro Ignacio Benedicto Calmon de Siqueira, agronomo; Graciano Magno Pinto Gouveia, Dr. Antonio Carlos S. da Silva, Arthur Carneiro da Rocha, Antonio da R. Martins de Argollo, Eugenio Tourinho, Antonio Luiz Freire de Carvalho, Cincinnato Rocha Campos, Antonio Carneiro da Rocha, Francisco Lopes da Silva Lima, chefe da 2^a secção; Francisco Fernandes Motta, Virgínio H. de Góes Tourinho, engenheiro Joaquim Arthur Pedreira Franco, João Manuel de S. Boaventura, Clementino Pereira Fraga, Aprigio Pires Gomes de Almeida, Lauro Simões, Luiz Ribeiro, Alfredo Octaviano Solidade, engenheiro José Antonio Costa, chefe de secção do prolongamento; Antonio Pinheiro Cangussú, chefe da linha; Deocleciano Ramos, Dr. Antonio Barretto Prager, Henrique Barretto Prager, José Nuno de B. Perreira, fiscal da empresa *Viação do Brazil*; Quintino Soares de Pinho, conductor de 1^a classe (agrimensor), Luiz Americo da Rocha Dias, José Vicente Tanajura Guimarães, Francisco Augusto Wencesláo da Silva, Benedicto Augusto W. da Silva, Antonio Lopes da Silva Lima, engenheiro agronomo; Alexandre Portella Passos, representante da Empreza Constructora dos Ramaes.

Telegrammas

Os Drs. Antonio Olyntho e Manuel Victorino transmittiram

os seguintes telegrammas ao Dr. Prudente de Moraes, presidente da Republica:

«Tenho a honra de cumprimentar a v. ex. pela data gloriosa que o dia de hoje recorda.

Jubiloso por me caber a ventura de assignalar esta data com a inauguração da estação do Joazeiro, ponto terminal da estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco que veio communicar com o littoral e interior alguns estados da União Brasileira, bem como com a inauguração da linha telegraphica d'esta cidade, hoje ligada á extensa rede dos telegraphos federaes. O nome de v. ex. foi muito victoriado, agradecendo esta população os beneficios que lhe vim trazer em nome de v. ex. (Assignado) *Antonio Olyntho*—Ministro da industria, Viação e Obras Publicas.»

«Cheguei á margem do S. Francisco na grata e honrosa companhia do illustre Sr. Ministro da viação.

Em nome do povo jubiloso agradeço a v. ex. o immenso serviço que prestou á Bahia.

O magestoso estuario do grande rio foi testemunha outr'ora das façanhas heroicas da coragem e tenacidade dos bandeirantes paulistas, em demanda do ouro e da gloria.

Coincidencia feliz.

Em ouro, e ouro de lei, ha de um dia fundir-se o pensamento generoso de v. ex., o character bom, elevado e operoso do vosso governo, dotando esta região dos fecundos elementos de riqueza e prosperidade.

Cada data memoravel da Republica celebra v. ex. com um acontecimento fecundo.

Hontem, 15 de Novembro, a exposição industrial, a expressão feliz do trabalho organizado; hoje, 24 de Fevereiro, a abertura dos portos do nosso mediterraneo ao commercio do mundo.

Viva o Presidente da Republica.—*Manuel Victorino*—Vice-presidente da Republica.»

O Dr. Rodrigues Lima recebeu entre outros os seguintes telegrammas:

«*Joazeiro*, 24.—Governador—Tenho honra communicar v. ex. que data anniversario Constituição Republica foi aqui solemnis-

da com inauguração estação d'esta cidade, terminal estrada ferro Bahia ao S. Francisco, pondo em communição interior Republica com littoral. Vindo expressamente aqui para presidir essa festa do progresso, saúdo a v. ex. fazendo votos pela prosperidade d'este estado, sentindo-me feliz por estreitar com esse auspicioso acontecimento os laços união dos estados Republica Brasileira.—*Antonio Olyntho*, ministro industria. »

Joazeiro, 24.—Exm. Sr. Governador.—Congratulamo-nos com v. ex. por duplo motivo de regosijo publico anniversario Constituição e ligação do Rio S. Francisco ao segundo porto da Republica.—*Pedro Vergne*.—*Montenegro*.—*Paula Guimarães*.»

«*Joazeiro*, 25.—Governador.—Congratulo-me pela brilhante commemoração do dia 24 de Fevereiro com a inauguração terminal da estrada de ferro ao S. Francisco.

Peço-vos transmittaes meu estado natal enthusasticas felicitações pelo grandioso facto que é o inicio fecundo de grande expansão commercial e enorme desenvolvimento para a producção e riqueza da Bahia. Como sertanejo deve v. ex. sentir-se profundamente jubiloso. Saudações.—*Manuel Victorino*.»

«*Joazeiro*, 25.—Ao Exm. Sr. Dr. Rodrigues Lima, Governador do Estado da Bahia.—Summamente agradeço vossas felicitações, congratulo-me comvosco e com o povo bahiano pela realisação do grandioso emprehendimento da ligação do Oceano ao Rio S. Francisco, hontem finalmente levada a seu termo com a inauguração da Estação do Joazeiro, cuja imponente cerimonia não pode ser abrilhantada com a vossa presença por motivo de molestia, que muito sinto. Por esse facto, inicio de uma nova phase progresso para o commercio, lavoura, industria da nossa terra natal, mais uma vez congratulo-me comvosco, felicitando-vos no duplo character de bahiano illustre e patriota distincto Governador do Estado, cordialmente vos saúdo.

Joazeiro, 25 de Fevereiro de 1893.—O Director.—*Miguel T. Argollo*.

Descripção do trecho de Angico ao Joazeiro

O trecho inaugurado do prolongamento da Estrada de Ferro da Bahia ao S. Francisco, é de 69.170 metros, comprehendidos

entre a estação de Angico, ponto terminal da parte da estrada hoje em tráfego, e a estação de Joazeiro, situada na margem direita do Rio S. Francisco.

A estação do Angico fica em uma vasta planície limitada a leste pelo contraforte da serra do Espinhaço, conhecido vulgarmente por serra do Curralinho, e a oeste pelo contraforte da mesma serra, conhecida por serra da Boa-Vista.

Esta estação acha-se na altitude de 489 metros, a 383.140 metros da estação de Alagoinhas, e portanto a 505.594 metros da estação da Calçada, da cidade da Bahia, e na confluência dos rios Barunha e Poço-Comprido, sendo que este faz barra no rio Poções, afluente do rio S. Francisco.

O terreno ali é, como todo o que fica ao norte da serra do Espinhaço, isto é, do lado do rio S. Francisco, favorecido, apenas, pelas chuvas de trovoadas e em geral muito esteril, e utilizado quasi que exclusivamente para a criação de gado de diferentes especies.

Os rios nessa zona, que são seccos durante quasi todo o anno, tornam-se caudalosos quando as chuvas das trovoadas são copiosas.

Apezar de existirem diversas fazendas de criação de gado vaccum nas proximidades da estação, não foi isso que motivou a sua collocação onde se acha, mas sim a necessidade de uma estação no ponto intermediario entre Villa-Nova e Joazeiro, para o movimento dos trens e seu abastecimento d'agua.

Para este fim construiu-se ali um grande tanque em terreno impermeavel, o qual é abastecido por um desvio do rio Poço Comprido.

A linha pouco adiante da estação do Angico atravessa o riacho Barunha e, a pouco mais de dous kilometros, o riacho do Angico, afluente do Poço-Comprido sobre uma ponte de 31 metros de vão, e dahi segue margeando, a alguma distancia, o rio Poço-Comprido, cujo valle alarga-se formando uma vasta superficie quasi plana, cortada apenas pelos sulcos abertos pelos seus diversos afluentes da margem esquerda, na qual conseguiu-se a 388.419 metros de Alagoinhas locar uma tangente de 62,399 metros de extensão (a maior do Brazil) que, por meio de uma curva de 799,5 metros de raio e de 532,5 metros de extensão,

liga-se á tangente de 930 metros de comprimento que attinge a estação de Joazeiro a 452.310 metros de Alagoinhas.

O principio da grande tangente dista 5,276 metros da estação de Angico.

No trecho inaugurado é que fica a zona cujo terreno assenta sobre rocha calcarea, no qual a temperatura attinge o gráo o mais elevado, e em que toda a vegetação herbacea secca e fica quasi que representando a flora da região por diversas especies de bromeliaceas cactus, das mais variadas fôrmas, e pelo umbuzeiro (*Spondias tuberosa*).

O trecho conta as seguintes estações :

1.^a Jurema a 3.415 metros do Angico que fica no ponto em que a estrada, pela qual transita o gado do estado do Piauhy approxima-se da estrada de ferro, de modo que ahí poderá esta receber todo o gado que descer do Piauhy para abastecimento da capital deste estado.

2.^a Carnabyba 17.315 metros de Jurema, situada no ponto da estrada de ferro mais proximo do fertilissimo valle do rio Salitre, e que dará sahida aos productos das povoações ribeirinhas, cujos terrenos são de uberdade admiravel, por serem cobertos pelas aguas nas cheias desse rio, as quaes baixando deixam, como as do Nilo, um adubo fertilizador que trazem dos terrenos mais elevados.

3.^a Piranga, a 19.040 metros de Carnabyba, ahí collocada por offerecer a vantagem da agua e de uma vasta planície alta, inaccessible ás cheias do S. Francisco, de terreno firme e muito apropriado a construcções.

Por este motivo foi ahí o ponto designado para a construcção do girador, abrigos de carros e locomotivas e de uma pequena officina, edificios estes que se fossem construidos nas proximidades da estação de Joazeiro importariam em avultada somma, por ser o terreno alli de areia solta até á profundidade de 4 metros.

A 2,400 metros de Piranga fica a estação de Joazeiro, na margem direita do rio S. Francisco, no extremo da cidade desse nome que se estende para a direita da estrada de ferro.

A distancia virtual de Angico a Joazeiro é de 131,647 metros e o coefficiente virtual é de 1.903.

O raio minimo da curva é de 603 metros e o declive maximo 0.018 por metro.

DR. REIS MAGALHÃES.

(*Continúa*)

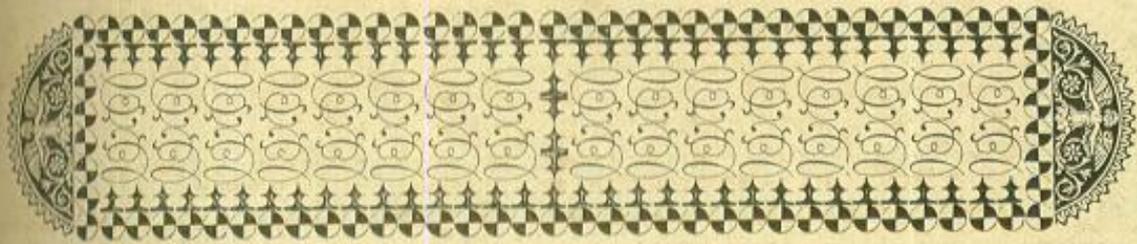
ERRATA

Na 2^a linha do 1^o periodo deste artigo, em vez de:—realisou-se leia-se:—realisou-se a inauguração.

Na 30^a linha da pag. 78, em vez de:—ao trafego a proporção que,—leia-se:—ao trafego diversos trechos á proporção que.

Na 5^a linha da pag. 79, em vez de:—resgate dessa estrada,—leia-se:—resgate dessa parte da estrada.





Actas das sessões

SESSÃO EXTRAORDINARIA DO DIA

1º DE MARÇO DE 1896

Presidencia do Cons. Salvador Pires, 2º Vice-Presidente

Ao primeiro dia do mez de Março de mil e oitocentos e noventa e seis, n'esta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, ás 2 horas da tarde, comparecendo os socios Cons. Salvador Pires, Drs. Alfredo Britto, Antonio Calmon, Augusto Goes, Deocleciano Ramos, Glycerio Velloso, Francisco Calmon, Cons. Pedro Marianni, Drs. Isaias Santos, Antonio Coutinho de Souza, Alfredo Cabussú, Pacifico Pereira, Paula Guimarães, Braz do Amaral, Satyro Dias, Manoel L. do Rego, Bonifacio Faria Rocha, Braulio Xavier, Dez. Paranhos Montenegro, Conego Ananias do Amaral, Padre Luiz da França, Professores Borges dos Reis, Austricliano Coelho e Elias Nazareth, Commendador Salvador Pires de Carvalho, e os Srs. Aloysio de Carvalho, Horacio Urpia, Antonio Moreira de Goes, José Lopes Velloso, Francisco Pires de Carvalho, Eduardo Carigé, Eloy Guimarães, Abilio de Carvalho e Olavo de Freitas Martins, e achando-se presente o illustrado Secretario da Industria e Obras Publicas, o Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, foi aberta a sessão pelo Conselheiro Salvador Pires, e dando ao seu lado direito assento ao distincto visitante, mani-

festou a grande honra e o regosijo de que se achava possuida esta Associação com a presença de tão notavel cidadão, pois este facto marcaria uma era de prosperidade e animação para o desenvolvimento da mesma Sociedade.

Em seguida o Dezembargador Montenegro, em detidas considerações, occupou-se da navegação do Rio S. Francisco, para a qual muito concorreu o illustre Ministro, saudando-o como seu consocio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em visita a este Instituto, terminando por pedir permissão para ser apresentado socio correspondente.

Foi declarado por esta occasião já ter sido apoiada uma apresentação identica, cuja resolução dependia da reunião de socios para a votação.

Dada a palavra ao Dr. Braz do Amaral, orador d'este Instituto, saudou o mesmo Ministro em brilhante allocução.

Finalmente o Dr. Antonio Olyntho agradeceu as provas de apreço a elle dirigidas por este Instituto, promettendo todo o seu apoio em favor do progresso d'esta Instituição.

Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a sessão extraordinaria, cuja acta vae assignada pelo illustre visitante, pelos membros da mesa, socios e pessoas presentes.—*Antonio Olyntho dos Santos Pires*, Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque*.—*Dr. Glycerio Velloso*.—*José Lopes Velloso*. (Seguem-se outras assignaturas.)

DISCURSO

Senhores—E' a primeira vez que o Instituto Historico da Bahia recebe visitas tão illustres e distinctas, não só pela alta posição que occupam na administração do paiz as pessoas que temos a honra de ver aqui, como pela honesta e nobre capacidade dos visitantes.

E tem razão para orgulhar-se por isto, porque calcula, comparando a modestia da sua vida actual, da sua installação e a honorabilidade d'essa distincção, como vae sendo comprehendido o pensamento dos seus installadores e como conta o paiz com os serviços que elle pretende prestar. Foi pelo menos e é

este o ideal que nós, os fundadores d'esta instituição, nos propomos realizar e que conseguiremos, apezar de tudo.

Foram considerações d'esta ordem as que me consolaram do pezar que ficou aos pobres professores de uma instituição altruista e nobre como esta, surpresos hontem na faina da sua vida, sem a gala das vestes de cerimonia, das formulas de convenção e até sem a linguagem palaciana, a que a minha bocca republicana é quasi sempre em extremo rebelde.

Felizmente a intuição democratica da vida moderna e americana e a reflexão illustrada dos distinctos visitantes farão justiça ao que ha de nobre, bom e digno de respeito n'um povo que tem sido, com tanta frequencia, o alvo de invectivas, umas verdadeiras outras não, de doestos e ironias de esquineiros que não viajam ou que viajam sem estudar, justamente como esses jornalistas europeus, especialmente francezes, que editam, de vez em quando, espirituosas e humilhantes tiradas contra todos nós, commettendo na linha seguinte do mesmo artigo erros de latitude que revelam educação leviana e pouco solida.

As instituições civilisadoras existem entre nós, e de algum tempo para cá, principalmente, tendem a firmar-se, apezar de luctarem com toda a sorte de obstaculos.

Seria, porém, absurdo e até risivel querel-as formadas completas de umjacto, como a deusa fabulosa sahiu da cabeça do rei do Olympo, segundo a opinião d'esses collegiaes ignorantes e d'esses hystericos das capitães que desejam tudo á semelhança e imagem das ruas de seu passeio predilecto, achande muito detestavel tudo que não é exactamente isto.

Nobres e dignas de um povo livre, si bem que muito rudimentares algumas, como tendes tido occasião de ver, ellas revelam, sob apparencia quasi grosseira ainda, a virilidade e a comprehensão modesta mas consciante que um povo tem do futuro para o qual quer preparar os seus filhos.

Não são do character bahiano, como não são do proprio character nacional, excepção, talvez, somente o que se vê hoje em S. Paulo, estes exemplos de rapido progresso que transformam hoje as nações; como não são do nosso paiz e do nosso povo aquelles phenomenos de prodigiosa energia e perseverança dos anglo-americanos que reergueram São Francisco, após cinco

incendios em dois annos, e levantaram o solo de Chicago quando se enterrava na lama sobre a qual tinha sido fundada.

O character do bahiano, porém, não deixa de ser perseverante ou antes teimoso, embora interrompa, em certos casos, por muito tempo, o que uma vez se lhe metteu na cabeça. A lentidão mesmo com que realisa os seus designios é o seu grande defeito, antagonico até com o seu tempo, e especialmente o que o differença sobremodo de Jonathan, como dizem os do Norte, quando estão alegres.

Elle tem, porém, qualidades que o brasileiro mesmo em geral não conhece.

Supportou com um resignado e quasi miraculoso esforço, sem pedir cousa alguma aos outros, vizinhos e irmãos, a medonha crise da depreciação dos seus productos, e do desequilibrio das fortunas particulares, inevitavel após a abolição, factos que acompanharam de perto um ao outro, graças a febre extractiva da piassava e ao cacáo; e agora, ha principalmente quatro annos, no meio da crise financeira, cada dia mais aguda, organisa as suas leis, consolida a fôrma politica que adoptou, paga as suas dividas, começa a cultivar melhor as suas terras e trata de abandonar a industria extractiva pelo trabalho menos lucrativo, immediatamente porém mais moralizador e fecundo do solo lavrado.

Pode ser comparado pela sua paciente resistencia, apezar da dessemelhança em muitos pontos, ao camponez da França de que falla Zola, incapaz de despender grande força nervosa de uma vez, mas resignado e robusto, corrigindo os seus erros sem auxilio dos outros, voltando depois dos perigos e das aventuras de todo o genero para lavrar e teimar com a terra dura, que alimenta e regenera tudo.

Os seus proprios defeitos podem lhe ser levados em conta pelos outros, graças á reminiscencia de alguns dias de sacrificio e de heroismo, os taes dias fataes e epicos da historia, e á lembrança de alguns filhos que não deshonram a familia; pela placidez de animo, por exemplo, com que aguentou as machadinhas da maruja da metropole em Fevereiro de 1822, pela altivez dos feitos de Novembro de 22 e 7 de Janeiro de 23, pela ebullição republicana tenaz, incendiada e atroz de 37, pela furia dos que avançaram no Estero Bellaco para aquellas moitas tomadas por

viva força, á bayoneta, para além daquelles banhados que a divisão Argollo entulhou com os mortos das suas brigadas, pela bravura com que um dos seus filhos luctou para forrar o ventre da mulher brasileira, pela firmeza de que precisou outro afim de atar esta terra com cabos de aço ao progresso e á vida de suas irmãs, pelo patriotismo do que pacificou o Sul, mais devastado pelos publicanos que pelos soldados, mais manchado ainda pelas rapinas do que pelo sangue, enquanto o pygmeu que abalou a monarchia combate na tribuna do Senado a dictadura como tinha combatido o Imperio, subindo sempre ao assalto da tyrannia, quer tenha a attitude arrogante do Visconde de Ouro Preto, quer tenha a attitude feroz da bandeira jacobina.

Foi com o fim de conservar as tradições e os annaes desta terra, que vio as primeiras esquadras de Portugal e soffreu a ira das tropas do general Callado, que se fundou esta sociedade.

E' o embryão de uma importantissima instituição de que todos os Estados do Brazil terão semelhantes em pouco tempo.

O Instituto Historico da Bahia está em via de formação. Ainda não tem sequer commodos para as suas collecções, nem para o seu muséu, nem para a sua bibliotheca.

E' ainda por enquanto o logar em que se encontram alguns homens bem intencionados e imbuidos de certos ideiaes patrioticos, e principalmente bahianos, que desejam melhorar, no que estiver ao seu alcance, o meio em que vivem, fazel-o mais scientifico, mais culto, e portanto mais conhecedor de si mesmo.

Comprimenta estes homens, comprimenta o Instituto com jubilo os que lhe deram a honra d'esta demora aqui.

O Instituto apresenta o seu respeitoso agradecimento ao orgão do poder publico, um dos mais adeantados membros do governo civil que consolida hoje com moderação e com honra as instituições liberaes do Norte em nosso paiz.

Agradece esta honra e nota nos seus annaes esta data e os factos que prendem o nome do nobre visitante á historia do progresso e da vida moderna da Bahia, ao espirito elevado e judicioso que tem prestado mão forte e direcção esclarecida e energica aos melhoramentos de que o nosso Estado carecia de ha muito.

Saúda o funcionario e o representante do novo regimen que

á alta e severa comprehensão dos deveres á seu cargo allia o sentimento de austera simplicidade, de rigorosa moral que caracteriza os montanheseos laboriosos e sinceros, robustos e sobrios da sua terra, dos que idearam a inconfidencia ensanguentada, tragica e fecunda, ao filho da firme e gloriosa Minas, tão fino na sua gentileza cavalleira como o mais puro oiro dos veios das suas serras, como a mais clara agua das pedras preciosas dos seus caldeirões!

DR. BRAZ DO AMARAL

OFFERTAS

(JANEIRO A MARÇO)

—Pelo cidadão *Trajano Rodrigues*, por intermedio do socio Dr. Guilherme Pereira Rebello: Uma medalha cunhada em 1849 para commemorar o casamento do Sr. D. Pedro II, que teve logar no anno de 1843.

—Pelo cidadão *Antonio de Araujo Gomes de Sá*: Uma raiz de aroeira petrificada, e que foi encontrada na margem do tanque de Santa Luzia (estação do prolongamento), seis metros abaixo da superficie da terra.

—Pelo cidadão *Carlos Gonçalves Vianna*: La medicine traditionnelle et l'homœopathie, por J. Sabbatier; Année medicale et scientifique, por Moulet, Jacquement, Péchslie, et Cavalier; Materia medica ou pathogenésia homœopathica pelo Dr. Mello Moraes; Portugal agricultural; Le Hoangnan, remède tonquinois contre la rage, la lépre et autres maladies, por E. C. Lesserteur.

—Pelo cidadão *Eduardo Motta*: Um compendio de geographia da comarca de Camamú, pelo Dr. Alfredo Martins da Silva.

—Pelo socio capitão *Olavo de Freitas Martins*: Tres exemplares do Breviarum romanum; Ritual do arcebispado da Bahia; Theologia dogmatica; Virgilius Maronis; Ovidio, Metamorphoses; Breviario romano, pelo conego Miguel Antonio Ferreira; Antidoto celestial, impresso em 1761.

—Pelo Dez. *José Cardoso da Cunha*: Esboço orphanologico; ajudante juridico; traços judicarios; formularios de inventarios

e partilhas, adaptados á legislação do estado do Espirito-Santo; formulario contendo quesitos para julgamento perante o jury; guia policial, contendo modelos para autos de corpos de delicto, e outros; formulario para o processo administrativo dos contrabandos em flagrante delicto e sua execução, sendo autor de todos os opusculos o mesmo desembargador.

—Pelo socio Dr. *João Baptista Guimarães Cerne*: These apresentada para o concurso a uma vaga no tribunal de appellação deste Estado.

—Pelo cidadão *Atanagildo Barata Ribeiro*, 1º tendente reformado da armada nacional: O seu poema *Sonho no carcere*, um volume, dramas da revolução de 1893 no Brazil.

—Pela *secretaria do conselho geral de saude publica* deste Estado: Synopse dos trabalhos do conselho geral de saude publica do Estado da Bahia.

—Pelo socio Dr. *Braz Hermenegildo do Amaral*: Uma *gitirana-boia, fulgura lanternaria*, trazida do municipio do Prado (*neste Estado da Bahia*); *plombagina e minerio de ferro*, trazidos do municipio do Prado.

—Pelo socio Dr. *Mello Mattos*: Os ns. 5, 6, 7 e 8 da *Revista 13 de Maio*; A Escola, curso elementar de geographia moderna por Lery Santos; Carta pastoral do bispo do Pará, publicando as constituições dogmaticas do concilio do Vaticano; Pensylvania, estrada de ferro; um exemplar do orçamento do ministerio da Justiça par o exercicio de 1890; uma collecção da *Renascença* de 1894 a 1895; um compendio de geometria em inglez, por Euclides; um compendio de geographia astronomica, pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto; o 1º numero da *Gazeta Academica* da Faculdade Livre de Direito deste Estado.

—Pela redacção da *Revista do Instituto do Ceará*: O 3º e o 4º, trimestres de 1985, tomo 9º, sob a direcção do Dr. Guilherme Studart.

—Pelo *Excm. Dr. Governador deste Estado*: Um mappa representando a planta da nova capital do Estado de Minas Geraes—*Bello Horisonte*; 39 photographias dos trabalhos para o abastecimento d'agua em S. Paulo.

—Pelo socio tenente coronel *R. C. Aboes da Cunha*: o n. 41

da *Folha do Norte*, que se publica no Pará, a qual traz um mappa topographico do *Amapá*.

—Pelo sócio Dr. *Miguel de Teive e Argollo*: Um exemplar do jornal *O S. Francisco*, publicado ou editado pelo commercio da Bahia em homenagem ao mesmo Dr., por ocasião da inauguração da estação terminal do Joazeiro, da estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco.

—Pelo socio tenente coronel *Raymundo Cyriaco Alves da Cunha*: Biographia do Dr. Serzedello, o retrato do mesmo, e uns impressos relativos ao mesmo Dr. na sua chegada ao Pará.

—Pelo cidadão *Carlos Magno*: Uma ncta de vinte mil réis do tempo do imperio, 1ª serie, n. 284, fundo amarello.

—Pelo cidadão *João Silverio Guimarães*: Sua these de curso para a cadeira de physica, chimica inorganica e mineralogia da escola agricola.

—Pelo Dr. *Manuel Dias de Moraes*: *O mormo no homem*, these apresentada á Faculdade de Medicina da Bahia.

—Pelo socio coronel *Raymundo C. Alves da Cunha*: Revista de Educaçãõ e Ensino, n. 10 do vol. V; 2 exemplares da *Folha do Norte*; o balanço do thesouro publico do estado do Pará no exercicio de 1893 a 1894; 3 exemplares da Revista especial da exposiçãõ artistica e industrial do Lyceu Benjamin Constant; *El Pará* (Estados Unidos do Brazil) bellissimo livro sobre a inauguraçãõ e colonisaçãõ no Pará.

—Pelo socio Dr. *Tranquilino Torres*: Dissertaçãõ lida no Congresso Pedagogico Internacional de Buenos-Aires pelo Barãõ de Macahubas em 1882.

—Pelo socio Dr. *Eduardo Gomes Ferreira Velloso*: O consultor das fallencias, liquidações e registros; Memorandum em grãõ de revista em que é recorrente João Gualberto de Freitas.

—Pelo cidadão *Gonçalo de Athayde Pereira*: Uma planta da 2ª companhia de mineraçãõ das Lavras Diamantinas, onde foi encontrado o celebre carbonato negro.

—Pela *Empresa Editora de Bernardo da Cunha & C.*: d'esta capital : 2 exemplares do *Município*, numero especial de 7 de Janeiro, da cidade de Itaparica; varios exemplares dos *Puffs*

de um sertanejo, sobre a interminavel estrada de ferro do Joazeiro.

—Pelo conselheiro *Manoel Maria do Amaral*, por intermedio do socio Olavo Martins: O Livro azul, ou correspondencia relativa aos negocios de Portugal; Annaes historicos do Estado do Maranhão; Memoria sobre a cultura do tabaco, por Miguel Calmon da Pin e Almeida; A Inglaterra e seus tratados, pelo Dr. Mello Moraes; Ensaio sobre a regeneração das raças cavallares, pelo Dr. Burlamaque; Manual do mineralogico; Jornal de Coimbra; Cartas economico-politicas sobre o commercio e agricultura da Bahia; O córte do mangue, por Pedro Caldeira.

— Pelo socio *Olavo Martins*: Theologia moral (Gury) 2 vols.; Idem (Monte) 3 vols.; Idem (Martin) 3 vols.; Direito ecclesiastico (Monte) 3 vols.; Manual dos confessores (Gaume) 1 vol.





Poetas Bahianos

SECULO XVII

GREGORIO DE MATTOS GUERRA

Desde os tempos de sua iniciação que a nossa litteratura manifestou por seus poetas a tendencia separatista da metropole no gosto e na preferencia das descripções da natureza americana.

E' assim que dentre os chronistas e poetas do seu periodo de formação destaca-se o symphatico vulto do padre Anchieta, que por seus versos, autos e comedias escriptas em lingua tupy, mereceu do Dr. Mello Moraes Filho o titulo de fundador de nossa litteratura.

Mas a descripção d'uma paysagem ou costume de um paiz não é sufficiente para nacionalizar um litterato nem bastante para fundar uma litteratura; Anchieta era um estrangeiro, as suas obras escriptas em tupy só tinham por fim facilitar-lhe a catechese dos indigenas.

Era um meio artificial e não uma intuição creadora.

Na criteriosa opinião de Sylvio Romero, elle apenas foi um precursor.

Estava reservada a gloria de fundador da nossa litteratura ao maior vulto do século XVII, Gregorio de Mattos Guerra.

O celebre poeta era bahiano, a sua poesia era lyrica e satyrica, sem artificios, sem visar a um fim, cantava as bellezas naturaes que o cercavam e vergastava os vicios e os ridiculos de seu tempo; mas tudo isto naturalmente, de improviso quasi sempre, n'uma linguagem popular e facil, puramente brazileira, desquitando-se da imitação servil da litteratura portugueza.

Além disso o grande poeta appareceu quando devia, tinha o genio proprio para seu tempo e como prova do que avançamos, estudemos o meio em que elle viveu.

Travara-se a luta entre as tres raças constitutivas de nossa nacionalidade; o indigena vencido, e o soberbo *reinol* disputavam entre si a presa da rica colonia cultivada pelo negro escravizado. As duas raças mais fracas eram subpujadas pela portugueza e no meio da luta levantava-se o mestiço justamente pugnando pela sua independencia.

Lavrava o descontentamento, campejavam as pretenções e patenteava-se francamente a tendencia ao ridiculo mutuo entre as raças. Para destruir esta crise já não bastava a espada do guerreiro, era necessario o bisturi da critica e o latego da satyra.

A acção d'um poeta como Gregorio de Mattos impunha-se e ella se fez sentir.

O proprio padre Antonio Viera dizia: « mais se deve ás satyras de Mattos do que aos sermões de Vieira... » Elle foi o unico que saccudiu o jugo servil das bajulações com que os poetas de seu tempo offereciam as suas composições á nobreza, ao clero e á aparvalhada burguezia de então.

Passemos á sua biographia.

Gregorio de Mattos Guerra nasceu na Bahia no dia 7 de Abril de 1623, (*) sendo seus paes os abastados fazendeiros Pedro Gonçalves de Mattos e Maria da Guerra. João foi o seu nome de ba-

(*)—Valle Cabral—Obras Poeticas de Gregorio de Mattos, introducção do 1.º vol. Entretanto Varnaghen, Innocencio da Silva, J. de Vasconcellos e outros fazem o famoso poeta satyrico nascido dez annos mais tarde e a 20 de Dezembro.

ptismo mudado depois no sacramento da confirmação em Gregorio pelo bispo D. Pedro da Silva Sampaio.

A sua excellente educação litteraria começou no collegio dos jesuitas, onde, com seus irmãos mais velhos, Pedro e Eusebio de Mattos, foi collega de celebres poetas brasileiros d'entre os quaes os bahianos, Domingos Barbosa, Manuel Botelho de Oliveira, Gonsalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque e Gonsalo Soares da Fonseca.

Aos quatorze annos de idade seguiu para Coimbra em cuja Universidade formou-se em direito.

Saccudira ha pouco Portugal o pezado jugo hespanhol, mas nem os rasgos do pratriotismo luzitano, nem as saudades da patria foram incentivos capazes de despertar a sua musa. Não. O joven estudante preludiou logo em sua lyra a satyra ferina e o epigramma mordaz. O seu idéal era Rabellais, o seu autor modelo Quevedo, e já era tão refinado que a elle se referindo, o desembargador Belchior da Cunha Brochado escrevia n'um topico d'uma sua carta dirigida a um amigo em Lisboa:

«Anda aqui (em Coimbra) um estudante brasileiro tão refinado na satyra, que com suas imagens e seu tropos parece que baila Momo ás cançonetas de Apollo.»

Formado despediu-se de Coimbra maldizendo-a na seguinte satyra:

Adeus, Coimbra inimiga,
 Dos mais honrados madrasta,
 Que eu me vou para outra terra
 Onde viva mais á larga

(Florilegio vol. 1º. pag. 11.)

Chegando a Lisboa assentou banca de advogado, foi depois Juiz do Crime e de Orphãos, distinguindo-se tanto, que suas sentenças são citadas como modelo pelo celebre jurisconsulto Pégas.

Foi por esse tempo que em Lisboa o nosso poeta deu a prova mais cabal de que se elle era *um Rabellais forrado de Aretino e discipulo degenerado de Lucilio e Marcial*, como diz o conego

Pinheiro em sua *Historia Litteraria*, era tambem um homem de character, um homem honrado e justo.

Eis como Wolf em seu *Brésil Littéraire* narra o facto.

Tendo o poeta concorrido para a subida ao throno portuguez do regente D. Pedro II, este prometteu-lhe o primeiro logar vago no Supremo Tribunal de Justiça com a condicção de ir ao Rio de Janeiro syndicar do governo de Sá e Benevides o qual era injustamente perseguido por ser do partido contrario ao do regente; Gregorio recusou-se e por isto cahiu das boas graças reaes, voltando á sua provincia teve por companheiros de viagem o poeta Thomaz Pinto Brandão e o primeiro arcebispo da Bahia D. Gaspar Barata de Mendonça, o qual fez do poeta vigario geral, com ordens menores, e thesoureiro mór com murça de conego.

Em 1683 tendo tomado posse do cargo de arcebispo o successor de D. Gaspar Barata, Gregorio de Mattos malquistando-se com o novo prelado, exonerou-se de seus cargos de egreja para entregar-se exclusivamente á advocacia.

Sorriu-lhe de novo a fortuna, e em 1684 casou-se por amor com a honesta e pobre viuva D. Maria de Povos, a qual sendo muito espedaçada concorreu muito para a desharmonia que sempre existiu no lar.

Por esse tempo o genio sarcastico do Ovidio brasileiro, como o chama Perié, ou do *Boca do inferno* como o chamavam os seus contemporaneos, patenteou-se com furia; ninguem foi poupado á malignidade de suas satyras: governo, clero, cabido, seus mais intimos amigos e até sua propria mulher foram desapiadadamente victimas de seus motejos; dentre estas porém a mais endemoninhada é a satyra dedicada ao governador Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho, conhecido vulgarmente por *Braço de prata*.

Estas e outras produções o inimisaram geralmente com seus patricios, obrigaram-no a retirar-se para o reconcavo e a viver com amigos.

Em 1694 D. João de Alencastro succedeu no governo ao *Braço de prata*; voltou então para a Bahia o nossò poeta e tanto *bailou Momo ás cançonetas de Apollo* que o governador mandou prendel-o e desterral-o para Angola.

Velho, cheio de privações e na miseria, o poeta exilado con-

seguiu commover o governador de Angola que no fim de poucos mezes deixou-o voltar ao Brazil em navio que vinha para Pernambuco; á esta capitania chegou Gregorio tão velho, alquebrado e pobre que precisou esmolar o seu sustento!

Caetano de Mello e Castro, então governador, que o conhecera rico e considerado, deu-lhe uma pensão pecuniaria e um abrigo n'um hospital de caridade no qual falleceu em 1696 com 73 annos de idade e foi enterrado no hospicio de Nossa Senhora da Penha dos Capuchinhos francezes.

O que se deduz da biographia que rapidamente acabamos de esboçar é que Gregorio de Mattos Guerra era principalmente um poeta satyrico.

Filiado á eschola de Lucilio e Marcial que Rabellais aperfeiçoou, era Gregorio popular como Aristophanes, Gozzi, Molière, Antonio José e Gil Vicente; tinha a linguagem vulgar e grotesca de Pacuvio e mesmo obscena de Ennio e Nervio, e molhando a penna causticante de Juvenal no fel de Persio, attingia ás vezes a idealisação satyra, pura, fina e espirituosa de Horacio, Pope, Boileau, Diniz, Voltaire e Tolentino, sem preconisar o mal nem endeosar o vicio como Boudelaire, nem tão pouco chegar á perfeição de Apuleo, Cervantes, Swift e Lesage e muito menos a grandesa genial de Dante Alighieri.

Foi o precursor dos poetas bohemios e populares do Brazil, sem ser um ebrio, nem um maltrapilho desleixado e jogador, dos que julgam que todo o homem de talento deve morrer aos 19 annos no catre d'um hospital ou á porta d'uma taberna. Não tinha o precoce septicismo de convenção que desabrocha na lamuria pigas do ultra-romantico, no satanismo d'um Byron e d'um Alvarés d'Azevedo, na desbragada obscenidade do realista pornographico. Não se resentiam seus versos da nevrose mystica de Nerval nem do desespero de Chatterton, nem da ironia amargamente triste de Heine.

Não. Os seus versos corriam com o desleixo dos versos de João de Deus; eram feitos para o povo; não o preocupavam os cuidados da esthetica de Banville e Heredia.

Uma outra face de seu talento poetico era a poesia lyrica.

O seu lyrismo se não escoimou-se do amaneirado atavico da musa lusitana tambem não foi exagerado em subjectivismo.

Algumas amostras de sua poesia lyrica encontram-se no *Florilegio da Poesia Brasileira*, taes são: *A uns annos*, *A tempestade*, *Estando para morrer*.

No genero satyrico dos sonetos, epigrammas e satyras que completam o estudo de sua poesia os mais notaveis são: *Aos Caramurús da Bahia*, em que criticava as basofias dos pretendidos fidalgos indianos; *Aos encantos da vida religiosa*; *Aos namorados*.

Dos epigrammas são mais notaveis os dois seguintes:

A UM LIVREIRO QUE COMEU UM CANTEIRO DE ALFACES

Levou um livreiro a dente
De alfices todo um canteiro,
E comeu, sendo livreiro,
Desencadernadamente.
Porém eu digo que mente
A' quem d'isso o quer taxar;
Antes é para notar
Que trabalhou como um Mouro,
Pois metter folhas no couro
Tambem é encadernar.

AO MUSICO BRAZ LUIZ QUE LEVOU UMA RODA DE PÁO

Uma grave entoação
Vos cantaram, Braz Luiz,
Segundo se conta e diz—
Por solfa de fá bordão.
Pelo compasso da mão,
Onde a valia se apura,
Parecia solfa escura;
Porque a mão nunca parava,
Nem no ar nem no chão dava,
Sempre em cima da figura.

Qualquer d'elles podia ser assignado por Bocage.

*
*

O poeta teve uma vida agitada e cheia de engraçadas anedoctas, que juntas ao seu talento de repentista mereceram-lhe o nome de Bocage do seculo XVII, como o chama Sylvio Romero.

O seu biographo Manoel Pereira Rebello, que tentou publicar as suas obras completas em 4 volumes, mas só publicou o 1.º com todas as satyras, conta varias anedoctas em que o poeta se achou envolvido.

Frei João de S. José Queiroz, bispo do Grão-Pará em suas *Memorias* editadas por C. Castello Branco, conta a seguinte anedocta:

«Gregorio de Mattos morrera como impio, sem embargo de o exhortarem padres muito doutos, chegando o bispo de Pernambuco a ir pessoalmente dispol-o. Diz-se mais que, instado por aquelle benigno pastor a que se arrimasse e pedisse perdão a Deus, voltou-se, e vendo na mão um *Crucificado* com os olhos cobertos de sangue, proferira, tão impia como jocosamente, o sabido quarteto:

Quando meus olhos mortaes
Ponho nos vossos divinos
Cuido que vejo os meninos
Do Gregorio de Moraes.

Ora, os meninos d'este Gregorio de Moraes, seus visinhos, tinham os olhos inflammados!»

Os biographos negam porém este facto.

*
*

Sobre Gregorio de Mattos têm escripto, além de seu biographo já por nós citado, Sylvio Romero na *Litteratura Brasileira*, Conego Pinheiro nas *Historia Litteraria e Litteratura Nacional*, Perié na *Litteratura Brasileira*, Pereira da Silva nos *Varões illustres do Brazil* e no *Plutarco Brasileiro*, Dr. Macedo no *Anno Biographico Brasileiro*, Santa' Anna Nery no *Le Bresil*,

Wolf no *Bresil Litterarie*, Varnhagen no *Florilegio*, conego
Januario, Conselheiro Pereira da Sliva e Mello Moraes Filho em
seus *Parnasos Brazileiros*, etc. etc.

A obra, porém, de mais folego e mais recente é a que publi-
cou este anno no Rio de Janeiro o eminente critico Araripe
Junior, e que tem por titulo — *Gregorio de Mattos*.

O Dr. Araripe fazendo o estudo analytico do character e das
obras do poeta, accressenta :

«Gregorio de Mattos é toda a poesia do seculo XVII. Outros
terão subido mais na sublimidade do estro; nenhum, porém,
representou tão originalmente o genio do Brazil intelligente».

Bahia, 1895.

DR. MANOEL BRITO.



NECROLOGIA

AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES

Cabe-nos hoje registrar, n'estas paginas, o fallecimento de mais um conterraneo illustre e um dos nossos mais dignos socios.

Augusto Alvares Guimarães, o invencivel jornalista bahiano, eis o nome d'aquelle cujo passamento vamos inscrever, entre os prantos de nossa saudade e o pesar da terra que lhe foi berço e tumulo gloriosos.

Após nove dias de molestia, entre os quaes, por instantes, chegaram a transluzir á familia e aos amigos esperanças de restabelecimento, finou-se o emerito publicista ás 11 horas e 50 minutos da noite do dia 17 de Março proximo passado, rodeado da esposa e das filhas, de seu medico assistente, o Dr. Anysio Circundes de Carvalho, e diversos amigos.

A noticia do triste acontecimento foi recebida com geral e profunda consternação, sentimento de que já era presa a população ao espalhar-se, n'aquelle dia, a nova da aggravação fatal de seus padecimentos, produzida por um derramamento cerebral.

A' casa de sua residencia, á ladeira da Soledade, começaram a affluir amigos e pessoas de todas as classes, entre as quaes

muitas das que receberam os multiplos beneficios de seu liberalissimo e bondadoso coração, para apresentar á illustre viuva e suas desoladas filhas os sentimentos de pezar de que estavam possuidas.

No dia seguinte ás 4 horas da tarde, o corpo, que houvera sido posto em caixão de zinco, hermeticamente fechado, foi trasladado para a capella central da Misericordia, em um bond mortuario da companhia de carris *Trilhos Centraes*, seguido de seis outros carros de acompanhamento.

Era numerosissimo o prestito, composto de representantes de todas as classes. Levado a mão de casa até a estação da Solidade, e da Praça dos Veteranos até a igreja da Misericordia, foi ali o feretro collocado sobre modesto catafalco, segundo manifestara em vida Augusto Guimarães, cuja proverbial modestia foi sempre um dos mais bellos ornamentos de sua alma.

Com a redacção e pessoal typographico do *Diario da Bahia*, do qual era Augusto Guimarães redactor-chefe e em cujo seio contou sempre a mais sincera, franca e respeitosa estima, fizeram-lhe guarda ao corpo, durante a tarde e a noite, em turnas que se revesavam de 3 em 3 horas, redactores dos jornaes da capital, homens de letras e os correspondentes de *Paiz* e do *Jornal do Brazil* da capital federal.

No dia 19, pelas 10 horas da manhã, após a celebração de uma missa e dos officios funebres, effectuou-se o sahimento para o cemiterio do Campo-Santo. O caixão estava coberto de numerosissimas e ricas grinaldas funebres; sendo algumas levadas em carro.

Era enorme o prestito, constituido de commissões de corporações politicas, scientificas e litterarias, associações litterarias, scientificas e de beneficencia, avultado numero de amigos politicos e parentes; destacando-se no prestito toda a redacção do *Diario da Bahia*, administrador e corpo typographico e officinas annexas, redacções d'esta *Revista*, *Jornal de Noticias*, *Estado da Bahia*, *Correio de Noticias*, *Diario de Noticias*, *Gazeta de Noticias*, representantes do *Jornal do Brazil*, do *Paiz*, e da *Nocicia* do Rio de Janeiro.

O corpo foi conduzido a mão até o alto de S. Bento, onde

foi posto no coche funerario, sendo acompanhado até o cemiterio por avultado numero de carros.

No trajecto foram lançadas flores em profusão sobre o feretro.

A pé e a bond seguiram para o cemiterio amigos e cidadãos de todas as classes para assistir á inhumação, que foi feita no jazigo perpetuo da familia do illustre morto.

Recebido ahí e cantados os officios funebres, foi levado o corpo á sepultura, ante a qual fallaram, exalçando-lhe as qualidades do character e os resultados beneficos de sua missão de escriptor e jornalista, os Srs. Drs. Jayme Villasboas, em nome do directorio do partido constitucional, de que fazia parte o conspicuo cidadão, Freire de Carvalho Pae e Cezar Zama, em nome do *Diarioda Bahia*.

O poeta rio grandense Mucio Teixeira, amigo do finado, recitou uma sentida poesia sua, que, como os discursos proferidos, consternou profundamente as pessoas presentes.

Então foram encerrados no tumulo sobre profusa alcatifa de flores os despojos do benemerito bahiano.

Os testemunhos de pesar dados por occasião do infausto acontecimento que hoje registramos, têm a eloquencia de um grande sentimento nacional.

Não os prestaram somente os amigos cujo coração se estreitava em leal e entranhada estima com o do pranteado extinto.

Foram significados por todos os orgãos do sentimento popular, que não se podiam furtar a esse dever para com aquelle que, no constante lidar da vida jornalística, pois a sua penna, sempre triumphante, esteve ao serviço das grandes causas da justiça, do direito e do bem, não procurava outra remuneração que a certesa de haver cumprido um dever; porque estava convencido de que o patrimonio da communhão, superior aos seus proprios interesses exigia o seu apoio, e elle não lh'o devia recusar.

E não o recusou nunca.

D'ahi as homenagens da imprensa, que se cobriu de luto e

lhe consagrou á memoria amada honrosissimos artigos; os votos levados ao seio da familia e dados de publico por tantas e tão respeitaveis agremiações.

Com as poucas linhas que aqui deixamos, cumprindo o dever de operarios da imprensa bahiana e de sinceros companheiros na trabalhosa tarefa que nos impuzemos em proveito da historia patria, de que era Augusto Guimarães emerito cultor, consorciando ao pranto da familia a nossa profunda saudade, deixamos cahir sobre a sua sepultura um punhado de flores da nossa admiração pelas suas altas qualidades civicas e pela superioridade da sua robusta e culta intelligencia.

MARQUEZ DE MURITIBA

No dia 22 de Março falleceu na Capital Federal, na idade de 89 annos, o nosso eminente conterraneo Dr. Manoel Vieira Tosta, Marquez de Muritiba, talvez o decano dos senadores do extinto imperio, onde desempenhou papel saliente como magistrado, politico e homem de governo.

O *Jornal do Commercio*, dando noticia da morte do grande brasileiro, publica os seguintes dados biographicos:

«A sua vida, e os seus feitos e os seus serviços são paginas dos episodios mais notaveis da nossa historia contemporanea.

Pertencia áquella forte geração da minoridade a que o Brazil deve a organização politica e administrativa que deu-lhe com meio seculo de liberdade, a paz e a ordem necessarias ao trabalho e ao estudo de que tiramos as riquezas e o progresso que hoje gozamos. Foi um varão forte e um patriota que soube aproveitar os exemplos de abnegação e dedicacão á causa da patria que lhe derão os grandes brasileiros, que vio e conheceu na sua mocidade.

A sua carreira politica só findou-se quando a fadiga e as molestias de uma idade avancada o obrigarão a retirar-se do campo em que ferira tantos combates e tão bons serviços prestára.

Manoel Vieira Tosta, 1.º barão, 1.º visconde e 1.º marquez de

Muritiba, nasceu na cidade da Cachoeira (Bahia) a 12 de Julho de 1807. Seus pais, fazendeiros naquelle municipio, depois de dar-lhe um curso completo de humanidades, mandarão-no em 1824 para a universidade de Coimbra, onde elle se matriculou no anno seguinte.

Era elle estudante da famosa universidade portugueza, tendo por condiscipulo outro brasileiro que havia de deixar aos posterros como exemplo de saber o nome do Visconde de Uruguay. Quando rebentou a revolução liberal, Manoel Vieira Tosta alistou-se no batalhão D. Pedro IV e nelle pelejou com coragem e com distincção. O Governo de D. Miguel fê-lo sahir de Portugal, quando faltava-lhe um anno apenas para formar-se.

Foi para Paris e ahi soube que havia sido expulso da universidade por ter sido praça do batalhão D. Pedro. Em Paris aperfeçoou os seus estudos de direito e de economia politica seguindo nesta sciencia o curso do celebre economista João Baptista Say. Só voltou ao Brazil em 1830.

Aqui já encontrou funcionando as duas faculdades de direito; de S. Paulo e de Olinda. Formou-se em 1831 na de S. Paulo, merecendo um dos premios academicos.

Nesse mesmo anno foi nomeado juiz de fóra de Cabo Frio e Macahé, lugar que exerceu até 1833 quando foi promulgado o Codigo Criminal. Pela nova lei poudo ser nomeado juiz de direito em diversas comarcas, e entre ellas na da Cachoeira, sua terra natal, onde debellou a sedição da villa de Pedra Branca.

Foi então eleito deputado á assembléa provincial da Bahia.

Rebentando a revolta de 1837, conhecida pelo nome de *Sabinada*, o Dr. Manoel Vieira Tosta que já dera mostras da energia dos seus actos, apressou-se a voltar a sua comarca cujos termos defendeu com animo inabalavel.

Levantou soldados, formou batalhões, comprou armas e munições que mandou contra os sitiantes da capital. Seu irmão, o coronel Jeronymo Vieira Tosta, commandante de um desses batalhões, defendeu a villa da Feira de Sant'Anna, impedindo que os rebeldes nella entrassem.

Em 1838 foi eleito deputado á assembléa geral pela então provincia da Bahia.

Sustentou então o ministerio conservador de 19 de Setembro, affirmando aquellas idéas conservadoras que nunca abandonou.

Depois de exercer por mais dous annos a magistratura na Bahia, foi nomeado em 1843 desembargador da Relação de Pernambuco. Nessa época era pela terceira vez deputado provincial. Da Relação de Pernambuco passou pouco depois para a da Bahia, exercendo tambem o cargo de chefe de policia. Foi desse cargo que passou á sua primeira presidencia de provincia, a de Sergipe.

Na legislatura de 1848 voltou, á Camara dos Deputados. É uma época assignalada de sua vida esta em que depois de ter recusado a presidencia do Maranhão, acceitou a de Pernambuco então agitada pelo partido da *Praia*, que tinha como chefe um patriota de grande prestigio—Nunes Machado. Dissertação contemporaneos do Dr. Manoel Vieira Tosta, que elle recusara tambem essa presidencia, para que não o acoimassem de cobardia. A situação de Pernambuco era com effeito muito grave depois da annullação do senador eleito e escolhido Chichorro da Gama.

Contribuiu poderosamente para a derrota dos praieiros e no cereo do Recife em 1849 não quiz abandonar a cidade, dando o exemplo de dedicação á sua causa aos soldados da guarnição.

No Ministerio do Marquez do Paraná, 1849, foi nomeado Ministro da Marinha, tendo organizado a expedição naval que venceu em Tonelero sob as ordens de almirante Greenfell. Sendo ministro veio na lista triplíce pela Bahia, e foi escolhido senador do imperio em Março de 1851.

Em 1853 foi transferido da Relação da Bahia para a da então Côrte, e em 1855 nomeado presidente do Rio Grande do Sul. Nesse posto recebeu o exercito victorioso em Monte-Caseros que voltava á patria.

Foi nessa época que o cholera flagellou o Rio Grande do Sul e dando o seu presidente o exemplo de dedicação e de impavidez na debellação da epidemia,

Deixando o Ministerio da Justiça em 1859 só voltou ao Governo a 16 de Julho de 1868 com o Visconde de Itaborahy que confiou-lhe a pasta da guerra. Nesse posto teve de organizar os elementos da ultima victoria no Paraguay com o duque de Caxias e o Conde d'Eu.

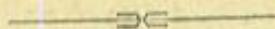
Feita a paz, com tacto superior regulamentou na melhor ordem

a volta dos batalhões de voluntarios e da guarda nacional ás suas respectivas provincias. Foi como Ministro da guerra que referendou o decreto de 1870, mandando celebrar por conta do Estado e pela terminação da guerra, festas congratulatorias, festas que a opposição liberal denominou de barracão.

Retirando-se do Ministerio com o Visconde de Itaborahy em 1870 nunca mais voltou ao Governo. Os seus ultimos annos passaram-se fóra da politica activa, e com o advento da republica recolheu-se á vida privada.

Nessa longa carreira fóra remunerado com honras e distincções honorificas: commendador da ordem de Christo em 1841, dignitario da ordem do Cruzeiro em 1849, commendador da ordem da Rosa em 1858, barão de Muritiba com grandeza em 1855, visconde e marquez do mesmo titulo em 1872. Era membro do Conselho de Estado desde 1849.

VARIETADES



A catastrophe do Krakatoa

O grande cataclysmo vulcanico de Krakatoa, no estreito da Sonda, (Oceania) que teve logar a 26 de Agosto de 1883, produziu, além de outros phenomenos, o desaparecimento do vulcão de Krakatoa, e a morte de milhares pessoas.

Avaliou-se em cerca de um *kilometro cubico* o volume de massa do rochedo, de constituição vulcanica, que, de repente, abateu-se e desapareceu no Oceano.

Este desabamento fôra precedido por uma violenta erupção de materias em ignição, blocos de consistencia rochosa, grande quantidade de cinza, e até de *lama*. Durante muitas horas produziu-se uma verdadeira chuva d'estas materias, que chegaram a cobrir os convés dos navios ancorados d'entro de um raio de alguns kilometros, em torno do vulcão.

A violencia do abalo produzido no Oceano levantou ondas de 30 metros de altura, que se precipitaram sobre o continente, arrastando com sigo navios e embarcações, e deixando estes, ao retirar-se, depositados em terra firme, a mais de um kilometro do litoral.

A sciencia registrou outros phenomenos.

A quantidade de poeiras projectadas no seio da atmospherã foi tal, e estas elevaram-se a alturas tão consideráveis, que foram atrastadas pelas correntes aereas, em diversas direcções, obs-

curecendo a luz do sol em muitos pontos do globo, situados a grandes distancias.

Da commoção produzida no Oceano e na atmospherá resultou a formação de ondas aereas e oceanicas, que se propagaram em volta do nosso globo e que foram scientificamente verificadas.

Um novo Pitheconthropus?

Um novo typo ethnico parece ter sido descoberto no Brazil e que, pelas descripções feitas pelo Dr. Nehring, deve rivalisar-se com o celebre Pitheconthropus descoberto em Java pelo Dr. Dubois. Trata-se de um craneo encontrado em uma ilha existente na bahia de Santos, de mistura com instrumentos de pedra, e cujos caracteres, segundo a opinião do Dr. Nehring, pertencem a um craneo humano, mas sem representante actual. Entre varios caracteres denunciando um craneo de homem primitivo, revelam-se outros que o fazem semelhante aos chimpanzés. A colote cromana indica uma forma de transição entre o homem e os primatas superiores. Os diametros do cromo e o seu volume fazem-no bastante analogo ao do Pitheconthropus, de Dubois.

Esta semelhança entre dois individuos, um de Java e outro do Brazil, ambos revelando traços e signaes evidentes de uma phase transitoria do actual e os primatas superiores, deve ficar registrada pela sua enorme importancia scientifica.

Homem petrificado

Em Maio de 1863 foi encontrado junto a Gravelly Ford, na California, um homem petrificado.

As fôrmas do corpo estavam perfeitamente conservadas. Estendido sobre um rochedo, na attitude de dormir, uma das pernas estava um pouco curvada, e a outra, que era de páo, adquiriu a solidez de pedra.

Quando se quiz mover essa massa inerte, conheceu-se que adheria fortemente à rocha. Uma especie de cimento, formado

pela humidade e as agglomerações mineraes, tornavam o homem e o granito uma peça homogenea e inseparavel.

Esta estatua natural foi um dos mais curiosos monumentos que se poderia encontrar.

Troglodytas modernos

Segundo informações colhidas em revistas estrangeiras, diz-se, que o capitão inglez Larymore, em serviço na costa do Ouro, na Guiné, encontrou, na região que se estende para além do Koranzas, em um territorio inexplorado, uma raça de homens brancos habitando cavernas.

Os documentos conhecidos até hoje fazem d'estes homens um typo louro, de cabellos louros e olhos azues, robustos e intrepidos. Vivem n'essa região n'uma independencia completa e na maxima liberdade primitiva. Repellem os estrangeiros e dão caça aos negros quando procuram invadir o seu territorio.

A ser assim, temos ahí novos troglodytas, restos talvez de todo um passado, cujos pontos de ligação com as raças actuaes se podem descobrir entre os Tuoregas e os povos do Alto Niger.

Cemiterio romano

Ha pouco descobriu-se em Carmona (Hespanha) um cemiterio romano.

Depois do descobrimento d'esta necropole procedeu-se a varias escavações, encontrando-se mais de 100 sepulturas, todas muito curiosas e bem conservadas que accusam a mais remota antiguidade.

Os objectos encontrados são numerosos e de grande valor artistico e historico.

A especial configuração das sepulturas está sendo objecto de estudo pelos entendedores, que dizem ser aquelle cemiterio um inexgotavel thesouro da civilisação romana.

As regiões não exploradas do globo

Lê-se no *Diario Official*, da Capital Federal, de 15 de Fevereiro proximo findo.

Ultimamente no Congresso de Geographia de Londres o Sr. Logan Tobley indicou as regiões não-exploradas.

Eis o total a que chegou, em milhas quadradas (a milha tem 1.609 metros):

Africa	6.500.000	milhas quadradas
Australia	2.250.000	» »
America do Norte	1.500.000	» »
America do Sul	500.000	» »
Asia	250.000	» »
Ilhas diversas	500.000	» »
Regiões arcticas	3.500.000	» »
Regiões antarcticas	5.000.000	» »

N'este computo não estão incluídas as regiões imperfeitamente conhecidas da Asia central e de outras partes do mundo.

Uma montanha em marcha

De Paris passaram a 28 de Fevereiro ultimo este telegramma para o nosso collega o *Jornal do Brazil*.

Paris 28.—Despertou grande curiosidade scientifica uma montanha do departamento do Gard, caminhando 15 pés por dia, fazendo um ruido espantoso.

Trabalha-se activamente para mudar o leito do rio afim de evitar a interrupção da nevegação.

A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro

Este importante repositório do saber humano, fundado em 1810 por D. João VI, tem tomado n'estes ultimos tempos progressivo desenvolvimento tal, sobretudo depois da proclamação da Republica, que pode ser considerado a mais rica, a mais opulenta bibliotheca da America do Sul.

O seu grande edificio está com os 3 andares e os terraços lateraes que se lhe ajuntaram, inteiramente tomados, com estantes, que já não tem espaço para receber mais com a folga necessaria.

As denominadas *miscelaneas*, que contêm em si uma riqueza incalculavel em folhetos e opusculos, já ascendem quasi ao numero de 1000.

A totalidade dos volumes, grandes e pequenos em sua maxima parte de obras antigas, que era em 1894 de 226. 282 volumes, subiu em 1895 a 230. 877.

A secção de manuscritos, inclusive numerosos *codices* vetustos, que se computava ha 20 annos em 42. 000, conta hoje 181. 180 documentos classificados.

A secção de numismatica cresceu tão rapidamente que accusa a existencia de 22.869 peças numismaticas (moedas e medalhas).

A secção iconographica, que no tempo do Dr. Brum, seu zeloso organisador, era por 30.000 gravuras, litographicas, conta actualmente 100.027, das quaes 18.847 lhe advieram da generosa offerta do ex-imperador, que ali tem a denominação de « Colleção D. Thereza Christina Maria ».



SUMMARIO DO N. 7

	Paginas
MEMORIA DESCRIPTIVA DO MUNICIPIO DE CONDEUBA (continuação dos ns. 4 e 5).	3 ✓
UMA PAGINA DA HISTORIA DO BRAZIL (continuação do n. 6).	25 ✓
A ILHA DA TRINDADE (continuação do n. 6.	39 ✓
AS FORTALEZAS DA BAHIA	51 ✓
APONTAMENTOS PARA A HISTORIA ECCLESIASTICA DO BRAZIL.	65 ✓
HOMEM COM CAUDA.	73 ✓
ESTRADA DE FERRO DA BAHIA AO S. FRANCISCO :	
Inauguração da Estação do Joazeiro	77 ✓
Descripção do trecho inaugurado.	93 ✓
ACTAS DAS SESSÕES :	
Sessão extraordinaria de 1º de Março.	97 ✓
Discurso do Dr. Braz do Amaral	98 ✓
POETAS BAHIANOS :	
Gregorio de Mattos Guerra	107 ✓
NECROLOGIA :	
Dr. Augusto Alvares Guimarães	115 ✓
Marquez de Muritiba	118 ✓
VARIÉDADES	123 ✓